

Michael Ende

O ESPELHO NO ESPELHO

UM LABIRINTO

(1984)

Tradução: Reinaldo Guarany

O AUTOR

Michael Ende, nascido em 1929, filho do pintor surrealista Edgar Ende, vive desde 1971 com sua mulher, a atriz Ingeborg Hoffmann, no campo ao sul de Roma. Seus livros mais importantes são Momo (1973) e A História Sem Fim (1979) – ambos já publicados no Brasil – Jim Knopf (1960), Gauklarmarchen (1982) e Phantasie/ Kultur/Politik (1982). Seus livros foram traduzidos para mais de 25 idiomas, alcançando uma tiragem de mais de 4 milhões de exemplares. Michael Ende obteve vários prêmios literários na Alemanha e em outros países.

Ao meu pai,

Edgar Ende

PERDOE-ME, EU NÃO POSSO FALAR MAIS ALTO.

Eu não sei quando você vai me ouvir, você, a quem me dirijo.

E será que você vai me ouvir?

Meu nome é Hor.

Eu lhe rogo, coloque seu ouvido perto da minha boca, por mais longe que você esteja de mim, agora ou em qualquer momento. Caso contrário, não conseguirei me fazer entender por você. E mesmo que você consinta em atender meu pedido, ainda assim muitas coisas não serão ditas, e você as ter de completar por sua conta. Precisa da sua voz, sempre que a minha ficar presa na garganta.

Essa fraqueza pode ser explicada talvez pela maneira como Hor mora. Na verdade, até o ponto em que ele consegue recordar-se do passado, Hor reside em um gigantesco prédio completamente vazio, no qual qualquer palavra pronunciada em voz alta provoca um eco sem fim.

Até o ponto em que consigo me recordar do passado. Que quer dizer isso?



Às vezes, em suas perambulações diárias através das salas e corredores, Hor ainda se encontra com uma ressonância errante de um grito qualquer que ele emitiu espontaneamente, sem pensar, tempos atrás. Para ele, e um grande tormento deparar-se com seu passado dessa maneira, sobretudo porque a palavra escapada de seus lábios perdeu forma e conteúdo nesse meio tempo, tornando-se irreconhecível. Agora, Hor já não emite mais esses balbucios idiotas.

Ele se acostumou a usar sua voz – quando a usa – apenas abaixo do limite capaz de produzir um eco. Esse limite situa-se um pouco acima da voz normal, pois esta casa tem ouvidos incrivelmente apurados.

Sei que estou pedindo demais, mas você terá até mesmo que prender a respiração, caso esteja empenhado em ouvir a palavra de Hor. Seus órgãos da fala desapareceram pelos seus muitos silêncios – eles se transformaram.

Hor não poderá se dirigir a você com uma clareza maior, típica da voz que você escuta pouco antes de adormecer. E você terá que manter o equilíbrio na estreita fronteira entre o sono e a vigília – ou flutuar como aqueles para quem em cima significa a mesma coisa que embaixo.

Meu nome é Hor.

Seria melhor dizer: eu me chamo de Hor. Pois, quem a não ser eu mesmo me chama pelo meu nome? Já disse que a casa está vazia? Quero dizer, completamente vazia? Para dormir, Hor recolhe-se a um canto, ou então se deita onde estiver, até mesmo no meio de uma sala, caso suas paredes estejam bem distantes.

Hor não tem problemas com a alimentação. A substância da qual são feitas as paredes e colunas é comestível... bem, pelo menos para ele. Trata-se de uma massa amarelada e um pouco transparente, cuja ingestão aplaca rapidamente a fome e a sede. Além disso, as necessidades de Hor a esse respeito são bem pequenas.

O passar do tempo não significa nada; ele não tem nenhuma possibilidade de medi-lo, a não ser o batimento de seu coração. Mas isso é bem diferente. Hor não conhece os dias e as noites, cerca-o uma penumbra sempre igual.

Quando não está dormindo, ele fica vagando por aí, sem qualquer objetivo. Trate-se simplesmente de um impulso. de uma necessidade cuja satisfação lhe dá prazer. Nessa perambulação, raramente acontece de ele chegar a um aposento que suponha reconhecer, que lhe pareça familiar, como se ele já estivesse estado ali uma vez, em tempos imemoriais. Por outro lado, com frequência, alguns sinais indicam infalivelmente que ele já esteve alguma vez no lugar pelo qual está passando: um canto de parede mordido, por exemplo, ou um monte de excrementos ressecados. Esse mesmo aposento, porém, é tão estranho para Hor como qualquer outro. Talvez os aposentos se transformem na ausência de Hor; quem sabe, eles crescem, alongam-se ou encolhem? Quem sabe seja inclusive a passagem de Hor que provoca tais transformações? Ele, no entanto, não gosta de pensar nisso.

Acho impossível que além de Hor more mais alguém na casa. Todavia, pela incrível extensão do prédio, não existe prova alguma a esse respeito. Assim, é tão impossível, quanto provável.

Muitos quartos têm janelas, que por sua vez se abrem para outros aposentos, os quais são frequentemente maiores. Apesar de até o momento a experiência não lhe ter ensinado outra coisa, Hor é às vezes levado a imaginar que um dia chegará a uma íntima parede exterior, cujas janelas proporcionarão a visão de algo total-mente diferente. Hor não é capaz de dizer o que seria essa coisa diferente, mas vez por outra ele se abandona a longas considerações sobre isso. Seria fuso afirmar que ele anseia francamente por uma tal visão – trata-se apenas de uma espécie de jogo, de um imaginar em torno de uma gama de possibilidades, sem qualquer intenção prévia. Algumas vezes, é verdade, Hor desfrutou em seus sonhos dessas visões, mas sem que delas tivesse conservado qualquer lembrança que pudesse ser recordada após despertar. Ele sabe apenas que um processo desse tipo foi vivenciado e que, na maioria das vezes, despertou banhado em lágrimas. Porém, Hor não entende o significado do sonho; ele o cita apenas por seu caráter curioso.

Eu me expressei mal. Hor nunca sonha e também não tem nenhuma recordação própria. Mesmo assim, toda sua existência é cheia de medos e delícias das vivências que assaltam sua alma de acordo com a lembrança repentina.

Todavia, nem sempre. Às vezes, sua alma permanece tranqüila durante um longo tempo, como um espelho d'água inerte; noutras ocasiões, essas vivências precipitam-se de todos os lados sobre ele, acossando-o, golpeando-o como relâmpagos, de tal modo que Hor corre pelos corredores vazios, cambaleando, até cair esgotado, deitando-se e capitulando – Hor é indefeso a essas vivências.

De acordo com a lembrança repentina. Fui eu que disse isso?

Eu me chamo Hor.

Mas quem é esse: eu... Hor. Afinal, será que sou apenas um? Ou será que sou dois e tenho as vivências desse segundo? Sou muitos? E todos os outros que sou eu vivem lá fora, do outro lado daquela última parede exterior? E todos eles nada sabem sobre suas vivências, nem sobre suas recordações – então, elas não têm lugar neles que estão do lado de fora? Ah, mas elas permanecem com Hor, vivem a vida dele, assaltam-no sem nenhuma misericórdia. Elas confundem-se com ele que as arrasta atrás de si como uma cauda que desliza infinita através das salas e quartos, sempre crescendo e crescendo.

Ou será que existe algo entre eu e vocês aí fora – seja um ou sejam muitos –, algo que os torne unidos a mim, como as abelhas à rainha? Vocês me sentem, membros de meu corpo espalhado? Escutam minhas palavras inaudíveis, agora ou em qualquer momento? Porventura você procura por fim, meu outro? Por Hor, que é você mesmo? Por sua lembrança que está comigo? Por acaso nos aproximamos um do outro através dos aposentos infinitos, como estrelas, passo a passo, imagem por imagem?

E será que um dia nos encontraremos, hoje ou em qualquer tempo?

E o que seremos então? Ou não seremos mais? Ou será que nós iremos nos anular um ao outro, como o Sim e o Não?

Mas, uma coisa, então, você verá: eu conservei tudo fielmente.

Meu nome é Hor.

O FILHO SONHARA COM ASAS SOB A SÁBIA INSTRUÇÃO DE SEU PAI E MESTRE. Ele as formara no decorrer de muitos anos, pena por pena, músculo por músculo, articulação por articulação, nas longas horas do trabalho do sonho, até que elas foram assumindo cada vez mais sua forma. Ele fizera com que elas brotassem no lugar correto, em suas omoplatas (foi muito difícil para ele, distinguir em sonho as próprias costas de maneira exata) e, pouco a pouco, aprendera a movê-las convenientemente. Sua paciência passara por uma dura prova ao continuar com o exercício até que, após infinitas tentativas mal-sucedidas, ele esteve em condições de, pela primeira vez, erguer-se no ar durante um curto lapso de tempo. Graças à cega amizade e rigor com que seu pai o conduziu, ele ganhou então confiança em sua obra. Com o decorrer do tempo, ele acostumara-se tanto com suas asas que passou a vivenciá-las como parte de seu próprio corpo, de tal modo que chegava a sentir dor ou bem-estar nelas. Por fim, acabou por apagar da lembrança os anos que passara sem asas: era como se elas houvessem nascido com ele, como seus olhos ou mãos. Ele estava pronto.

Não era proibido de maneira alguma sair do labirinto. Pelo contrário: aquele que conseguia, era visto como um herói, como um redimido, e durante muito tempo as pessoas contavam sua saga. No entanto, isso só era permitido aos felizes. As leis às quais estavam sujeitos todos os habitantes do labirinto eram paradoxais, mas irrevogáveis. Uma das principais rezava que somente aquele que sair do labirinto poderá ser feliz, entretanto só poderá escapar dele quem for feliz.

Mas foram raras as pessoas felizes no decorrer dos milênios. Quem estivesse pronto para se arriscar à tentativa deveria, antes, se submeter a uma prova. Se a pessoa não passasse na prova, não seria punida, mas sim seu mestre. E a punição era dura e terrível. Naquele dia, o rosto de seu pai ficara bem sério ao lhe dizer:

– Esse tipo de asas só suporta aqueles que sejam leves. Mas só a felicidade deixa alguém leve. – Depois, contemplou o filho durante um longo tempo com um olhar interrogador e, finalmente, perguntou: – Você é feliz?

– Sim, pai, sou feliz – fora sua resposta.

Ah, se assim fosse, então não haveria perigo algum! Ele era tão feliz que achava que poderia flutuar mesmo sem asas: ele estava amando. Ele amava com todo o fervor de seu coração de jovem. Amava com abandono e sem qualquer sombra de dúvida. E sabia que seu amor seria correspondido igual e incondicionalmente. Sabia que a amada estava esperando por ele, que no fim do dia – após passar na prova –, iria encontrá-la em seu quarto azul-celeste, quando ela se aninharia em seus braços, leve como um raio de lua, e eles se ergueriam sobre a cidade nesse abraço infinito e deixariam seus muros para trás, como se fossem um brinquedo para o qual já estivessem crescidos demais. Voariam sobre outras cidades, sobre bosques e desertos, montanhas e mares, cada vez para mais longe, até as fronteiras do mundo.

Sobre o corpo nu, ele nada portava além de uma rede de pescador, a qual se arrastava como uma longa cauda pelas ruas e vielas, corredores e quartos. Era assim que ele queria o cerimonial nessa última e decisiva prova. Ele tinha certeza de que iria cumprir a tarefa que lhe fosse apresentada, apesar de não a conhecer. Ele sabia apenas que tal tarefa sempre correspondia por completo à particularidade do examinando. Assim, nenhuma prova se assemelhava à de outra pessoa. Podia-se dizer que a tarefa consistia em adivinhar, com base no verdadeiro autoconhecimento, no que consistia a própria tarefa. A única disposição rigorosa que ele deveria

seguir rezava que, em nenhuma circunstância durante o curso da prova (portanto, até o pôr-do-sol), ele teria permissão para entrar no quarto azul-celeste da amada. Caso contrário, seria imediatamente desclassificado.

Ele sorriu em seu íntimo da severidade quase colérica com que seu venerado e bondoso pai lhe comunicara essa disposição. Ele não estava sentindo a mínima tentação de transgredi-la. Isso não representava nenhum perigo para ele; nesse ponto, estava despreocupado.

No fundo, ele jamais pudera compreender toda" essas histórias, nas quais uma pessoa .sentia-se terrivelmente impelida a violar uma disposição desse tipo Em sua marcha através das desconcertantes ruas e prédios da cidade-labirinto, várias vezes ele já havia passado por aquele edifício em forma de torre, em cujo andar superior, próximo do telhado, morava a amada, sendo que por duas vezes chegara diante da porta dela, na qual estava o número 401. E nessas ocasiões ele passara de lado, sem ao menos parar. Mas isso não podia ser a própria prova. Ela seria fácil demais, muito fácil.

Por toda parte, onde quer que ele chegasse, encontrava pessoas infelizes, que o contemplavam com olhos admirados, ansiosos ou também invejosos. Ele conhecia muitos deles de tempos atrás, embora esses encontros jamais pudessem ocorrer de maneira intencional. Na cidade-labirinto, a situação e disposição das casas e ruas transformavam-se ininterruptamente, o que tornava impossível marcar encontros. Todo e qualquer encontro ocorria por acaso ou por fatalidade – conforme a pessoa quisesse interpretá-lo.

Uma vez, o filho observou que a rede que se arrastava atrás dele havia sido segurada e ele se virou. Viu então sentado sob um arco de portão um mendigo entrelaçando uma de suas muletas na malha da rede.

– Que está fazendo? – perguntou ele.

– Tenha piedade! – respondeu o mendigo com voz rouca de emoção. – Não vai lhe incomodar nem um pouco, mas vai me facilitar em muito. Você é um feliz e escapará do labirinto. Mas eu ficarei aqui para sempre, pois nunca serei feliz. Por isso eu lhe peço, leve consigo pelo menos uma pequena parcela da minha

infelicidade. Assim eu também poderei participar pelo menos um pouquinho da sua escapada. Isto me serviria de consolo.

As pessoas felizes raramente são impiedosas: pelo contrário, geralmente tendem à compaixão e querem que os outros participem de sua abundância.

– Está bem – disse o filho –, fico contente por poder fazer-lhe um favor com tão pouco.

Já na esquina seguinte ele encontrou uma aflita mãe vestida com farrapos e com três filhos semifamintos.

Certamente você não nos recusará – disse ela cheia de ódio – o que já concedeu para aquele lá.

E entrelaçou na rede uma pequena cruz de ferro, retirada de um túmulo.

A partir desse momento, a rede foi ficando cada vez mais e mais pesada. Havia um sem número de infelizes pela cidade-labirinto e todos aqueles que se encontravam com o filho entrelaçavam algo de seu na rede, um sapato ou uma jóia valiosa, um balde de lata ou um saco cheio de dinheiro, um pedaço de roupa ou um fogão de ferro, um rosário ou um animal morto, uma ferramenta ou, até mesmo, um batente de porta.

O dia já caminhava para a tardinha e, com isso, para o fim da prova. O filho avançava passo a passo, curvado para a frente, como se estivesse caminhando contra uma violenta tempestade imperceptível. Seu rosto estava coberto de suor, mas ainda assim cheio de esperança, pois agora ele achava ter compreendido em que consistia sua tarefa e, apesar de tudo, ele sentia-se forte o bastante para cumpri-la até o fim.

Caiu então o crepúsculo e, mesmo assim, não chegava ninguém para lhe dizer que bastava. Sem saber como, carregando aquele fardo infinito que arrastava atrás de si, ele chegou ao terraço daquela casa em forma de torre, em cujo quarto azul-celeste encontrava-se sua amada. Ele nunca havia notado que dali se via lá embaixo uma praia. Talvez ela não se encontrasse antes naquele lugar em que estava agora. Preocupado até o fundo de sua alma, o filho percebeu que o sol submergia por trás do horizonte enevoadado.

Quatro seres alados como ele encontravam-se na praia e, apesar de não poder ver as pessoas que conversavam, ele ouviu claramente os quatro serem liberados. Ele gritou para baixo, perguntando se haviam esquecido dele, mas ninguém prestou atenção. Ele remexeu a rede com mãos trêmulas, mas não conseguiu livrar-se dela. Gritou, repetidas vezes, agora chamando seu pai, pedindo que viesse lhe ajudar e, enquanto gritava, curvou-se tanto quanto pôde sobre o peitoril.

Na última luz do dia que se apagava, ele viu sua amada lá embaixo, sendo levada para fora da porta, envolta em um véu negro. Nesse momento, apareceu um coche puxado por dois alazões, com um teto que era um único retrato grande, o rosto de seu pai cheio de tristeza e desespero. A amada entrou no coche e o veículo se afastou, até desaparecer na escuridão.

Nesse momento, o filho compreendeu que sua prova havia consistido em ser desobediente e que ele não havia realizado tal tarefa. Ele sentiu murcharem suas asas produzidas em sonho, caindo no chão qual folhas de outono, e percebeu que nunca mais iria voar e que nunca mais poder-ia ser feliz de novo e que, por mais que durasse sua vida, ele continuaria no labirinto pois, agora, era parte dele.

A ÁGUA-FURTADA É AZUL-CELESTE: AS PAREDES, O TETO, O CHÃO, ALGUNS MOVEIS. O estudante está sentado à mesa, segurando a cabeça com as mãos. Seus cabelos estão em desalinho, seus ouvidos ardem em fogo, suas mãos frias e úmidas.

Frio e úmido é todo o pequeno aposento. E agora, ainda por cima, falta luz.

Ele puxa o livro para mais perto de si e recomeça, mais uma vez, desde o início. Ele precisa, ele necessita pôr essa matéria em dia. O exame é na semana que vem.

– ... A teoria especial da relatividade baseia-se na constância da velocidade da luz... P é um ponto no vácuo... P' , um vizinho separado no infinito no trecho d sigma... em P , parte no momento t um impulso de luz, que chega a P' no momento $t+dt$...

O estudante sente que seus olhos estão endurecidos e ressecados como pontas de chifre. Ele os esfrega com os dedos durante algum tempo, até chegar às lágrimas. Recostando-se, ele dá uma olhada pela água-furtada – um tabique de tábuas que ele mesmo construíra para si, há dois anos, num canto do enorme depósito.

Naquele tempo, ele gostava de azul-celeste. Agora não gosta mais, mas não tem tempo para mudar nada. Ele já faltou demais.

Será que eles permitirão que ele continue morando ali? Ele paga aluguel, é claro, mas muito pouco. Foi por isso mesmo que ele se instalou ali. Quem não tem dinheiro, não pode reclamar. Mas, agora que o antigo proprietário da casa morrerá, será que eles vão aumentar o aluguel? Para onde se mudar? E justamente agora, antes do exame. Como é que alguém pode se concentrar no estudo, se nem ao menos sabe onde estará amanhã! Se os herdeiros pelo menos chegassem a um acordo que lhe servisse de referência...

Ele empurrou o livro para trás e se levantou. É pálido e alto, alto demais. Precisa encolher a cabeça para não bater no teto. Agora, quer ter certeza. Agora mesmo, para que possa continuar trabalhando, sem ser perturbado por qualquer preocupação. O gigantesco depósito pelo qual caminha está apinhado de todo tipo de objetos imagináveis: móveis, vasos imensos, animais dissecados, bonecas do tamanho de gente, máquinas e engrenagens incompreensíveis. Ele desce a ampla escadaria, depois corre através da longa galeria na qual estão pendurados milhares de espelhos embaçados, grandes e pequenos, lisos e arqueados, que refletem sua imagem aos milhares, mas de modo difuso.

Finalmente, chega a uma das grandes salas. A aparência ali é a de um museu de folclore após uma pilhagem. As cristaleiras estão destruídas – foram arrancadas as jóias e preciosidades que nelas estavam em exposição. Os sarcófagos das múmias foram arrombados, cacos de vasos estão empilhados, as armaduras estão penduradas tortas nos cavaletes e as roupas astecas de festa, feitas de penas de colibri, dissolvem-se em farrapos, corroídas pelas traças.

O estudante pára e olha à sua volta espantado. Como pôde tudo arruinar-se tanto assim desde a última vez que esteve ali? Mas quando foi a última vez que ele esteve ali? Estaria ainda vivo o antigo proprietário? Provavelmente, sim. Na verdade, o estudante nunca estivera frente a frente com ele. Somente diante do velho criado, um homem de rosto severo e dignidade solene.

Enquanto o estudante ainda está pensando, entra na sala justamente esse criado. Carrega um grande espanador debaixo do braço, sua libré está manchada e rasgada, os cabelos brancos estão desalinados em sua cabeça e – sim, de fato! – ele manca um pouco ao caminhar e faz uns movimentos nervosos com a mão enquanto resmunga qualquer coisa.

– Bom dia – diz amavelmente o estudante – por favor, o senhor poderia me dizer...

Mas o velho criado passa gesticulando por ele, parecendo não notar sua presença. O estudante o segue.

– Não faz sentido! – resmunga o criado com um gesto definitivo. – Não faz nenhum sentido começar. Deus seja louvado, meu caro jovem.

O estudante está um pouco perturbado.

– O que é que o senhor está dizendo?

– Não importa! – grita-lhe o criado. – Um começo é sempre uma coisa absolutamente sem sentido. Por quê? Porque ele não existe! Será que a natureza teve um começo? Não! Portanto, começar é contra a natureza! E no meu caso? Sem sentido, da mesma maneira. Prova: agora, por exemplo.

Ele tira uma garrafa do bolso do casaco, vira um trago goela abaixo, sacode-se, arrota, torna a esconder cuidadosamente a garrafa. O estudante quer fazer logo sua pergunta, mas o velho já está prosseguindo :

– É preciso que se pense – ele bate com a ponta do dedo várias vezes na testa –, pensar de maneira objetiva, isso é que é preciso! Compreende, meu jovem? Por conseguinte, se penso de maneira objetiva, então sou obrigado a concluir com meus botões que não existe a menor perspectiva de que eu, um único e frágil ser humano, esteja em condições de mudar alguma coisa. Afinal, quem sou eu para me atrever a isso? Um ancião enervado pelo esforço feito durante toda a vida para pensar; esse, sou eu. Sem réplicas!

Novamente, ele tira a garrafa, bebe, enxuga a boca com a manga da camisa.

– A gente deve viver do espírito, entendida, meu caro jovem?

A gente deve viver do conhecimento! Mas isso não é tão fácil assim. Especialmente na vida do dia-a-dia. Suponhamos que eu me lance na insensata luta contra a superioridade de todo esse pó que está por aí... que é que vou conseguir? Nada, absolutamente nada, é o que me diz minha razão lógica. Com exceção talvez de um agravamento da situação que, de qualquer modo, já é desesperadora. Um exemplo: vou abrir agora essa cortina e ela cairá imediatamente.

Ele abre uma pesada cortina da janela e ela desaba imediatamente, caindo no chão com uma nuvem de poeira.

– Um outro exemplo – prossegue o velho imperturbável –, vou tentar abrir essa janela e ela cairá em cima de mim imediatamente.

Ele tenta abrir a janela e esta cai em cima dele na mesma hora.

Os vidros se espatifam no chão.

O criado olha para o estudante com um ar de triunfo.

– Como disse, isso prova tudo. O caos surge assim que tentamos subjugar-lo. O melhor seria ficar quieto e não fazer absolutamente mais nada.

Ele toma mais um trago.

– Ora, ora – diz o estudante, enquanto olha à sua volta, distraído. – O senhor quer pôr ordem aqui?

– Espanar! – emenda o velho criado. – Espanar, como fiz durante toda minha vida. Mas você mesmo pode ver o que resta de todo nosso esforço e tormento: pó. Aliás, é como se cinzas restassem como a última coisa. Pó no início e, no fim, cinzas. Dá no mesmo. De qualquer modo, é como se a gente nunca tivesse estado aqui. A gente sai sem deixar rastros, isso é o pior de tudo.

– Ainda assim – diz o estudante amigavelmente, só para dizer algo encorajador –, ainda assim, sopra para dentro da casa um pouco de ar fresco. Dá para se ouvir o canto da narceja vindo do pântano.

Claro que já é alguma coisa.

O velho dá uma gargalhada e tosse.

– Sim, sim, a querida natureza! Ela simplesmente segue seu caminho. Nossas dificuldades não lhe importam em nada. Afinal de contas, ela não precisa tomar decisões como eu. Mas não, o homem não é

nenhum pássaro, já que não possui asas. O homem precisa viver do conhecimento objetivo. É para isso que tem seu cérebro, meu jovem! Isso é moral. Moral significa: não é tão fácil assim.

Conserve isso na memória, meu jovem! Eu preciso começar mais uma vez do princípio a pensar no problema.

– Estou vendo – diz o estudante –, o senhor não desanima tão facilmente. Mas antes o senhor não poderia me dar pelo menos uma rápida informação?

O criado não está escutando. Ele corre até a sala seguinte, enquanto continua falando.

– O problema é o seguinte: se de fato não fizer sentido em se começar. então é sensato não se começar. Portanto, o melhor que tenho a fazer é deixar como está.

– Certo! – diz o estudante que corre atrás dele – deixe como está.

– Uma conclusão lógica! – o velho criado ri astutamente. – Mas, preste atenção, meu jovem: o que é a vida humana.

O estudante encara-o risonho e perplexo.

– Bem, quer dizer, falando honestamente, eu não gostaria de me comprometer...

O velho tamborila o peito do estudante com a ponta do dedo e sopra seu hálito no rosto.

– Lutar por causas perdidas, isso é que é a vida! – diz ele sublinhando cada palavra. – E em que consiste a grandeza moral, o apelo ético, o imperativo moral? Eu lhe digo, meu jovem: mesmo que tudo não tenha sentido, a gente tem que começar! Por quê? Porque devemos fazer o que pudermos!

– Muito bem! – diz o estudante tentando desviar-se do hálito.

– Confesso francamente – prossegue o criado – agora mesmo acabei de entrar em dificuldades. Inevitavelmente. E isso significa alguma coisa.

– O senhor é de fato um pensador inexorável – objeta rapidamente o estudante.

O velho respira fundo e abre os braços.

– Cá estou eu como mordomo e ser humano – grita ele através do alinhamento das salas. – Contra mim, toda a superioridade desesperada do caos. E eu tornei uma resolução irrevogável.

De repente, ele sucumbe, agarra o braço do estudante e abraça-se a ele.

– Se agora, no último momento, alguém não me puxar para trás do abismo – sussurra ele espantado –, serei então forçado a começar a limpar o pó. As conseqüências, meu jovem, são imprevisíveis.

Mas o estudante quase não escuta e sacode o velho. Ele percebera algo que lhe prendeu a atenção. No meio da segunda sala contígua, visíveis através das portas abertas, estavam algumas pessoas sentadas em volta de uma mesa de conferência. Não conseguia distinguir com clareza cada uma delas, pois a sala estava mergulhada na meia-luz, mas o estudante não teve nenhuma dúvida de que se tratava dos herdeiros, que estavam ali conferenciando.

– Diga, por favor – sussurra ele ao velho, apontando para a mesa do outro lado –, já se sabe de alguma coisa certa?

– Obrigado – responde o criado com o mesmo tom de voz –, obrigado por ter me distraído, meu jovem. infelizmente eu devo comunicar-lhe que não, ainda não se sabe de nada.

– Mas isso é uma estupidez – diz o estudante, dirigindo-se decidido para a mesa. – Eu devo simplesmente perguntar...

Mas o velho o segurara pela manga da camisa e tentara detê-lo.

– Pelo amor de Deus, não vá perturbar os senhores, Pelo menos não agora. Não pode ser, de jeito nenhum!

O estudante pára sem perder de vista os herdeiros. E diz em meia voz:

– Eu simplesmente preciso saber se posso ficar, ou se vou ter que procurar um novo alojamento, o senhor entende? Esse tipo de coisa leva tempo e, no momento, não tenho tempo a perder. Na semana que vem tenho exame, e se eles me botarem no olho da rua amanhã ou depois, estou frito.

– Eu entendo – diz o velho acariciando-lhe o rosto – mas tenha um pouco de paciência. Vocês jovens são tão impacientes. Se você insiste, no momento adequado me informarei sobre isso.

– O senhor já me prometeu isso há duas semanas!

– Claro, mas o senhorio ainda não entrou num acordo para ver quem será o novo proprietário.

– O senhor não acha que está demorando muito?

– Depende de como se veja o problema. Essas coisas precisam de tempo. Mas a cada hora que passa os senhores estão mais próximos do acordo, acredite-me. Estão esforçando-se ao máximo. Mas nessas circunstâncias extraordinárias é muito, mas muito difícil mesmo, chegar-se a uma solução.

– Mas eu acho que os senhores estão muito quietos. Eles nem sequer falam entre si.

– Claro, claro, infelizmente eles chegaram de novo a um ponto morto. Agora todos estão refletindo para encontrar uma nova base de negociação. Não os perturbe agora, senão a coisa vai demorar ainda mais.

O estudante livra-se com violência do criado e caminha decidido para a mesa onde as pessoas estão sentadas. Enquanto se aproxima, ele nota que elas estão inertes e rígidas como múmias. Uma grossa camada de pó acumula-se sobre suas cabeças, barbas, roupas, óculos. Há teias de aranha entre eles, movendo-se levemente com o vento. O estudante aponta para a cena sem dizer palavra alguma, enquanto olha para o velho criado.

– Sim – murmura ele embaraçado –, parece um tapete de parede, não é mesmo?

O estudante olha também debaixo da mesa e cadeiras. Por toda parte existem pegadas de pezinhos diminutos sobre a poeira. Devem ter sido tatuzinhos ou escaravelhos.

– Você quer um trago? – pergunta o velho criado estendendo a garrafa para o estudante. – A gente fica com sede só de olhar para isso, você não acha?

O estudante cheira a garrafa e a afasta.

– Deus do céu, que tem aí dentro?

– Vinagre – explica o velho assumindo, de repente, a antiga dignidade séria. – Vinagre e bÍlis. Uma mistura famosa. Deixa a gente sóbrio. A única maneira de se continuar sensato nessa situação de louco. Como você vê, sou um bêbado ao contrário. A gente se acostuma com tudo. Você também ainda vai se acostumar com isso.

– Não dá para acreditar – responde o estudante. – Assim como também não consigo me acostumar com essa incerteza maldita, sem saber o que será de mim e do meu quarto.

– Oh – fez o velho com um sorriso triste –, isso é só o começo. Mas, falando francamente, eu também não esperava que os acontecimentos marchassem neste sentido. Na verdade, eu estava achando que o testamento do falecido seria simplesmente aberto e as pessoas saberiam como se conduzir.

– Mas, o que foi mesmo que aconteceu?

O velho toma um trago.

– O que aconteceu foi que não aconteceu absolutamente nada – ele fecha a garrafa e a guarda.

O estudante caminha vagarosamente em volta da mesa, encarando os herdeiros em seus rostos empoeirados, um após o outro. Ele sopra um deles e ergue-se uma nuvem de poeira.

Ele suspira e senta-se em um sofá damasco que, entretanto, desaba imediatamente sob seu peso. Ele se ergue com esforço e se apalpa.

– Esses aí – diz ele – não vão poder continuar por muito tempo, se é que é para continuar algo.

– Concordo plenamente – responde o criado balançando o espanador em sua direção.

– Quanto tempo o senhor acha que ainda vai durar?

– Difícil dizer. Talvez um pouco mais, talvez não.

– Mas posso contar com minha água-furtada mais um pouquinho, não é mesmo?

– Eu preferiria não confiar nisso, meu jovem.

– Ah, merda! – diz o estudante afavelmente. – Esse negócio é bem idiota. Ficar assim, pendurado na corda bamba.

O velho tornou a tossir enquanto ria.

– Todos nós estamos na corda bamba: você, os herdeiros, seus dependentes, até mesmo eu. – Ele fez um gesto em volta do pescoço como se estivesse pendurado em uma forca. – E, numa hora dessas, os pés da gente ficam logo frios. – Ele torna a tossir.

– Os herdeiros? – pergunta o estudante. – Como assim?

– Ora, esses senhores não sabem como devem comportar-se uns com os outros, com quem eles podem se dar bem e com quem não. Todos podem se tornar importantes num dado momento, e portanto ninguém pode se dar ao luxo de perder as simpatias do outro. Por isso, eles se odeiam mudamente e se examinam com olhos que parecem canos de revólver. No entanto, o pior de tudo é que cada um trouxe consigo uma grande quantidade de dependentes que se espalham por todos os aposentos da casa, embora nossas instalações não estejam preparadas para abrigar tantos hóspedes. Eles já instalaram nas salas dos fundos algumas choupanas e bangalôs. Para isso demoliram velhos móveis valiosos e arrancaram tábuas do assoalho. Recentemente passaram mesmo a acender fogueiras no parquete para cozinhar suas refeições. As instalações elétricas da casa já não bastam para todas as calefações, fogões, rádios, televisões e sei lá o que mais. A qualquer momento teremos um incêndio medonho. Eu fico andando por aí, suplicando às pessoas, mas todos me dizem: ora, por que logo eu? Claro que ninguém quer se limitar sem que o outro o faça antes. No início, a situação estava acomodada para uma estadia provisória mas, nesse meio tempo, o senhorio acabou por se instalar para uma longa temporada. Dá vontade de chorar.

O velho tira do bolso um lenço completamente sujo e assoa o nariz.

– Eu não observei nada disso – diz o estudante espantado –, exceto a falta de luz.

– E eu também estou na corda bamba! – prossegue o criado com voz clamorosa. – Você nem consegue imaginar, meu caro jovem. Todos esses senhores me encaram como seu criado particular: faça isso! Vá buscar isso para mim! Mas vá correndo! E eu não posso me defender, porque qualquer um pode tornar-se o novo amo. Eu simplesmente não consigo mais atender todos os pedidos. E imagine só, as pessoas me usam para se vigiarem mutuamente. E eu, ah, claro que não posso perder as simpatias de ninguém! E tudo isso acontecendo com um homem que está acostumado a viver do pensamento, da razão! É um inferno!

O velho enxuga os olhos com o lenço.

– Mas, quando tudo se arranjar, o que será de mim? Diga-me! Será que poderei continuar sem meu emprego? Serei pelo menos pago por esse trabalho estafante? Ou será que, apesar de todo meu esforço, acabarei sendo posto no olho da rua, velho e doente como sou? Como você já deve ter compreendido, essa espada de Dâmocles sobre minha cabeça tira todo o meu entusiasmo pelo trabalho. E assim, eu mesmo estou cortando a corda que prende essa espada! Os homens são cruéis. Meu jovem, você está diante de um desesperado.

O velho se recosta soluçando no peito do estudante. Este o acaricia embaraçado e murmura:

– Na verdade, eu deveria estar estudando... mas, nos últimos dias e noites eu meti tanto a cara nos estudos que talvez me faça bem um pouco de movimento. Portanto, se eu puder lhe dar uma mão, então...

O velho criado consola-se imediatamente.

– Mas é claro – diz ele – o trabalho físico faz muito bem para a saúde, faz quase tanto bem quanto o sono. Aqui, segure o espanador e pode começar. Mas cuidado, por favor. Não vá me quebrar nada!

Ele caminha até a porta, vira-se mais uma vez e diz com ar severo:

– Virei mais tarde para ver se você trabalhou direito. Portanto, esforce-se, meu jovem, porque senão você conhecerá uma outra faceta minha! Vamos lá, que está esperando?

Ele sai, enquanto o estudante olha para ele espantado. Em seguida, seus ombros sacodem-se num débil sorriso e ele começa a tirar o pó com o espanador. Ele pára no meio de uma nuvem de poeira e, tossindo, afunda em suas meditações.

– Espere aí – murmura ele para si mesmo –, como foi isso?

Preciso escrever...

Ele vai até a mesa na qual estão sentados os herdeiros e começa a escrever na poeira com a ponta do dedo.

– d sobre dois igual a c sobre dois dt sobre dois... introduz-se a raiz imaginária da coordenada de tempo menos um c t igual a x quatro um, então a lei da constância da propagação da luz ds sobre dois igual a dx um sobre dois mais dx dois sobre dois mais dx três sobre dois mais dx quatro sobre dois que é igual a zero...

Ele puxa uma cadeira para a longa mesa, senta-se entre dois herdeiros, apoia a cabeça e continua calculando.

– Como essa fórmula expressa um fato real, a fórmula ds também terá um significado real, mesmo quando os pontos vizinhos do contínuo espaço-tempo quadrimensional se situarem de tal modo que ds desapareça... não, espere, não desapareça... não desapareça... não...

Pouco a pouco, sua cabeça foi baixando no tampo da mesa e, com o rosto sobre a fórmula escrita na poeira, ele dormiu tranqüilo, respirando fundo como uma criança.

A CATEDRAL DA ESTAÇÃO SITUA-SE HÁ UMA GRANDE LEIVA DE ROCHAS DE ARDÓSIA CINZENTA, QUE PAIRAM PELOS ESPAÇOS VAZIOS E CREPUSCULARES.

Havia ainda outras dessas ilhas, maiores ou menores, que se estendiam a diferentes distâncias, algumas delas tão afastadas que não se podia verificar o que nelas acontecia, e outras tão próximas que era possível a troca de sinais. Muitas tinham a mesma velocidade, permanecendo portanto à mesma distância umas das outras, algumas iam mais devagar ou rápido, de modo que se antecipavam ou ficavam para trás, até serem perdidas de vista. A maioria parecia desabitada ou, em todo caso, escura; poucas eram iluminadas como essa na qual a catedral da estação estava situada, uma construção babilônica, de dimensões desconcertantes, ainda não acabada pelo que se podia ver pelos andaimes. A luz brilhava e cintilava nos muros perfurados em filigranas. Do interior soava música de órgão.

Retumbou uma voz pelo alto-falante:

– Atenção, atenção! Passageiros em baldeação! O trem de reserva da direção d sigma elevado a dois chegará segundo o estabelecido no horário t mais dt na gare ct.

Massas humanas cinzentas perambulavam de um lado para o outro no saguão da plataforma, pressionando-se mutuamente, em torrentes, empurrando cargas, gritando, gesticulando e batendo-se. Havia aqui e ali grupos agachados no chão ou em montanhas de bagagens, caixas, caixotes e trouxas provisoriamente amarrados. To-

das essas pessoas estavam vestidas com farrapos encardidos: ralé, mendigos, piolhentos, remelentos, estropiados, arrebentados. Mas os cestos, malas e sacos que levavam consigo estavam abarrotados de cédulas de dinheiro. Os carrinhos de bagagem que penosamente eram empurrados entre eles, estavam carregados até o alto com pilhas de cédulas amarradas.

Na margem extrema de uma plataforma, no lugar onde o saguão se abria para fora e onde se estendia uma dúzia de trilhos no espaço vazio, um bombeiro olhava perplexo aquela movimentação. Ele trajava um uniforme azul-escuro com botões de latão limpos e reluzentes; na cabeça, o elmo com a proteção de couro na nuca, o machado niquelado e brilhante no coldre, à cintura. Um grosso e negro bigode enfeitava-lhe o lábio superior.

Bem perto dele, uma mulher jovem e franzina peleja com uma enorme mala, mal conseguindo arrastá-la. A mulher vestia uma espécie de hábito de penitente, uma batina negra e pesada, toda puída. O capuz emoldurava um rosto magro, pálido e ascético com olhos ardentes.

O bombeiro aproximou-se da jovem mulher.

– Permite-me? – perguntou ele. – Posso lhe ser útil?

Admirada, ela deixou que ele tomasse a mala de sua mão e a colocasse no ombro.

– Para onde?

– Está ouvindo o órgão? – disse ela. – Daqui a pouco será minha vez. Preciso ir para o saguão dos guichês.

Ele foi na frente, passando por cima de alguns vultos miseráveis que dormiam no chão com as cabeças recostadas em maços de dinheiro.

– Afinal de contas, o que é isso aqui? – gritou ele para trás. – Quero dizer, como se chama a estação?

– Estação intermédia – respondeu ela.

– Ahn? – fez ele, lançando-lhe um olhar de soslaio, pois não estava certo de haver compreendido corretamente em meio ao barulho. – Para a senhora também? Graças a Deus só estou aqui de passagem! Só vou fazer baldeação.

– É o que todos acreditam – replicou ela –, eu também achei isso. Mas a estação intermédia é o fim da linha... pelo menos, enquanto não terminar o feitiço. E ele não termina. Não termina.

O alto-falante anunciou:

– Treze mil setecentos e onze... treze mil setecentos e dez...

Um grupo de figuras parecidas com espantalhos apertou-se entre eles, separando-os. Quando a jovem mulher conseguiu abrir caminho até ele, disse apressada:

– Nunca chegaremos. Ninguém daqui. Você sabe disso tão bem quanto eu, não é?

– O que eu deveria saber? – Ele perguntou, enquanto colocava a pesada mala no outro ombro. – Eu não sei de nada.

– Que nenhum trem chegará e nenhum partirá. E tudo mentira!

– Besteira! – replicou ele. – Acabei de chegar e não tenho a intenção de ficar aqui. Nada tenho a fazer por aqui.

Ela esboçou um sorrisinho triste.

– Verdade? Vamos ver. Para onde você quer viajar?

– Para uma festa... – disse ele inseguro –, um desfile ou algo do gênero... devo receber uma condecoração... acho.

– Um pouco mais irritado, concluiu: – Desculpe-me, mas você não tem nada a ver com isso.

Ambos eram empurrados de um lado para o outro pelos mendigos e a jovem mulher agarrava-se ao braço dele.

– Ninguém chegará! – ela lhe gritou nos ouvidos –, ninguém! Ninguém!

Tiveram de desviar de um carro de ferro com rodas rangentes, empurrado em sua direção por um gigantesco mendigo de cabeça raspada, coberta de pústulas. Havia no carro um ataúde de criança azul-claro. A tampa estava semi-aberta, o ataúde vazava cédulas de dinheiro. O bombeiro cravou os olhos nele e, com a mão livre,

enxugou o suor que de repente começou a pingar em sua testa. Ele avançou apressado, empurrando um grupo de famintos.

Agora, ele e a jovem mulher quase haviam chegado ao arco do portão que formava a entrada para o hall dos guichês. A música de órgão era tão potente ali que tornava a compreensão difícil. Quando ela parou por um instante, ele disse:

– Sabe duma coisa? Estou ouvindo o tique-taque do despertador dentro da sua mala.

Ela ficou mais pálida ainda.

– Não é despertador nenhum – respondeu com voz fria.

– Doze mil novecentos e três... – anunciou o alto-falante – doze mil novecentos e dois... doze mil novecentos e um...

Depois que eles impeliram-se contra uma corrente humana no enorme saguão dos guichês, o bombeiro pôs a mala no chão. Ficaram apertados lado a lado numa pilastra do arco do portão.

O saguão dos guichês era gigantesco e perdia-se, para cima, em penumbra. No lado esquerdo havia uma espécie de cornija; à direita, elevava-se à meia altura uma sobreloja, na qual, grande como uma montanha, erguia-se o órgão. No alto da cornija, ao invés de uma rosácea, havia um enorme relógio, cujo mostrador era iluminado por trás, mas faltavam os ponteiros. Mais abaixo, num plano mais elevado, estava o altar, em cujo centro erguia-se o tabernáculo. Ele tinha a forma de um poderoso cofre com as fechaduras de números na porta, as quais estavam dispostas na ordem inversa de um pentagrama. Não somente o altar e o tabernáculo, mas também cada saliência, cada balaustrada, cada local onde somente alguns tinham permissão para entrar, tudo era abarrotado de velas. Por toda parte, a cera que corria, solidificara-se em cascatas, barbas gotejantes e torneiras. Centenas de escadas de diferentes tamanhos estavam recostadas em volta das paredes. A aglomeração dos miseráveis era ainda mais terrível nesse saguão do que lá fora nas plataformas. As massas fiavam verdadeiros turbilhões e torrentes que se quebravam mutuamente. O ar era quente como um forno e tufos de fumaça e poeira pairavam pelo ambiente, que recendia a suor e lixo.

Diante do altar, como em uma dança ritual, saltavam constantemente alguns pobres-diabos com blusas encardidas que iam até os tornozelos, formas grotescas com narizes de cacho, papeiras, corcundas, barrigas salientes, costas cobertas de bolhas, bocas desdentadas e membros aleijados. Eles manejavam os mais variados tipos de aparelho ou faziam sinais com os dedos, sobre as cabeças da multidão, como se fossem corretores da Bolsa. De tempos em tempos, o cofre era aberto e, nesse momento, saía um carregamento de cédulas de dinheiro amarradas. Um dos desgraçados agarrava um desses maços, erguia-o alegremente com ambas as mãos, mostrando-o para a multidão. Esta caía de joelhos, o órgão bramia ferozmente e um coro de mil vozes gritava:

– Milagre e segredo!

Os maços eram distribuídos pelas primeiras filas das figuras miseráveis e o cofre era então fechado. Ato contínuo, o ritual começava de novo. Os consignatários avançavam através da multidão para colocar seu lucro em segurança e os que vinham a seguir, tomavam seus lugares. Ágeis serviçais revezavam-se constantemente nas escadas, subindo e descendo, depositando os maços de dinheiro em algum lugar lá em cima, nas paredes.

Somente então, o bombeiro notou que todos os muros, todas as colunas e pilastras, inclusive a do arco do portão na qual estava recostado, eram compostos desses maços de dinheiro empilhados. A catedral inteira era construída de tijolos de cédulas de dinheiro. E ela continuava sendo construída, pois cada abertura do tabernáculo vomitava novas quantidades de maços. Os milhares e milhares de velas dançavam e sopravam e a cera escorria e pingava.

– Pelo amor de Deus! – murmurou ele. – Isso vai contra todas as regras de segurança. Isso é uma tremenda loucura!

Ele tirou o elmo e enxugou o couro interior com o lenço de bolso. Já havia desabotoado a jaqueta. O órgão calou-se.

– Você me faz um favor? – perguntou a jovem mulher que o observara em silêncio. – Preciso correr até a tribuna. Não vai durar muito. Enquanto isso, você podia ficar tomando conta da minha bolsa?

Distraído, ele fez que sim com a cabeça, sem conseguir tirar o olhar das infinitas fileiras de chamas das velas, e disse:

– Isso não vai acabar bem.

Um sujeito de aparência esquisita com um desses tabuleiros de vendedor ambulante parou de repente na sua frente. Trazia um chapéu redondo e engomado e suas faces eram tão escavadas que mais pareciam buracos. No tabuleiro encontravam-se algumas pilhas de envelopes fechados.

– A sorte bate à sua porta, senhor capitão dos bombeiros! – Disse o sujeito com um sorriso enviesado. – Não se afaste dela! Não deixe escapar essa oportunidade única que não volta mais! Aproveite sua chance!

– Sorte? – perguntou o bombeiro. – O que você quer dizer com isso?

O sujeito encarou-o com olhos escorregadios, as mãos passando nervosamente sobre os envelopes.

– Não custa nada. É tudo de graça. Pode pegar!

– De graça? – o bombeiro balançou a cabeça. – Escute aqui, receio não ser tão rico assim, a ponto de poder comprar para mim algo que não custe nada.

O vigarista deu uma gargalhada.

– Certo, muitas vezes os segredos do verdadeiro lucro parecem paradoxais. Mas confie em mim, senhor, e pode pegar! Prometo-lhe que dentro em breve o senhor terá tanto dinheiro que poderá se dar ao luxo de ter aceito.

– O que você tem aí?

O velhaco tornou a fazer uma careta esboçando um sorriso.

– Meu senhor, estou lhe oferecendo as últimas ações da catedral. Aceitando-as – de graça, como já disse –, o senhor também terá sua quota segura de participação na Maravilhosa Multiplicação do Dinheiro.

– Não, obrigado – respondeu o bombeiro –, não quero ter nenhuma quota nela. Só estou aqui de passagem. Gostaria de seguir viagem o mais rapidamente possível.

– Era o que todos queriam – disse o sujeito –, mas, depois, eles pensaram direito. O senhor pode ver quantos querem aproveitar a vantagem. E são cada vez mais numerosos. Assim, tantas pessoas inteligentes não podem estar enganadas... ou o senhor acha que é muito mais esperto?

– Além disso – prosseguiu firme o bombeiro – isso aqui não vai durar muito tempo. Daqui a pouco vai ter um péssimo fim.

– O senhor está enganado! – gritou o outro. – A Maravilhosa Multiplicação do Dinheiro prosseguirá sempre. Jamais terminará. E enquanto ela não acabar, ninguém seguirá viagem. E enquanto ninguém quiser seguir viagem, os trens não partem. Tudo continuará como é! E então, o senhor não quer algumas ações? Pelo menos duas ou três?

– Não! – gritou-lhe o bombeiro.

– Está bem, está bem – o vigarista levantou as mãos para acalmá-lo. – Mas não venha se queixar depois. Eu já lhe disse.

Ele levantou o chapéu e desapareceu apressado na aglomeração.

– Dez mil setecentos e nove... – gritou o alto-falante – dez mil setecentos e oito... dez mil setecentos e sete...

A música de órgão voltou a invadir o ambiente, desta vez em baixo volume. A melodia era entoada por um velho coral.

Contudo, só se podia ouvir uma única voz de mulher. Ela pairava cálida e forte pelo gigantesco espaço. Ninguém notou. Somente o bombeiro, assombrado, levantou a vista para a tribuna de onde ela saía. Ele reconheceu a jovem mulher trajada com o hábito negro de monge, que cantava na balaustrada lá em cima.

– Uma artista! – sussurrou ele. – Uma verdadeira artista! Eu nunca poderia imaginar isso.

Ele estava tão extasiado com a beleza da voz, que no início nem chegou a prestar atenção à letra da canção. Um tremor especial nela tocou-lhe no mais fundo de seu íntimo de modo quase físico. Especialmente quando mudava do alto para o baixo, havia uma pequena ruptura histérica que lhe atingia no fundo do coração. Ele escutava arrebatado e, nesse momento, também a letra penetrou sua consciência:

“Peregrinos em movimento pelo mundo

desorientados no tempo, somos.

Somente através do puro amor desinteressado

você chegará no aqui e agora.

Alma, prepare-se!

O aqui e agora é a eternidade!”

Depois disso, ela recuou e desapareceu da vista dele. O órgão tornou a bramar, variando o tema. No outro lado, no altar, o tabernáculo voltou a ser aberto, deixando cair maços e maços de dinheiro.

– Dez mil quinhentos e dezoito... – vociferou o alto-falante – dez mil quinhentos e dezessete...

No meio da multidão que avançava, uma mendiga carregando um cesto cheio de cédulas de dinheiro colocou a ponta de sua muleta em cima do pé do bombeiro, despertando-o de seu encantamento. Ele procurou a mala da cantora, que esta lhe havia dado para tomar conta e, para espanto seu, constatou que ela desaparecera. Ele avançou através da multidão de mendigos, procurando e espiando à sua volta, mas sem descobrir nada. Saltava aos olhos que ela havia sido roubada enquanto ele escutava a canção, talvez até mesmo antes, no momento em que se encontrava conversando com o homem do tabuleiro. Amaldiçoou-se por sua falta de atenção, mas de qualquer modo precisava avisar imediatamente a jovem.

Ele jogou-se no meio da ralé que gritava, sendo arrastado pela torrente, até finalmente ser despejado aos trancos e barrancos aos pés da escadaria que levava à tribuna. Quando tentou subir, foi dominado por alguns sujeitos de aparência astuta, que lhe viraram os braços para trás, antes mesmo que ele pudesse compreender o que estava acontecendo.

– Você é acionista? – perguntou um deles.

O bombeiro balançou a cabeça.

– Então o que está querendo aqui?

– Preciso falar uma coisa com a cantora. É urgente. Quer fazer o favor de me soltar?

Os sujeitos trocaram olhares, em seguida empurraram-no escada acima. Como em toda parte, a escadaria estava coalhada de velas, inclusive nos corrimões e degraus.

Na mesa do órgão, um homem imponente, com o dorso nu e coberto de suor, estava sentado diante do teclado. Seus cabelos longos e grisalhos e sua barba eram uma brenha gordurosa e enredada. Até mesmo nos ombros e costas crescia-lhe uma penugem hirsuta. A jovem mulher estava sentada em seu colo, os braços jogados em suas costas. Seu hábito estava puxado à altura das cadeiras e ela estava nua por baixo. Rosto coberto de lágrimas e suor, ela mantinha os olhos fechados, a boca escancarada como que em um grito inaudível, enquanto ele manobrava o instrumento com movimentos largos de braços e pernas. Os sons faziam vibrar toda a tribuna.

Os sujeitos continuaram empurrando o bombeiro para tão perto do casal, que seu rosto quase tocou o dela. Nesse momento, ele ouviu que os dois conversavam aos gritos.

– Já está escuro?

– Ainda não, meu amor.

– Assim que escurecer, nos arrancamos.

– Sim, querido.

– Não se preocupe, garota. Nós vamos sair daqui como prometi. Até aqui eu sempre saí de toda parte. De qualquer modo, a maior parte de mim. No escuro eu levo vantagem.

– Não vai escurecer nunca! – gritou ela. – Isso não vai acabar nunca! Nós nunca chegaremos!

– Desculpe-me – gritou o bombeiro. – Eu... eu gostaria de não incomodar, sinto muito. E só por causa da sua mala. Infelizmente ela foi roubada.

– E daí? – respondeu a jovem mulher sem abrir os olhos.

– Eu ficaria mesmo feliz de me livrar dela. Foi por isso que a deixei sob seus cuidados. Mas não vai me adiantar de nada. Ela sempre volta para mim. Já tentei de tudo.

O homem parou de tocar o órgão. Lentamente, virou a cabeça e perguntou:

– Com quem você está falando, garota? Quem está aí?

– Não sei – respondeu ela, sempre de olhos fechados. – Alguém.

O bombeiro viu o rosto do organista e assustou-se. Ambas as órbitas oculares estavam vazias, o osso do nariz quebrado. A cicatriz de um terrível ferimento dividia-lhe obliquamente o rosto em duas metades.

– Diga-lhe que ele deve desaparecer – disse o homem –, e agora mesmo.

– Sim, claro – balbuciou o espantado bombeiro –, eu só pensei que... por causa da mala .. talvez devêssemos fazer uma notificação... talvez tenha muita coisa dentro .. quero dizer, coisas valiosas.

A mulher continuou a falar de olhos fechados:

– Você ouviu o tique-taque, não é verdade?

– Sim, sim – respondeu ele. – O despertador.

Ela balançou a cabeça devagar.

– Uma bomba. Aquilo que você ficou empurrando para mim, era uma bomba com um detonador de tempo. Fora isso, não há mais nada na bolsa.

O bombeiro engoliu em seco algumas vezes, antes de recuperar a fala.

– Mas... mas esse tipo de coisa a gente não leva por aí durante horas!

– Horas? – repetiu ela, enquanto o cego ria mudamente. – Você é mesmo um verdadeiro bombeiro! Eu já lhe disse: ela volta sempre para mim. Há anos. Posso fazer o que quiser. Algumas vezes eu estava tão exausta que...

– Mas pelo amor de Deus! – a voz do bombeiro fraquejou. – A bomba pode explodir a qualquer momento.

– Correto – disse ela.

– E todas essas pessoas aqui! Precisamos desmontar essa coisa.

– Tente – disse ela. – Para se desmontar a bomba, é preciso antes abrir a bolsa. E quando ela for aberta, a bomba explode.

– Nesse caso, ela precisa ser levada para longe.

– Tente só! – respondeu a mulher. – Você vai ver que não adianta quebrar a cabeça. A única coisa que se pode fazer é esperar, até que chegue o momento.

Nesse momento, os olhos abriram-se pela primeira vez, olhos inchados de tanto chorar.

– A propósito – acrescentou ela em voz baixa –, ela não estava destinada para cá, não para a estação intermédia.

E enquanto ela dizia isso, o homem que a tinha no colo deixou-se cair no chão com a mulher e os dois ficaram rolando de um lado para o outro. Ela abraçou-lhe as cadeiras com suas pernas e gritou com os olhos revirados:

– Eu quero chegar! Será que você não entende? Eu quero chegar! Não quero mais nada, só chegar.

Em sua raiva, ela derrubou alguns castiçais, as velas rolaram pelo chão de cédulas de dinheiro coberto de cera, o qual começou a arder imediatamente em vários lugares. O bombeiro arrancou a jaqueta e jogou-a sobre as chamas, no entanto a jaqueta também impregnou-se com a cera derretida e pegou fogo. Somente com muito esforço ele conseguiu abafar o incêndio. Quando olhou à sua volta respirando aliviado, descobriu que estava sozinho na tribuna. Mal-humorado, contemplou sua jaqueta, arruinada e carbonizada em vários lugares.

– Originalmente – resmungou ele – eu só estava querendo fazer baldeação.

– Oito mil novecentos e vinte e sete... – anunciou o alto-falante – oito mil novecentos e vinte e seis... oito mil novecentos e vinte e cinco...

Do outro lado, no altar, a Maravilhosa Multiplicação do Dinheiro seguia impassível. Nenhum dos mendigos prestara atenção aos acontecimentos da tribuna. Nesse momento, encontrava-se um macilento ancião num púlpito à esquerda do altar. Um monstruoso nariz aquilino emprestava-lhe a aparência de um abutre. Ele colocara na cabeça uma espécie de mitra de papel e pregava com largos movimentos de braço.

– Mistério de todos os mistérios... e bem-aventurados são aqueles que nele tomam parte. O dinheiro é a verdade e a única verdade. Todos devem acreditar nisso! E que sua fé seja cega e às cegas! Somente sua fé leva ao que é! Pois também a verdade é uma mercadoria e, por isso, submetida à eterna lei da oferta e procura. Eis porque nosso Deus é um Deus ciumento que não suporta nenhum outro deus a seu lado. Mesmo assim Ele entregou-Se em nossas mãos tornando-Se mercadoria, pela qual podemos possuí-Lo e receber Sua bênção...

A voz do pregador era alta e estridente, quase não podendo ser ouvida em meio ao barulho geral. O bombeiro forçou caminho através da multidão. Em toda parte onde encontrava velas ardendo a seu alcance, ele as apagava. Olhares espantados, transtornados e furiosos iam em sua direção. Ele não se importava. Seguiu com sua obra, apesar de saber que não fazia sentido, pois assim que ele se afastava, as velas eram acesas de novo. Cada vez mais foi apoderando-se dele uma ira surda.

– O dinheiro tudo pode! – gritou o pregador. – Ele une os homens através do dar e receber; ele pode transmutar tudo em qualquer coisa: espírito em matéria e matéria em espírito; as pedras ele transforma em pão e do Nada ele cria valor; o dinheiro mostra-se até mesmo na eternidade: é onipotente; é a forma na qual Deus encontra-se em nós; é Deus! Onde todos se enriquecem com tudo, no final todos serão ricos! E onde todos ficam ricos às custas de todos, ninguém paga as custas! Milagre de todos os milagres! E se vocês, caros fiéis, perguntarem de onde vem toda essa riqueza, então lhes direi: vem do lucro futuro dele mesmo! Seu único proveito futuro é esse que gozamos agora! Quanto mais houver agora, maior será o lucro futuro e quanto maior for o lucro futuro, tanto mais haverá agora por conseguinte. E assim seremos na eternidade nossos únicos credores e únicos devedores, e nos perdoaremos nossas próprias dívidas, amém!

– Parem com isso! – gritou o bombeiro galgando os degraus da escada que levava ao púlpito. – Parem! Fora! Parem imediatamente! Tudo isso é irresponsável, tudo que está acontecendo aqui. Proíbo a continuação desse ato! Todos os presentes estão intimados a abandonar o prédio urgentemente. Existe um enorme perigo de vida...

De repente, houve um silêncio mortal no gigantesco saguão dos guichês.

– Um descrente! – gritou um dos velhacos no altar. – Como pôde entrar aqui um descrente?

– O senhor tem ações?; – gritou-lhe o pregador.

– Isso pouco importa! – vociferou o bombeiro em resposta.

– Seja sensato... é do seu próprio interesse!

– Um descrente – berrou a multidão –, um blasfemo! Matem-no!

Estourou um enorme tumulto. Coxeando, figuras miseráveis subiram a escada que levava ao púlpito, mãos agarraram o bombeiro, estrangularam-no, golpearam-no, atiraram-no por cima do peitoril do púlpito, ele caiu chocando-se com o solo lá embaixo, choveram em cima dele os golpes de muletas e bastões, houve vários golpes de pés que o trituraram, até que ele não mais se mexesse.

– Seis mil trezentos e quatorze... – anunciou o alto-falante – seis mil trezentos e treze... seis mil trezentos e doze...

Passou um longo tempo antes que o bombeiro voltasse a si e pudesse se sentar. Sua cabeça doía, seu olho esquerdo estava inchado, ele sangrava pela boca e nariz. O bombeiro notou que havia perdido o elmo e que a jaqueta e calça estavam em farrapos.

Nesse momento, ele também estava com a mesma aparência das figuras miseráveis, que voltavam a aglomerar-se em torno dele, mas já não lhe dando a mínima atenção. Ele tentou levantar-se, mas caiu de quatro. Tudo girava ao seu redor e ele estava com náuseas mortais. O bombeiro vomitou.

Um pouco mais tarde, ele se arrastou entre os pés da multidão e, finalmente, descobriu numa das paredes, um confessionário, o qual, com a cera que pingava, transformara-se em uma espécie de gruta de estalactites. Com um grande esforço ele se jogou para frente, fechou a porta, recostou-se no canto e tornou a perder a consciência.

No momento em que despertou, percebeu um leve ruído próximo a seu ouvido. Ele não sabia dizer quanto tempo permanecera ali, sentado, e o tumulto e gritos lá fora, no saguão, estavam tão violentos quanto

antes. Mas o novo ruído que percebia próximo, chegava através da pequena grade da parede divisória que cortava o confessionário ao meio, transformando-o em duas celas. Esse ruído se assemelhava ao soluço desesperado e abafado de uma criança, o que surpreendeu o bombeiro que, até aquele instante, não notara nenhuma criança em toda a catedral da estação. Ele tentou espiar através dos buracos da grade, mas nada pôde ver. Ao invés

disso, ele percebeu palavras semi-sussurradas entre os soluços:

– Bom Deus, onde estás...? E onde ficou o mundo...? Não consigo encontrá-lo... Não existe mais... eu já estou morto... e na verdade ainda não cheguei ao mundo...

– Você, quem é você? – perguntou o bombeiro. – Olha, eu não queria ouvir, mas estava aqui o tempo inteiro. Desculpe-me, por favor. Eu só gostaria de lhe dizer: isso aqui é somente uma estação intermédia, existe... ei, você aí do outro lado. Está me ouvindo? Não quer conversar comigo?

Mas o outro lado continuou em silêncio. Ele abriu a porta do confessionário para olhar do outro lado, mas não havia ninguém.

Havia no lugar, apenas, uma enorme e pesada mala.

A única coisa que sobrara ao bombeiro de todo seu armamento era o seu reluzente machado, que ele trazia do lado e que imediatamente sacou do cinto.

– Aqui e agora! – disse em voz alta. – Aqui e agora!

Com a afiada parte traseira do machado, ele quebrou o fecho da mala e, em seguida, foi abrindo devagar e com todo cuidado. Ela estava vazia.

Ele se levantou. O suor frio escorreu-lhe da fronte caindo sobre suas faces.

– Setecentos e sessenta e oito... – anunciou o alto-falante – setecentos e sessenta e sete... setecentos e sessenta e seis...

E por trás da voz impassível que dizia os números, podia-se ouvir baixo, mas clara e inconfundivelmente, o tique-tanque, que tornava-se cada vez mais alto e ameaçador.

O bombeiro forçou caminho para sair do saguão da catedral. Algumas vezes foi empurrado de novo para trás, mas depois de algum tempo ele conseguiu chegar à plataforma. Nesse momento, a voz do alto-falante contava ininterruptamente, enquanto o tique-taque martelava.

– Cento e cinquenta e três... cento e cinquenta e dois... cento e cinzena e um... cento e cinquenta... cento e quarenta e nove...

Quando ele finalmente chegou ao lugar onde os trilhos estendiam-se para o espaço vazio, encontrou ali o traje de penitente que a jovem mulher usara. Ele ergueu-o e foi sentar-se na margem extrema da plataforma.

Ele viu bem à distância as nuvens da noite passando pelas outras ilhas através do espaço de penumbras; muitas dessas ilhas, escuras, outras iluminadas como aquela, na qual encontrava-se a catedral da estação.

– Talvez algum trem tenha saído – disse o bombeiro para o vazio. – Não sei para onde ela queria ir, mas talvez tenha chegado nesse meio tempo...

E enquanto suas mãos vagavam pelo tecido negro e pesado da roupa esfarrapada, ele ouviu o tique-taque tornando-se insuportavelmente alto no alto-falante, e a voz impassível contou os últimos números:

– Sete... seis... cinco... quatro... três... dois... um... zero...

UM TECIDO NEGRO E PESADO, QUE SE PERDIA PARA CIMA E PARA OS LADOS, NA ESCURIDÃO, PENDIA EM DOBRAS PERPENDICULARES, AS QUAIS, MOVIDAS POR IMPERCEPTÍVEIS LUFADAS DE VENTO, ONDULAVAM DE VEZ EM QUANDO PARA A FRENTE E PARA TRÁS.

Disseram-lhe que aquela era a cortina do palco e que assim que ela começasse a se levantar, ele deveria iniciar imediatamente sua dança. Haviam-lhe repetido com insistência que não se deixasse irritar com nada, pois de vez em quando pareceria que a platéia nada mais era, de ponta a ponta, que um abismo vazio e sombrio mas, vez por outra, pareceria também que se estava olhando para o tumulto de uma feira-livre, ou para uma rua movimentada, uma sala de aula ou um cemitério, mas tudo isso seria apenas alucinação. Resumindo: sem se preocupar com absolutamente nada, com qualquer impressão que tivesse, estivesse alguém assistindo-o ou não, ele deveria começar a dançar seu solo, assim que a cortina subisse.

Portanto, lá estava ele, o fêmur e canela cruzados, a mão direita caída, a esquerda repousada na cintura, esperando o começo. De vez em vez, se o cansaço o forçava, ele trocava essa posição, transformando-se, por assim dizer, no contrário de sua imagem no espelho.

No entanto, a cortina não se levantava.

A pouca luz que vinha de algum lugar no alto, estava concentrada sobre ele. No entanto, era tão fraca que ele não conseguia ver os próprios pés. O círculo de luminosidade que o cercava, deixava que ele reconhecesse apenas o pesado e negro tecido à sua frente. Esse era seu único ponto de referência, pois o palco jazia em completa escuridão e era extenso como uma planície.

Ele se perguntou se, por acaso, haveria algum bastidor, e o que representaria. Não seria importante para sua dança, mas ele gostaria de saber em que cenografia o veriam. Num salão de festas? Numa paisagem? Com certeza, a iluminação também mudaria quando a cortina fosse levantada. Nesse momento, essa pergunta também seria respondida. Lá estava ele, o fêmur e canela cruzados, a mão esquerda caída, a direita negligentemente apoiada na cintura. Vez por outra, quando o cansaço o forçava, ele mudava de posição, dessa vez porém transformando-se no contrário de sua imagem no espelho refletida num espelho.

Ele não podia se distrair, pois a cortina poderia ser levantada a qualquer momento, quando ele deveria estar presente de corpo e alma. Sua dança começava com um potente toque de timbales e um furioso rodopio de saltos. Se ele perdesse a entrada, tudo iria por água abaixo, nunca mais ele alcançaria o compasso perdido. Ele tornou a percorrer em pensamento todos os passos, as piruetas, entreatos, jettées e arabesques. (termos técnicos franceses para designar passos de balé clássico)

Ficou satisfeito, tinha tudo presente em sua mente. Tinha certeza de que iria bem. Já ouvia os aplausos explodirem como os barulhos do mar. Ele também recordou-se do remercier (termo técnico de origem francesa que, empregado na balé, no teatro, ópera ou recital, indica a flexão do corpo em agradecimento aos aplausos), pois ele era importante. Quem o fizesse bem poderia assim prolongar consideravelmente os aplausos. Enquanto pensava nisso tudo, continuava ali, esperando, o fêmur e canela cruzados, a mão direita caída, a esquerda recostada de leve na cintura. As vezes, quando o cansaço crescente o forçava, ele mudava a postura, colocando-se novamente na posição contrária à da imagem no espelho da sua imagem do espelho refletida num espelho.

A cortina ainda não havia sido levantada e ele perguntava-se sobre a possível causa. Será que haviam esquecido que ele já se encontrava ali no palco, pronto para começar? Será que o estariam procurando no camarim, na cantina do teatro ou, quem sabe, até mesmo em casa, desesperadamente? Será que ele deveria fazer-se notar na escuridão do palco, gritando ou acenando? Ou será que não estariam à sua procura, mas a apresentação havia, isso sim, sido postergada por alguma razão qualquer? Será que ela havia sido suspensa sem que lhe tivessem feito uma comunicação? Talvez todos já tivessem ido embora, sem se lembrar de que ele encontrava-se ali, esperando sua entrada em cena. Havia quanto tempo ele estava ali? Afinal de contas, quem o destinara para ali? Quem lhe havia dito que aquela era a cortina e que, assim que fosse levantada, ele

deveria começar a dançar? Ele começou a calcular quantas vezes se havia transformado em sua imagem no espelho e na imagem do espelho de sua imagem no espelho, mas imediatamente afastou de si esse tipo de reflexão, para não ser surpreendido pelo súbito levantar da cortina e, confundido, sem ter entrado em sua parte, ficar olhando desamparado para o público. Não, ele tinha de continuar tranqüilo e concentrado!

Mas a cortina não se mexia.

Pouco a pouco sua excitação inicial de felicidade foi tornando-se uma profunda irritação. Ele tinha a sensação de estar sendo vexado. Preferiria sair correndo do palco para ir se queixar aos gritos em algum lugar, atirando no rosto de alguém todo seu desapontamento, toda sua raiva. Mas não sabia ao certo para onde deveria correr. O pouco que via à sua frente, a cortina, era sua única orientação. Se saísse desse lugar, ficaria andando às apalpadelas e, infalivelmente, ficaria desorientado. E também podia muito bem acontecer de a cortina ser levantada nesse exato momento, e soar as batidas dos timbales. Então ele estaria no lugar errado, as mãos esticadas para a frente, qual mãos de cego, possivelmente de costas para o público. Impossível! Só de imaginar uma tal situação, ele ficou quente de vergonha. Não, não: ele tinha mesmo de ficar ali onde se encontrava, sentindo-se bem ou mal, e esperar para ver quando – e se – lhe dariam algum sinal. Portanto, ele continuou, o fêmur e canela cruzados, a mão esquerda caída frouxamente, a direita apoiada pesadamente na cintura. De tempos em tempos, quando o cansaço o forçava, ele mudava a pose, transformando-se sabe-se lá por qual enésima vez em sua imagem no espelho.

Num dado momento, ele perdeu a esperança de que a cortina fosse ser aberta alguma vez, mas no mesmo instante ele soube que não poderia sair de seu lugar, já que, mesmo indo contra todas as expectativas, não se podia excluir a possibilidade de que ela se abrisse. Ele já havia desistido de ter esperanças ou de se irritar. Só podia ficar ali onde estava, acontecesse o que acontecesse, ou não acontecesse. Já não se importava com sua apresentação, se esta seria um sucesso ou um fiasco, ou mesmo se iria ter lugar.

E posto que sua dança já não significava mais nada para ele, foi esquecendo-se uns após os outros de todos os passos e saltos. No decorrer da espera, ele chegou até mesmo a esquecer o que estava esperando. Mas continuou parado, fêmur e canela cruzados, diante dele o pesado pano negro que se perdia para cima e para os lados, na escuridão.

A SENHORA PUXOU PARA O LADO A CORTINA NEGRA DA JANELA DE SEU COCHE E PERGUNTOU:

– Por que não vai mais rápido? Você sabe muito bem o que significa para mim chegar a tempo na festa!

O cocheiro pernetá inclinou-se na boléia na direção dela e respondeu:

– Entramos num comboio, madame. Também não sei como. Só cochilei um pouquinho. De qualquer modo, apareceram de repente essas pessoas que estão obstruindo a estrada.

A senhora saiu da janela e recostou-se. De fato, a estrada estava cheia de uma caravana de pessoas. Eram crianças e velhos, homens e mulheres, todos trajando roupas de saltimbancos de um desbotado multicolorido e aventureiro, chapéus fantásticos na cabeça, enormes pacotes nas costas. Muitos cavalgavam em muares,

outros em cães enormes ou avestruzes. No meio, iam carros de duas rodas, cheios até em cima de caixas e malas, ou charretes com toldo onde viajavam as famílias.

– Quem são vocês? – perguntou a senhora a um jovem com roupa de arlequim que passava ao lado de seu coche. Ele trazia sobre o ombro uma vara, cuja outra extremidade era carregada por uma moça de olhos

amendoados e vestes chinesas. Na vara estavam pendurados vários utensílios domésticos, e no ombro dela um macaquinho com frio. – Vocês são um circo?

– Não sabemos o que somos – disse o jovem. – Nós não somos um circo.

– De onde vocês estão vindo? – quis saber a senhora.

– Da montanha do céu – replicou o jovem –, mas isso já faz muito tempo.

– E o que vocês fizeram lá?

– Isso foi antes de eu ter vindo ao mundo. Nasci no meio do caminho.

Nesse momento, intrometeu-se na conversa um velho que trazia nas costas um enorme alaúde ou baixo.

– Ali nós encenamos a Peça Ininterrupta, bela senhora. Esse garoto não podia saber. Era uma peça para o sol, a lua e as estrelas. Cada um de nós situava-se em um cume e gritávamos as palavras uns para os outros. Ela era encenada sem cessar, pois essa peça conservava o mundo unido. Mas agora a maioria de nós já esqueceu isso. Já faz muito tempo.

– Por que vocês pararam de encenar?

– Houve uma tremenda desgraça, bela senhora. Um dia nós notamos que nos faltava uma palavra. Ninguém a havia roubado, nós tampouco a esquecemos. Ela simplesmente não estava mais lá. Mas sem essa palavra nós não podíamos continuar encenando, porque nada mais fazia qualquer sentido. Ela era a palavra através da qual tudo se relacionava com tudo. Compreende, bela senhora? Desde então estamos viajando para tentar reencontrá-la.

– A palavra através da qual tudo se relaciona com tudo? – perguntou a senhora espantada.

– Sim – disse o velho acenando sério –, na certa a senhora também já deve ter notado, bela senhora, que o mundo é composto somente de fragmentos, dos quais nenhum tem nada mais a ver com o outro. Ele tem sido assim desde que perdemos a palavra. E o pior de tudo é que os fragmentos continuam a se partir, restando deles cada vez menos partes que se relacionem com outras. Se não encontrarmos a palavra que relacione tudo com tudo, o mundo vai acabar um dia se pulverizando por completo. É por isso que estamos viajando para procurá-la.

– Vocês acreditam que um dia vão achá-la?

O velho não respondeu, ele acelerou o passo e ultrapassou o coche. A moça de olhos de amêndoas, que nesse momento caminhava ao lado da janela da senhora, explicou timidamente:

– No longo caminho que percorremos, estamos escrevendo a palavra na superfície da Terra. Por isso não ficamos em parte alguma.

– Ah – disse a senhora –, então vocês também sabem para onde devem ir?

– Não, nós nos deixamos levar.

– E quem ou o quê conduz vocês?

– A palavra – respondeu a moça sorrindo, como que querendo pedir desculpas.

A senhora olhou a moça de soslaio durante um longo tempo, depois perguntou em voz baixa:

– Posso ir com vocês?

A moça ficou calada e riu e, lentamente e seguindo o rapaz à sua frente, ultrapassou o coche.

– Pare! – gritou a senhora para seu cocheiro. Este freou os cavalos, virou-se para trás e perguntou:

– A senhora quer realmente ir com esses aí, madame?

A senhora ficou sentada, muda e empertigada no coxim, olhando fixamente para a frente. Pouco a pouco todo o resto da tropa passou pelo coche parado. Quando o último retardatário passou, a senhora levantou e seguiu o comboio com a vista, até ele desaparecer na distância. Começou a chover um pouco.

– Vamos voltar! – gritou ela para o cocheiro, enquanto tornava a entrar no carro – Vamos viajar de volta. Tomei outra decisão.

– Graças a Deus – disse o perneta –, eu já estava pensando que a senhora queria ir mesmo com eles.

– Não – respondeu a senhora perdida em seus pensamentos. – Eu não seria útil para eles. Mas eu e você podemos testemunhar que eles existem e que nós os vimos.

O cocheiro deu a volta nos cavalos.

– Posso perguntar uma coisa, madame?

– O que você quer?

– A madame acredita que eles encontrem essa palavra um dia?

– Se a encontrarem – respondeu a senhora – então o mundo deverá transformar-se de uma hora para outra. Você não acha? Talvez um dia sejamos testemunhas dessa transformação. E agora, vamos embora!

A TESTEMUNHA CONFESSA QUE SE ENCONTRAVA À NOITE, EM UM PRADO, PROVAVELMENTE NUMA CLAREIRA, JÁ QUE ERA CERCADO POR ALTAS ÁRVORES. No entanto, não pôde descobrir com certeza por causa da escuridão reinante.

Em volta do campo havia grandes círculos de pessoas com roupas longas, brancas, parecidas com camisolões. Algumas dessas pessoas portavam archotes, as restantes foices, enxadas e machados.

Após um longo e impaciente silêncio ouviu-se finalmente uma voz alta dando a ordem:

– Matem os que tiverem luzes!

Em seguida, os armados lançaram-se sobre os que traziam archotes, que nem fizeram menção de fugir, nem de se defender, apenas continuaram parados em silêncio.

Começara uma terrível carnificina, no entanto nada se podia ouvir a não ser o tremendo ruído surdo perto e longe, sempre repetido, causado pela penetração dos machados e enxadas nos corpos dos indefesos.

Uns após outros, os archotes foram sendo apagados no sangue de seus portadores e a escuridão se espalhou.

Pouco depois soprou um vento poderoso que esfarrapou a cobertura negra de nuvens, limpando o pálido e escuro céu. O imenso campo estava coberto de corpos. A mesma voz alta que dera a ordem para a morte dos portadores de archotes, exortara aos assassinos que embebessem sua roupa no sangue dos mortos.

Essa ordem também foi dada para a testemunha, a qual afirma não poder mais recordar-se se a cumpriu ou não.

No entanto, ele ainda se recorda de ter continuado sozinho (talvez como última pessoa?) entre todos os assassinados. Nisso, ele diz ter notado que sua roupa ficava, de baixo para cima, cada vez mais úmida, vermelha e pesada.

Então, no sibilar do vento, ele percebeu como se fosse uma rajada de vento uma outra torturosa e aflita voz, que gemia algo como que “ai, ai!”, contudo ele quase tem certeza de que não foram essas palavras, mas sim “veja, veja!”

Depois disso ele levantou a vista para o céu e pôde divisar na escuridão uma corda, a qual estendia-se obliquamente pelo campo todo e na qual estava pendurada uma figura humana em posição de cruz.

A testemunha acrescentou que não pode dizer com segurança se a figura estava apenas presa nessa corda oblíqua ou se se tratava de dois pedaços de corda separados, cada um amarrando o punho esquerdo e o direito da figura, de modo que a própria figura estivesse esticada como parte de ligação. Como a testemunha assegura, estava muito escuro para se verificar isso.

O ANJO PÁLIDO COMO MÁRMORE ESTAVA SENTADO ENTRE OS OUVINTES NA SALA DE AUDIÊNCIAS, COMO TESTEMUNHA DO PROCESSO. Ele tomara assento na primeira fila à direita, debaixo da janela grande. Suas asas enormes estavam jogadas para trás por cima do encosto de seu assento e ocupavam os dois lugares às suas costas. Como ele era pelo menos umas duas cabeças mais alto do que os outros ouvintes, estava incomodando a visão de muitos, mas ninguém se queixou. Ninguém parecia prestar atenção nele. Pelo contrário, uma mulher bem gorda, de rosto moreno, recostou-se nele repetidas vezes, roncando, como se se tratasse de uma coluna. Embora a incômoda posição devesse estar lhe causando um tormento desesperador, não se via em seu rosto sério de estátua nenhum esgar de comoção. Estava sentado empertigado e imóvel, e na sua figura tudo parecia ser feito de pedra branca. No geral ele despertava a impressão de ser uma escultura de cemitério, demasiadamente grande. Somente seus olhos escuros como o infinito seguiam com tranqüila concentração tudo que se passava.

A sala onde ocorria o debate era bem grande. As fileiras de bancos erguiam-se para trás, numa quase penumbra, e desapareciam lá em cima, na ambigüidade da meia-luz. Um murmúrio baixo de muitas vozes, tosses e cochichos enchiam o ar. As fileiras estavam todas ocupadas e os rostos da multidão – incontáveis manchas brancas – oscilavam constantemente de um lado para o outro, qual canavial ao vento.

No local que deveria ser reservado ao juiz, ao invés da mesa, havia um andaime tosco, de uns quatro metros de altura. Uma escada de tábuas encravadas levava para uma plataforma sem corrimão, na qual estavam apenas uma mesinha e uma cadeira, esta colocada um pouco mais ao fundo.

À direita e esquerda desse andaime, mas deslocadas um pouco para frente, erguiam-se duas estreitas torres de tábuas e vigas, construídas também sem muito cuidado, e que culminavam no púlpito. Um banco de madeira baixo e longo corria entre essas torres, fazendo às vezes de peça de ligação.

Tudo estava pronto para a audiência, mas seu início ainda se fazia esperar. No entanto, o público parecia não inquietar-se mais, era como se quase não estivesse interessado no que iria acontecer. Cada pessoa conversava aos sussurros com seu vizinho. Somente o anjo continuava de olhos grudados na cena ainda vazia, sob a atenção inviolável de seus semelhantes, como se já previsse o que aconteceria.

Finalmente abriu-se uma pequena porta na parede frontal, à esquerda do andaime de vigas e, um atrás do outro, entraram marchando dez, doze homens e mulheres com blusas verde-maçã, mangas curtas, barretes da mesma cor na cabeça. Muitos ostentavam vendas brancas na boca e nariz, e todos usavam luvas de borracha. Colocaram-se em fila diante do banco entre as duas torres de madeira e, em seguida, quando já estavam todos juntos, sentaram-se ao mesmo tempo. Alguns dentre eles sussurraram algo para os que sentavam ao lado; estes, por sua vez, passavam a mensagem para a frente e, no final, todos viraram o olhar para o anjo. Este encarou-os imóvel como se estivesse muito distante e, um após outro, eles foram baixando o rosto.

De repente, soou uma campainha elétrica com um ruído estridente e ensurdecedor, o que, no entanto, quase não foi notado pela multidão de assistentes. O murmúrio geral, os sussurros e as tosse continuaram na mesma dimensão. Depois, a porta voltou a se abrir com violência, e avançaram duas pessoas trajando togas negras e ondulantes. Uma delas era uma mulher de cabelos grisalhos e curtos, e um arremedo de bigode; a outra pessoa era um homem baixote, de rosto vermelho e careca reluzente. Rapidamente, como se a coisa dependesse de cada segundo, os dois escalaram as torres à esquerda e direita e ocuparam os púlpitos, onde começaram a folhear selvagememente vários documentos. Enquanto isso, trocavam olhares de quem está pronto para o combate. Num dado momento, a mulher correu os olhos entre os assistentes até descobrir o anjo. Ela fez com a cabeça um sinal de cumplicidade, ergueu as mãos, juntou os polegares e apertou. O anjo não fez nenhum sinal de que tivesse reconhecido ou compreendido. O careca notou o sinal de sua colega e, por seu turno, procurou no público alguma pessoa a quem ela se dirigira. Ao ver o anjo, franziu involuntariamente as sobrancelhas, balançou a cabeça e tornou a remexer entre suas atas.

A terrível campainha voltou a soar mais uma vez. A pequena porta abriu-se e entrou uma figura monstruosa com passinhos lentos e saltitantes. Estava de tal modo equipada, que só pôde passar pela abertura caminhando de lado e, mesmo assim, com um certo transtorno. Usava uma espécie de quimono cor de mercurocromo, guarnecido por toda parte com dobras reforçadas. Não se lhe podia ver os pés, pois o tecido não apenas chegava até o chão, como também se estendia alguns metros para trás. O tamanho descomunal da figura, assim como seu caminhar inseguro, levavam à conclusão de que ela caminhava com coturnos altos. A cabeça e o rosto estavam encobertos por uma espécie de rede de vime parecida com uma colméia, pintada de vermelho. Eram visíveis somente as mãos brancas e pequenas, que emergiam da massa de tecido com dedos afetados e unhas longas e afiladas.

Com uma dignidade ameaçadora, a figura avançou, puxando a perna e girando para os lados à procura de algo. Era evidente que ela não podia ver nada. Algumas das pessoas com blusas verde-maçã se levantaram, apressaram seus passos e acompanharam respeitosamente a figura até o andaime do meio. Os outros também se levantaram e até mesmo a mulher bigoduda e o homúnculo careca observaram com respeito de suas tribunas, enquanto finalmente a figura galgou devagar a escada improvisada que levava à plataforma. Tendo chegado ali, deixou-se cair pela ação da gravidade na cadeira atrás da mesinha. Ergueu dos ombros a rede de vime e colocou-a no chão ao seu lado. O rosto que se revelou era branco como cal, a cabeça cercada por uma coifa cinzenta. Justamente por causa da poderosa apresentação, o rosto pareceu estranhamente pequeno e como que de boneca. A figura olhou para frente sem nenhuma expressão no rosto.

As pessoas de blusa verde voltaram a seus lugares. A mulher de toga negra fez uma pequena vênia para a figura na plataforma e começou a falar. Sua voz era profunda e um pouco roufenha e, por isso, difícil de ser ouvida no murmúrio reinante no auditório.

– Trata-se da petição setenta e três traço oitocentos e nove em algarismos romanos, cinco ipsilone, noventa e um. A pessoa até aqui sem nome pede permissão para corporificar-se. Como depreende-se dos documentos apresentados, não existe nenhuma razão para se lhe recusar essa permissão. Por conseguinte, solicito ao nobre tribunal uma decisão positiva.

– Contesto – gritou o careca do outro púlpito, com uma voz surpreendentemente alta e cortante, balançando um documento – porque essa pessoa sem nome, segundo esse parecer oficial, já procedeu à sua corporificação sem nenhuma permissão oficial. Assim, ela incorreu no parágrafo setecentos e doze, alínea três, da lei de autorização. Esses fatos foram criados para influir no tribunal e para pressionar os outros interessados. O nobre tribunal não se deixará impressionar, rejeitando a petição injustificada.

– De fato está correto – replicou a mulher – e, a propósito, nunca negamos que já foi dado o primeiro passo da corporificação. Mas como demonstramos em nossa fundamentação, o requerente parte do pressuposto de que o digno tribunal reconheça a necessidade absoluta da observação de uma determinada data. Afinal de contas, está bem claro que certas condições só existem em uma data determinada. Uma antecipação ou adiamento da corporificação levariam a condições bem diferentes e, desse modo, apressariam ou pelo menos colocariam em perigo todo o sentido da corporificação. Isso significaria um prejuízo injustificado para o requerente, o qual não faz justiça ao preceito de igualdade. O digno tribunal não pode

tornar-se culpado de um crime, pelo qual ele tem obrigação de punir outras pessoas. Portanto, continuamos com nossa petição, esperando uma decisão positiva.

– Absurdo! – proferiu o careca. – Uma data é tão boa quanto outra! Do contrário haveria uma preferência ou prejuízo naturais de todos os requerentes. As condições sobre as quais a nobre colega está falando existem sem dúvida nenhuma, mas nunca podem ser reconhecidas de antemão em sua qualidade negativa ou positiva para o corporificando. Em outras palavras: somente depois pode-se ver se o momento de uma corporificação foi adequado ou não para a pessoa, aliás geralmente isso só se verifica após o fim da corporificação. Não queremos cultivar aqui nenhum misticismo falso! A que ponto chegaríamos se quiséssemos programar a corporificação de uma maneira, por assim dizer, cômica?! Isso é simplesmente ridículo!

– Ridícula – disse a mulher que pouco a pouco se exaltava – é sua maneira de pensar mecânica e materialista, caro colega! Ridícula e, o que é pior, cínica! Pois seu princípio de acaso contradiz a dignidade humana! O homem não é nenhum coelho! A essência do homem reside em seu destino! Ele é único e, por causa disso, depende de condições únicas! Por isso, tanto é criminoso apressar uma corporificação, quanto exterminar uma já existente. Isso é assassinato, caro colega! Meu constituinte vem há anos preparando sua corporificação. Ele reuniu seus bisavôs e avôs, assim como seus procriadores imediatos. Para isso foi necessária uma exatidão inimaginável em todos os detalhes. Se seu bisavô não tivesse tirado um dente em um dia determinado, então não teria encontrado a correspondente pessoa feminina, que se encontrava no caminho de volta àquele balneário para obter um emplastro para seu calcanhar machucado. Caso não se encontrassem, não se teriam casado e tido filhos, filhos estes entre os quais estava a moça que se tornou avó do requerente... ou que deveria ter-se tornado. Milhares, milhões desses detalhes poderiam ser enumerados aqui. E o senhor quer eliminar esse milagre como sendo casualidade? Quer bater a porta na cara do requerente no último instante? Quer forçá-lo a começar do princípio todo esse estafante trabalho? Com que direito? E mesmo que ele recomece o trabalho, seu resultado nunca poderá ser o mesmo que é agora. Talvez meu constituinte tenha de dar ao mundo algo que só pode dar agora e em condições determinadas. Pense nos grandes santos, nos gênios, aos heróis de nossa história! Que seria do mundo se se negasse a apenas um deles o direito à corporificação? O que me tem a responder?

– E quem foi que lhe disse, cara senhora colega – gritou em resposta o careca do rosto avermelhado –, que seu constituinte não se tornará justamente um dos maiores criminosos de todos os tempos, uma maldição para a humanidade? Nesse caso, não seria melhor negar-lhe o direito à corporificação? O que a senhora está apresentando aí são hipóteses inconsistentes. O momento e as condições nas quais uma pessoa se corporifica são tão casuais quanto as cartas em um jogo. A senhora fala em responsabilidade! A senhora fala de dignidade humana! Como se nós não nos preocupássemos mais do que a senhora com isso! Justamente isso que a senhora está apresentando, cara colega, nos leva em última instância à irresponsabilidade completa, porque torna impossível para nós qualquer decisão sensata. Quando tudo tem um sentido secreto, inclusive o dente extraído de um avô, então é porque nada tem sentido, é porque no fundo, de uma maneira fatal, nada importa. A senhora sabe e todos nós sabemos que há muito tempo que existem homens demais em nosso mundo. Seria deveras irresponsável admitir indistintamente qualquer petição de corporificação. Com isso obteríamos o contrário do que a senhora, cara colega, postula de modo tão impressionante: a defesa da dignidade humana. Temos a responsabilidade porque temos o meio com que agir. Não podemos nos privar dessa responsabilidade com alguns argumentos piedosos, embora baratos! E seu mandante, cara colega, está demais, segundo nossa legislação de corporificação. Pessoalmente, eu lamento o rigor que nos força a necessidade nesses casos isolados, mas estou convencido da sensatez dessa dureza. A petição deve ser rejeitada!

Nesse momento, foi cortada a palavra dos oradores com um novo toque da campainha elétrica. Eles calaram-se e ambos passaram a remexer seus documentos com rostos furiosos, lançando olhares preocupados para as pessoas vestidas de verde. Estas deliberavam inaudivelmente, acenavam, gesticulavam e balançavam a cabeça. No final, escolheram um dentre eles, um homem jovem que se levantou devagar e ali ficou, cabisbaixo e de braços caídos

como um condenado. Ele retirou a venda da boca e nariz e então se pôde ver que estava pálido. Com passos cansados ele caminhou até a mesinha e desapareceu.

A mulher gorda ao lado do anjo foi despertada e, durante um breve instante, seguiu os acontecimentos. Nesse momento, ela suspirou entusiasmada:

– Ah... uma sentença divina!

Em seguida, tornou a mergulhar em sono com um rosto interessado.

O anjo, que durante todo o tempo não se havia mexido, levantou a cabeça e olhou para o nicho da janela sob o qual estava sentado, pois sentiu que havia alguma coisa pingando em cima dele. De fato, lá havia um enorme vaso de vidro, o qual ele não notara antes. Estava cheio de tinta. Talvez o barulho muito alto e estridente da campainha tivesse estalado o vidro. De qualquer modo, o conteúdo estava vazando através de uma fenda e pingava sobre as asas e o hábito do anjo. No entanto, ele não se mexeu nesse momento: deixou que o líquido azul-escuro continuasse manchando suas asas e vestes, e correndo em seu corpo em longas listras. Seu olhar sombrio tornou a ficar rígido e dirigido à pequena porta.

Pouco depois ela se abriu e entrou uma mulher jovem. Ela trajava uma longa camisa branca e, com cuidado, trazia nas mãos uma bacia de porcelana coberta com um pano igualmente branco.

Tendo chegado ao andaime do meio, ela deu as costas para os assistentes, esticou os ombros, lançou um olhar para a pessoa vestida de vermelho e, com gesto resolutivo, tirou o pano de cima da bacia. Esta estava cheia até a borda com sangue quente e ainda espumante, no qual mal se podia divisar alguns órgãos nadando.

No mesmo momento, a pessoa vestida de vermelho sobressaltou-se em sua cadeira, seu rosto de boneca contraiu-se em uma careta assustadora de cobiça ou raiva, e empurrou a mesinha para o lado, de tal modo que esta rolou degraus abaixo fazendo barulho e estalando. Em seguida, ele mesmo correu, descendo a escada com uma rapidez incompreensível e parou bem em frente da mulher que o encarou paralisada pelo espanto. O homem vestido de vermelho fez no ar alguns movimentos dançantes e espalhados, enquanto seu rosto se desfigurava por completo, passando a não ter nada mais de humano. Em seguida, ele teve um acesso, levou as duas mãos à bacia como quem procura alguma coisa determinada, agarrou um órgão que podia ser um minúsculo coração que, ávido, meteu na boca engolindo em seguida. Ele voltou a remexer na bacia e, ao fazê-lo,

salpicou de sangue a mulher que a segurava. Pouco depois disso acontecer, ele jogou fora o que tinha na mão e, com o olhar fixo, ofegando e gargarejando, apontou com os dedos que pingavam sangue para as manchas vermelhas na camisa da jovem mulher. Em seguida, fechou a mão direita e socou a mulher na fronte com tamanha fúria que esta caiu morta no chão sem dizer um ai. A bacia de porcelana despedaçou-se.

No momento dessa cena terrível, o anjo se levantara e agora lá estava, com todo seu tamanho. O homem vestido de vermelho virou-se e encarou-o mostrando os dentes. Ao ver as manchas de coloração azul-escuro naquela figura branca como mármore, ele se aproximou, apontou as manchas com os dedos sujos de sangue, voltou a fechar a mão e levantou o braço para bater. Nesse momento, o anjo abriu a boca e soltou um grito que soou como o estalo de um enorme sino de bronze. Durante um instante, o mundo pareceu paralisado por aquele grito.

O homem vestido de vermelho desfez-se de seu entorpecimento, deu alguns passos vacilantes e, enquanto seu rosto voltava a assumir a expressão de boneca, parecendo quase aflito, ele inclinou-se e começou a esfregar as manchas escuras, movendo os lábios tremulamente, entre balbucios quase incompreensíveis:

– Perdoe-me, por favor... eu só estava um pouco perturbado... eu sinto muito... – disse ao anjo.

O anjo continuava imóvel, mas fechara os olhos. Foi como se um abalo percorresse seu corpo, um soluço mudo e convulsivo.

Quando voltou a abrir os olhos, viu o homem vestido de vermelho ajoelhar-se ao lado do cadáver da jovem mulher e acariciar delicadamente seu rosto. Nesse momento, cinco crianças formavam um amplo círculo em volta dos dois, com as espadas de madeira erguidas diante do rosto como que numa saudação.

– Que lindos – murmurou a mulher gorda com o rosto moreno por trás do anjo. – As crianças estão velando a vítima e o culpado...

E com um suspiro de satisfação voltou a mergulhar no sono.

O público restante pareceu não ter notado os acontecimentos, dando como antes a impressão de um canavial cinzento, movido levemente pelo vento.

O ROSTO DA MÃE ESTÁ SOMBRIO COMO UM PÂNTANO. Sentada à mesa, ancas esparramadas, mastigando. O relógio de pé está encostado na parede, um gigante que bate horas sem descanso, as horas de arrependimento, as horas de oração, as horas de ócio, as horas da manhã, o passar das horas.

E a noite.

A mãe não olhou para ele, para o gigante. Ela passou os olhos por ele, dirigiu-os à janela e cuspiu com desprezo. Lá fora a semente brotava, florescia e murchava.

No corredor escuro, mexia-se uma sombra magra, seu marido.

– Devo fazer o café? – perguntou ele de modo rabugento.

A mãe não ouviu nada. Ela roncou. E enquanto roncava, deu à luz três filhos. O menino está morto, as duas meninas vivem.

O homem segura as meninas e as leva para o quarto onde já se encontram muitas crianças. O menino ele coloca lá fora, entre as sementes. A mãe despertou e está mastigando de novo. O homem vai até a sala e se embriaga. As vacas mastigam como a mãe.

O homem abate uma vaca. A mãe a come, assim como ele e as crianças. A semente abre-se. Todos comem pão e tomam com colher o leite da mãe e das vacas.

O homem se deita em cima do fogão e dorme. A mãe torna a parir duas crianças. As vacas mastigam. O pai abate a mãe. Ele e as crianças a devoram, o cão também recebe um pedaço. O homem percebe seu erro, vai até o estábulo e embriaga-se.

Enquanto ele dorme, a filha mais velha escala a mesa. Uma sombra mexe-se no corredor, um homem estranho. O relógio de pé bate as horas de ócio e outras horas.

A filha pare duas crianças. Quando o pai retorna e vê tudo isso, ele chora um pouco. Mais tarde, ele se deita ao sol e assim fica.

O estranho enterra-o sob as sementes que se abrem. A filha mastiga. O estranho vai até o estábulo e se embriaga.

TÃO LENTAMENTE QUANTO O GIRO DE UM PLANETA, GIRA A GRANDE MESA REDONDA DE TAMPO GROSSO. Em cima dela está montada uma paisagem com montanhas e florestas, cidades e aldeias, rios e mares. Tu estás no centro disso tudo, minúsculo e frágil, qual figurinha de porcelana, girando.

Tu tens conhecimento do movimento constante, mas teus sentidos não o percebem. A mesa está situada no meio de um saguão abobadado, o qual também gira com seu chão de pedra, com a abóbada, as paredes, lentamente como um planeta.

Tu vês distante, na escuridão, ao longo das paredes, os armários e arcas, o enorme e velho relógio de pé, que aponta para o sol e a lua, entre as paredes pintadas de estrelas, aqui e ali um cometa, e bem acima de ti, na cúpula, a Via Láctea. Nenhuma janela, nenhuma porta. Aqui estás seguro, tudo te é familiar, tudo está bem encaixado, tu podes confiar em tudo. Este é o teu mundo. Ele gira e tu, no centro do centro, giras constantemente com ele.

Mas, acontece uma vez de um terremoto varrer tudo. A parede de pedra rasga-se, uma fenda que continua se abrindo. As estrelas pintadas separam-se e tu penetras teus olhos em algo que te é tão estranho, que eles se negam a distinguir uma distância na qual teus olhos se lançam, uma escuridão luminosa, uma borrasca imóvel, um raio contínuo. A única coisa na qual teus olhos podem se fixar é uma forma humana recostada obliquamente no furacão inaudível, envolta da cabeça aos pés em um pano que parece adejar, mas que no entanto está tão imóvel quanto se estivesse em um quadro. A forma envolta está lá tranqüila, mas está em cima de nada, pois debaixo de seus pés está o abismo. O vento pressionou o pano contra o rosto, tu pressentes sua forma.

Nesse momento, tu vês a boca movendo-se por trás do véu e ouves uma voz profunda e suave que diz:

– Saia, irmãozinho de sangue!

– Não – tu gritas espantado – vá embora! Quem é você? Eu não lhe conheço.

– Você não pode me reconhecer – responde-te a figura envolta – enquanto não sair. Portanto, venha!

– Eu não quero! – tu gritas, – Por que iria fazê-lo?

– Está na hora – diz ele.

– Não – tu replicas –, não, esse aqui é o meu mundo! Sempre estive aqui, quero ficar aqui. Vá embora!

– Deixe de bobagem! – diz ele. – Faça voluntariamente antes que precise fazer. Senão vai ser tarde demais.

– Tenho medo – tu gritas para ele.

– Deixe inclusive do medo – responde ele.

– Eu não posso – tu replicas.

– Vamos, solte-se também – diz ele.

Nesse momento, tu tens certeza de que se trata de uma voz má, aquela que se dirige a ti e tu estás decidido a repeli-la.

– Por que você se esconde e não mostra o rosto? Eu já sei: porque quer me aniquilar. Quer me atrair até você para que eu caia no vazio.

Ele fica calado algum tempo e, finalmente, diz:

– Aprenda a cair!

Sentindo-se aliviado, tu vês a figura envolta desaparecer de teu campo de visão. Mas não que ela se tenha movido. O saguão abobadado continua a se mexer devagar e com ele a grande mesa redonda, em cujo

centro tu estás sentado, pequeno e frágil. E a fenda da parede continua a girar, tirando do teu campo de visão a figura lá atrás.

Mas, alguma coisa ficou diferente. A fenda não volta a se fechar. E por trás das tuas estrelas pintadas, fora do teu mundo bem fundamentado e nunca duvidado, está presente aquele outro que torna tudo duvidoso para ti. Tu não podes defender-te contra isso. Mas tampouco estás disposto a deixar passar. Tu continuas com a impressão durante um longo tempo de que te fizeram uma ferida que jamais será curada. Nada mais será como antes.

E depois acontece uma outra vez que a figura recostada obliquamente na borrasca imóvel chega ao teu campo de visão. Ela não se afastara. Estivera esperando por ti.

– Venha! – diz a voz profunda e macia. – Aprenda a cair.

Tu respondes:

– Já é bem ruim quando acontece de alguém cair no vazio. Agora querer ou até mesmo aprender isso, já é um crime. Você é um tentador, não lhe seguirei. Portanto, vá embora!

– Você vai cair! – disse o envolto. – E se não tiver aprendido, não poderá. Portanto, deixa de bobagem! Pois daqui a pouco nada mais estará apoiando você.

– Você invadiu meu mundo – tu lhe gritas. – Eu não lhe chamei. Você rompeu com violência tudo que era minha defesa e propriedade. Você só consegue destruir aquilo que me sustenta, mas não pode me forçar a obedecer.

– Não estou forçando – diz o envolto. – Estou pedido, irmãozinho de sangue. Está na hora.

A figura se cala e, enquanto ela desaparece de teu campo de visão, sua mão te ergue e te leva na direção dela, e te parece perceber a marca sangrenta de uma unha no corpo, à luz contínua do raio. No entanto, teu olhar já estava tratando de proteger-te e tu havias girado mais uma vez sobre a mesa debaixo da cúpula.

Tu tentas te convencer de que tudo não passa de ilusão. Mais cedo ou mais tarde a fenda voltará a se fechar nas ruínas, como se jamais tivesse existido. Então, ficará claro que, na realidade, ela nunca existiu, pois ela não pode estar lá, as paredes são ancestrais e indestrutíveis. O que sempre foi, sempre será. Tudo mais é engano, sabe-se lá surgido de onde. Não se deve se meter nisso. E depois, esse desafio terrível! Por acaso, ele não contém inclusive uma ameaça? E se tu tivesses agarrado a mão, o que poderia garantir que ela te sustentaria? Estaria ela estendida para te sustentar? Ou seria apenas para te arrancar de teu mundinho seguro e te arremessar no abismo? Não, será melhor que não sejas mais encontrado por aquele lá fora. Torna-te ainda menor! Esconde-te dele! Quando ele não mais puder te encontrar, talvez desista de ti, e tudo voltará a ser como antes.

O saguão abobadado gira devagar e com ele a enorme mesa redonda, junto com as cidades, aldeias e mares, e no centro, tu próprio. E mais uma terceira vez surge em teu campo de visão a figura envolta recostada na borrasca imóvel, iluminada pelo raio contínuo.

– Irmãozinho de sangue – diz a voz, e desta vez ela soa cansada, como que falando entre dores –, ouça-me e tenha confiança. Você não pode continuar onde está. Saia!

– Se eu cair você me apanhará e sustentará? – tu perguntas.

O envolto balança lentamente a cabeça.

– Se você tiver aprendido a cair, não cairá. Não existe nenhum lado de cima ou de baixo. Portanto, onde você iria cair? Os astros se mantêm em equilíbrio em suas órbitas, sem se tocar, porque são parentes. Assim

deve ser também conosco. Algo de mim está em você. Nós nos sustentaremos mutuamente e, fora isso, nada mais nos sustentará. Nós somos estrelas que giram, por isso deixe de bobagem! Libere-se!

– Como posso saber que é verdade o que você diz? – tu gritas desesperado.

– Por você mesmo – responde ele – porque estou em você e você em mim. Também as verdades são recíprocas e se sustentam no nada.

– Não! – tu gritas. – Não posso suportar isso. Não existe então como me salvar de você? O que há de você em mim? Por que não me deixa ficar em paz, aqui? Eu não quero sua liberdade!

– Você será livre – diz ele – ou então não será mais.

Depois disso tu ouves algo que soa como um suspiro. As paredes tremem e se mexem e, pouco a pouco, a fenda se fecha, do mesmo modo que tu desejava. Tu poderias ficar contente, mas isso não dura muito tempo.

Algo acontece a tua volta, algo que tu só compreendes pouco a pouco. Teu mundo, antes confiável, já não o é mais. Ele se vira contra ti. Sombras baixam do saguão abobadado: figuras da névoa, cinzentas e famintas, rostos pequenos e grandes que ali estão e, depois não estão um bulício nervoso e deslizante de membros e corpos, que se diluem e assumem novas formas. Que fazem? Quem são? De onde vêm? Saem das arcas e armários, do relógio, das próprias paredes, de tudo aquilo junto a que tu te julgavas seguro e salvo. Tudo isso já não tem mais nenhuma existência, aniquila-se a si próprio.

E enquanto o saguão abobadado gira lentamente em volta de ti, pequeno e frágil centro, tu debes deixar acontecer o que acontece. Afinal, foste tu mesmo quem provocou. Mas elas ainda têm medo de ti, seu criador; pelo menos, assim parece. Elas se comprimem nos cantos mais afastados e ao longo das paredes. Pressionam-se contra os muros de pedra, lambem como que com todo seu corpo nebuloso as paredes para cima e para baixo, e as estrelas pintadas desbotam-se. Nos lugares por onde elas passam, a estrutura torna-se indistinta, nebulosa como elas. Elas roubam a realidade do teu mundo, sugam-lhe a substância, tornando-a espectro de um mundo. Elas desfazem-se porque nunca existiram.

No entanto, parecem insaciáveis, pois pouco a pouco se aproximam de ti. Somente a mesa com o tampo grosso e a paisagem que há em cima giram e voltam a girar, contigo no centro. Tu compreendes que elas também irão te diluir, porque tu nunca exististe.

Nesse momento, tu sentes os golpes do martelo, contudo não se ouve barulho algum. Que estão fazendo ali? Passam um junco de um lado ao outro do tampo redondo, um trabalho estafante, mas elas não se estafam. E então, quando o junco atravessa de lado a lado, algo começa a correr e continua correndo e elas lambem, ávidas como cães. E tu sentes como se fosse teu próprio sangue que está correndo, como o círculo abaixo de ti torna-se mais irreal a cada batimento de teu coração. Nesse momento, tu és possuído por um espanto desamparado.

– Irmão de sangue! – tu gritas para mim com voz diminuta, quase inaudível. – Salve-me! Ensine-me a cair!

Mas o muro não se abre porque já não mais está ali. E logo não haverá mais nada além do abismo. Tu vais cair e cair, sem ter aprendido, e vais procurar em ti aquilo que te aparente com teu irmão de sangue, como os astros que se mantêm concomitantemente em suas órbitas, pois nada mais te sustentará e tu não poderás segurar-te em mais nada. No entanto, será que poderás? Como não aprendeste, será que poderás?

Nesse momento tudo desapareceu.

Está na hora.

Agora.

O INTERIOR DE UM ROSTO COM OS OLHOS FECHA-DOS. Fora isto, mais nada.

Escuridão. Vazio.

Voltar.

Voltar para onde?

Não sei mais.

Quem... eu?

Estou morto de saudades.

Lembre-se!

Para lá, de onde vim um dia. Para casa.

Você tem uma pátria? Você é filho dele?

Quem está perguntando?

Quem está respondendo?

Nesse momento os olhos estão abertos, mas só existe a escuridão e o vazio.

Por isso mesmo é que as pessoas pensam que eu fiz essa viagem infinita, essa viagem que me custou tudo que consegui amealhar durante todos esses anos. Lutei por ela, sofri por ela. Tudo que trago no corpo, com exceção dos farrapos. Por isso me arrastei através dos desertos e pelas montanhas, com calor ou frio; tive fome, sede e suportei a febre dos pântanos. Por isso me feri nos arames farpados e fugi pelos telhados como um presidiário prófugo. O que eu esperava?

Chegar em casa. E agora eis aí somente essa escuridão e vazio. Eu deveria saber que as pessoas nunca podem voltar. Não sou mais quem era e, por isso, nada mais é como era. Agora eu sei.

Alguém está sabendo agora, mas sabe tarde demais, uma vez que agora não pode mais seguir adiante. Ele não vai mais sair do lugar. Ele vai permanecer nesse sítio da escuridão, como uma pedra.

Sua mão apalpa à procura de um relógio que de há muito já não tem. Mas pelo menos ele sente suas mãos nesse momento.

Esta noite, ele pensa, não pode durar para sempre. A manhã terá de avizinhar-se daqui a pouco. Isso se voltar mesmo a amanhecer.

O frio aumenta. Penetra nele cada vez mais fundo. Ele o sente em seus ossos. Ele não se defende contra isso. Está de acordo. Ele se abandona ao frio. Mas ele não se deitará, continuará de pé. Ele espera.

:Portanto, é claro – pensa ele depois de um longo tempo –, é claro que o dia vai raiar. E enquanto ele pensa, compreende que é ele mesmo quem deverá criar o mundo à sua volta para que ele esteja ali.

Sobre a orla do bosque do outro lado do rio surge uma listra clara no céu, verde-clara, sobre a qual estende-se uma nuvem, pesada e escura como tinta desbotada. Nenhum canto de pássaro, nenhum ruído por mais leve que seja. Silêncio mortal. A paisagem está entorpecida. Até mesmo a água do rio está cinzenta e imóvel como chumbo frio.

Portanto, depende dele o que será, o que acontecerá, embora ele ainda não tenha compreendido o que seus sentidos percebem.

Frente à borda do bosque, ele vê a mulher sentada, grande e cinzenta como um rochedo. Ela tricota e tricota sem pausa e sem levantar a vista.

Seu olhar perplexo desvia-se para a arcada da ponte de pedra, que se curva sobre o rio ainda imóvel. E nesse momento ele se assusta e fica com medo. Ali encontram-se dois disfarçados, um maior e o outro menor, como se tivessem estado ali todo o tempo, com seus mantos longos de coloração marrom-escura, as cabeças e rostos enrolados em lenços, as espingardas em cartucheiras jogadas por sobre o ombro. Ele não sabe quem são esses dois, no entanto sabe que eles estão esperando apenas que seu prazo chegue ao fim. Então, eles virão pela ponte e incendiarão sua casa.

Minha casa! pensa ele. Bem, agora tenho de ver finalmente minha casa.

Ele a vê.

Ela está distante dele alguns passos, em campo aberto. Mas ele não a reconhece. Ele tem certeza de nunca tê-la visto antes. Nada o une a esse prédio: nem a mais fugaz das recordações, nem a mais tímida das emoções lhe dão a impressão de ter voltado. Ele não a acha bela, nem odiável: somente estranha. Ela se assemelha a um grande pombal. Para ele, ela é inabitável. Ela não lhe diz respeito em nada.

Ele tenta apagá-la e colocar uma outra em seu lugar, mas ela continua onde está. Ele tampouco consegue mudar qualquer coisa nela. Ao invés disso, ele sente que, justamente por causa dessa casa, será chamado à responsabilidade. Ele carregou-se de culpa, pelo visto uma culpa pesada. Ele não duvida disso, pois sente seu peso cada vez mais claramente. Que fez ele?

Ele renegou essa casa, seu lar, e deixou-a em apuros. Ele a traiu porque noutra parte tornou-se um grande homem, um filho temido de um mensageiro celestial, um conhecido caçador de anjos. Pois ele entende como ninguém desse tipo de mensagem. Quantos anjos ele abateu e estripou e vendeu seus remígiois cintilantes e peles valiosas para os poderosos senhores do mundo enfeitado e suas senhoras mais poderosas ainda, que ornamentaram seus trajes de gala com isso! Ele armara redes e armadilhas e seus tiros foram sempre tão certos que as preciosas peles nunca foram danificadas. Ele ficou rico.

No entanto, depois veio a saudade e ele deixou tudo para trás para voltar ao lar. E agora ele está aqui, mais estranho do que o mais estranho, e na sua ausência os ratos tornaram posse de sua casa, aninharam-se nela e espalharam-se qual epidemia mortal. É disso que ele tem culpa.

E agora ele deverá purificá-la até o raiar do dia, deverá curá-la da peste dos ratos, senão ela será incendiada e ele mesmo será aniquilado.

Não me deixo enganar – pensa ele. Não existe esperança alguma. Eu jamais deveria ter podido voltar.

Mesmo que lhe fosse possível chegar ao interior da casa, como poderia matar centenas, talvez milhares de ratos...? e isso de mãos vazias, pois não pôde trazer suas armas! Mas chegar ao interior da casa já era uma tarefa impossível para ele. É bem verdade que existem portas suficientes, sim, de fato a casa não se compõe de outra coisa, do chão ao teto, que não portas abertas... no entanto, todas elas são pequenas demais para ele. Elas dariam, no máximo, para que uma marta forçasse caminho, ou mesmo um rato, mas de maneira alguma um homem.

Eu cresci no estrangeiro, ele pensa, agora já não tenho mais idéia alguma de como proceder para ficar pequeno de novo.

Ele contempla a casa. Cada uma das portinhas tem um console, uma pequena tábua ou uma vara diante de seu umbral. Mas nada se mexe. Tudo parece despovoado.

Ele também não vê ou ouve rato algum, mas sabe que eles estão lá dentro, sabe que eles se escondem dele mantendo-se quietos. Eles também esperam. Esperam que ele vá embora de novo. Provavelmente eles não sabem que, de uma maneira ou de outra, a coisa se acabou para eles. Mas acabou também para ele. Não existe esperança alguma.

Então ele não tem nenhuma ajuda? Nenhum ser vivo que o socorra? Será que ele não encontrará nada em si que sirva para sua salvação? Criaturas do deserto, saídas do deserto de seu coração?.

Lá está um lobo. cinza e negro. poderoso e impetuoso E uma raposa graciosa e brincalhona. Não, pensa ele, nunca os domestiquei. Ele s me seguiram de livre e espontânea vontade. Uma amizade estranha, verdadeira, que eles travaram comigo em algum momento, no deserto. Durou um longo tempo até que eles se admitissem mutuamente, mas finalmente travaram a paz. Eles me acompanharam por toda parte, inclusive pelas cidades, até mesmo pelos barcos, até mesmo nessa última viagem, a qual, dentre todas as viagens, foi a mais sem sentido. Nunca me deixaram. até mesmo nessa noite resistiram à minha esquerda e direita, fiéis, imóveis como animais de brasão.

Mas ele já se arrepende de os ter chamado. O que será deles, pensa ele, quando me executarem a sentença? Será que vão prendê-los em jaulas? Será que eles serão acorrentados? Ou serão também exterminados? Mas eles não participaram das minhas coisas ruins. São selvagens, mas inocentes. Preciso afugentá-los enquanto ainda há tempo. Portanto, agora mesmo.

Ele pousa as mãos nas peles deles, que são quentes. Inclina-se e sussurra-lhes no divido: ouçam, meus valentes, meus belos! Devemos nos separar. É melhor assim. Vocês devem me deixar sozinho agora. Já não preciso mais de vocês. Vamos, tratem de dar o fora! Desapareçam!

Mas a raposa e o lobo não saem do lugar, como se fossem estátuas. Ele precisa fazer alguma coisa, algo que nunca fez antes. Ele lhes dá pontapés e golpeia-os com os punhos. Eles tentam desviar-se de seus golpes, mas não fogem.

Fora! ele diz ofegante, esforçando-se para reprimir um soluço, fora! Tratem de dar o fora!

Eles gemem baixinho a cada pontapé ou soco, mas permanecem ali. Ele trinca os dentes e tenta mais uma vez, e outra, e outra. É melhor, pensa ele, que eles percam a confiança para o resto da vida. mas que sejam livres e estejam vivos.

Finalmente eles parecem ter compreendido e afastam-se coxeando e chorando. Mas não fogem, correm em direção à casa, o pêlo da espinha todo eriçado. Ele escuta o lobo rosnar furioso e a raposa ganir. Eles procuram uma entrada, mas nenhuma das portas é grande o bastante, nem mesmo para a raposa. Como que possuído pela raiva, o lobo raspa com ambas as patas uma das aberturas inferiores. Ele investe com toda sua força contra ela metendo a cabeça e, nesse momento, ele está preso, não pode entrar nem sair. Ele solta um uivo, um longo e áspero grito; e apóia-se e rasga e comprime, suas garras escavam a terra, a parede em volta da abertura cede, desmoronam alguns pedaços e ele consegue liberar a cabeça. A raposa já está em silêncio e, com velocidade do raio, mete-se lá dentro.

No silêncio repentino, o retornado filho de ninguém ouve seu próprio coração pulsar. Ele ainda não compreende o que seus animais fazem lá, no entanto nasce nele uma esperança disparatada, contra a qual não pode lutar.

Não, pensa ele, a condição é irrealizável. Mesmo que a raposa consiga exterminar alguns ratos, de que adianta?

O lobo voltou, abaixou-se ao lado dele e lambe suas patas ensangüentadas. Ouve-se na casa gemidos desesperados. Num dado momento surge o rabo pontudo da raposa por trás de uma das portinhas superiores perto da cumeeira, para logo desaparecer de novo.

Os dois disfarçados na ponte não se mexeram. O filho de ninguém dirige o olhar à procura do rosto deles, mas entre os lenços nada mais existe a não ser a escuridão. A enorme mulher cinzento-rochosa tricota e tricota. A água do rio continua paralisada.

Quem gritou ali como que em um estertor de morte? Teria sido a raposa? Nesse momento, um gemido subterrâneo vem do interior da casa, depois um grito estridente que cresce cada vez mais, um bufar e um zumbido como que de borrasca, finalmente um grito de muitas vozes que acaba de repente. A raposa sai disparada pela abertura desmoronada qual bandeira vermelha, corre em direção ao seu amo, dá uma volta, continua a correr em campo aberto, onde dá bramidos de um lado para o outro, como que enlouquecida.

Lentamente, os dois disfarçados tiram as espingardas do ombro, puxam o cão para trás e apontam tranqüilamente. Eles miram na raposa.

Não! grita o filho de ninguém, não mirem nela!

E com os braços abertos ele corre para a linha de fogo, diante dos canos. Hesitando, os disfarçados baixam as armas. Ele se vira.

A raposa está bem atrás dele, ofegando de língua para fora, e encara-o de esguelha. Seus olhos verdes têm algo de arrogante. Com um golpe de seu focinho, ela vira um pequeno cadáver que jaz entre suas patas.

O filho de ninguém recolhe a presa e a contempla. Uma pele negra, úmida, desgrenhada, vazia e já fria e quase sem peso, mas mesmo assim trata-se de algo horrível, não porque esteja morto agora, mas sim porque já esteve vivo, porque era possível: um minúsculo rosto triangular, velhíssimo, cheio de uma maldade incompreensível, mesmo nesse momento, mãozinhas humanas deformadas com garras longas e afiadas. Se isso não for um rato, então ele nunca antes havia visto um rato.

Ele levou a coisa era cima das mãos esticadas e caminhou em direção aos disfarçados. A raposa e o lobo o seguiram. E assim os três pararam diante da ponte.

Depois de um longo silêncio, os dois disfarçados voltaram a pousar as espingardas nos ombros e, outra vez, depois de um longo silêncio, viraram-se e, com passos trôpegos, afastaram-se dali.

O filho de ninguém os seguiu com a vista e, de repente, brotou nele toda a esperança que ele acreditava não mais ter, qual cálida torrente de lágrimas. Ele sentiu o calor surgir de seus ossos, fluir por seus membros, em seu peito, em sua garganta, em seus olhos. Nesse momento, ele sabe que apenas começara seu retorno ao lar.

A enorme mulher de coloração cinzenta e rochosa do outro lado, na borda do bosque, parara de tricotar. Suas mãos estão pousadas inertes em seu colo. Seu rosto que até esse momento encontrava-se escurecido por sombras está novamente iluminado pelos raios do alvorecer, para onde ela se virara. Em tranqüila espera, ela olha para o céu sempre luminoso. De lá, dilui-se da luz, ainda bem distante e quase que apenas imaginado, no entanto brilhando com todas as cores do colibri, o primeiro par de asas adejantes.

A PONTE QUE JÁ ESTAMOS CONSTRUINDO HÁ MUITOS SÉCULOS, JAMAIS FICARÁ PRONTA. Qual mão estendida que ninguém agarra, ela se ergue sobre os recifes escarpados da nossa fronteira, sob os quais está o abismo negro e sem fundo. Seu arco abaulado para cima desaparece em algum lugar lá fora, na névoa espessa que se alça constantemente das profundezas.

Não se pode completar uma construção como essa, caso não se construa também a partir do lado oposto. E até agora nós nunca pudemos descobrir qualquer sinal de que alguém estivesse trabalhando do outro lado, num projeto como esse. E provável que as pessoas de lá ainda não tenham notado nossos esforços.

Muitos entre nós chegam a duvidar de que exista um lado oposto. Essas pessoas fundaram no decorrer dos últimos dois séculos uma Igreja originária da antiga doutrina ortodoxa, cujos membros são designados com o nome de Unilaterais. Originalmente tratava-se de uma alcunha que os ortodoxos lhes deram. Mais tarde, porém, eles mesmos assumiram esse nome e, desde então, ostentam-no com um certo orgulho. No entanto, sua convicção não os impede de maneira alguma de participar com todas as forças na construção da ponte, como prescreve nossa ética. Por isso mesmo, eles não são mais perseguidos como acontecia em tempos antigos, senão que são vistos como tendo os mesmos direitos, ou quase todos. As pessoas os reconhecem por uma pequena incisão vertical no lóbulo esquerdo, através da qual eles confessam sua unilateralidade. Em compensação, os outros que formam a maioria ortodoxa, denominam-se os Meios. Eles não duvidam da existência de um outro lado, mas sabem que ele é inalcançável.

Embora a ponte não se alongue sobre a metade do nosso lado, existe um intenso tráfego nela. Pode-se ver ali a qualquer hora do dia ou da noite veículos, cavaleiros, pedestres, liteiras e carregadores, dirigindo-se a ambas as direções. Hoje em dia não poderíamos existir sem relações comerciais com o outro lado, pois todos os medicamentos e uma grande parte dos nossos víveres vêm de lá. Em compensação, nós lhes fornecemos jarros de barro de todos os tipos, tijolos, instrumentos de metal e barro que extraímos de nossas minas.

Para os estranhos, muitas vezes, é difícil compreender como nós aceitamos e vivemos com esse fato que lhes parece uma contradição evidente. Nossa religião nos proíbe – e nisso não existe nenhuma diferença entre os Unilaterais e os Meios – de duvidar que só existe o lado da ponte que nós mesmos construímos. Os fanáticos e hereges que apareceram vez por outra em nossa história foram levados sem muitos rodeios até o lugar onde termina nossa ponte e obrigados a caminhar para frente. Naturalmente eles despencaram no vazio.

Aqueles que não nasceram e cresceram em nosso país acham difícil compreender que o pressuposto para o comércio entre nós e o outro lado baseie-se justamente no fato de que temos a mais profunda convicção de que eles não existem. Se nós abalássemos seriamente esse fundamento da nossa doutrina, então – disso estamos seguros e todos nossos livros santos o comprovam –, imediatamente, desmoronaria a parte da ponte por nós construída e estaríamos perdidos. Portanto, os viajantes podem tratar de frear a língua e não tentar pesquisar a fundo o segredo da nossa fé. Senão estarão correndo o risco de sofrer o mesmo destino que todos os hereges do nosso próprio povo. Neste caso, sofreriam no próprio corpo e saberiam que nossa ponte nunca foi concluída e que entre nós e o outro lado ainda existe o abismo.

No caso de um casamento – os quais a propósito ocorrem não com pouca frequência – entre uma filha ou um filho do nosso país com uma filha ou um filho do outro lado, é comunicado alegremente por um ou pelo outro como não tendo existido. A diferença em nossas confissões reside simplesmente no fato de que a fórmula dos Unilaterais diz: “eu não vim de parte alguma, pois o lugar de minha origem não existe. Por isso não sou ninguém e assim aceito por esposo (por esposa)”, enquanto a dos Meios diz: “de lá, de onde eu vim, é impossível que eu pudesse vir, por isso não estou aqui e assim eu aceito como esposo (como esposa)”. Com esta cerimônia, as pessoas recebem os plenos direitos civis em nosso país, e passam a valer desde então como pessoas de verdade, com todos os direitos e obrigações de um cônjuge.

É UM QUARTO E AO MESMO TEMPO UM DESERTO. As paredes nuas erguem-se distantes e vaporosas no horizonte. Por toda a volta nada além de areia, duna após duna, infinitamente em todas as direções. Bem acima, no zênite, está suspenso um sol abrasador, ou será uma lâmpada com um quebra-luz de lata esmaltado em azul? A luminosidade mata todas as cores, só deixando manchas brancas e sombras negras: o esqueleto da luz, deslumbrante, insuportável, homicida, o brilho mau de um esquisito aparelho de transpiração.

O quarto tem duas portas que penetram gigantescas no calor azul do céu, uma ao Norte e a outra ao Sul, sobre o horizonte bruxuleante.

Da porta do Norte parte uma múltipla pista sinuosa de pequenos funis de areia para o meio do deserto. Ali, move-se para frente um homem pequeno como uma formiga. A cada passo ele afunda até os tornozelos, cambaleia e bate os braços.

É o noivo.

Seu rosto está queimado pelo sol, a pele rachada e cheia de bolhas. Os lábios, brancos pela saliva ressecada. O cabelo descolorido, desbotado, está desgrenhado e espetado na cabeça como palha. Seus óculos – sempre escorregando sobre o nariz úmido de suor –, ele volta a empurrar para cima com paciência abafada. Na mão esquerda, ele balança uma velha cartola amassada. O fraque nupcial que está vestindo pode lhe ter servido em tempos passados, mas agora é grande demais para ele, as abas vão até seus calcanhares. O tecido estragou-se e está puído em vários lugares. A camisa saiu para fora da calça, pois esta também está grande nele e, a cada três passos, ele tem de puxá-la para cima. Um pé está metido num sapato de verniz, cuja sola está se desfazendo, e o outro, enrolado em um lenço de bolso sujo para protegê-lo, pelo menos um pouco, do calor da areia.

Uns vinte metros na frente desse homem, marcha um outro, talvez um funcionário público: traje extremamente carreto, terno escuro, chapéu escuro, uma pasta na mão, na outra um guarda-chuva bem enrolado. Seu rosto é um pouco pálido e não apresenta qualquer traço característico. É como se houvesse sido apagado.

A distância entre os dois caminhantes aumenta pouco a pouco, mas de modo constante. O noivo se mexe, puxa a respiração ofegando, cai, torna a se levantar, segue cambaleando, volta a cair.

– Ouça, por favor! – grita ele e sua voz soa alta e extenuada como a de uma velha. – Espere aí! Quero lhe perguntar uma coisa.

O homem sem rosto escuta o chamado, mas ainda segue um bom pedaço antes de parar e se virar suspirando, como se se tratasse do choro de uma criança malcriada que o tenta parar pela centésima vez sob qualquer pretexto. Apoiado de leve em seu guarda-chuva, ele fica observando como o noivo arrasta-se penosamente pelas dunas em sua direção.

– Por favor, apresse-se! – diz ele frio. – Afinal de contas, o que é que você quer de novo?

– Diga-me – diz ofegando o noivo e, pelo visto, pára para refletir sobre o que queria perguntar –, diga-me, por favor, ainda está muito longe?

Enquanto falava, seus lábios inchados soltam fios de baba.

– Só mais alguns passos – replica o outro de modo tão correto quanto antes –, só até aquela porta ali.

E ao dizê-lo, apontou com o guarda-chuva para a porta do sul.

Ele quer virar-se de novo para caminhar, mas o noivo o segura firme.

– Desculpe-me – profere ele com um certo esforço – para onde... sabe, no momento eu me esqueci... para onde mesmo é que estamos querendo ir?

– Até sua noiva, meu senhor – explica o outro e pode-se ver que ele já teve de dar essa resposta várias vezes. Ele acentua cada sílaba e fala alto como quem se dirige a um surdo ou imbecil. – Eu o estou levando para o quarto de sua noiva.

O noivo olha fixamente para ele, durante algum tempo, de boca aberta, depois dá um tapa na testa e ri apressado, pedindo desculpas. Ele tenta um sorriso enquanto diz:

– Quando nós chegarmos a ela, então estará tudo bem, não é verdade? Ela não vai reparar só porque não estou mais tão bem vestido, não? Ela vai compreender que é tudo por causa dela? O que padeci vai convencê-la de meu amor por ela? Ela vai acreditar em mim, estou certo disso. Vai me receber de braços abertos.

– Se chegarmos até ela – constata o outro de modo objetivo.

– Certo, certo – murmura o noivo –, vai ser daqui a pouco, daqui a pouquinho. Afinal, foi por isso que escolhi o caminho direto, apenas daquela porta lá atrás, até essa ali na frente. O caminho direto é o mais curto, não é verdade? Qualquer criança sabe disso.

– Não – diz o outro sem nenhuma expressão –, não na sala do meio-dia. Eu lhe disse desde o princípio, mas você não quis acreditar. Qualquer volta teria sido mais curta. Você não me deu ouvidos. E agora é muito tarde. Já fomos longe demais.

O noivo lambeu os lábios rachados com a língua toda ressecada.

– Então posso fazer com ela o que quiser – sussurra ele. – Ela deve aceitar tudo sem se opor. Afinal de contas, ela é minha noiva. Mas não lhe farei isso. Não vou fazer nenhum mal a ela, você compreende o que estou dizendo? Aliás, ela é muito bonita e jovem. Completamente inocente, sabe? De qualquer modo, serei carinhoso com ela, terno e com tato. O fato de eu ter escolhido o caminho direto, não significa que eu queira tomá-la de surpresa. Vou dar-lhe tempo.

O acompanhante cala-se e olha desinteressado para o horizonte.

O noivo olha durante um longo tempo para o dedão do pé que sobressai do sapato de verniz, e depois pergunta, repentinamente, desconfiado:

– É verdade que ela é bonita e jovem... minha noiva? Eu queria dizer... ela continua sendo, não é verdade? Por favor, dê sua opinião da maneira mais aberta e sincera!

– Não tenho nenhuma opinião sobre isso – replicou o homem sem rosto.

O noivo esfrega a testa.

– Sim, sim, eu sei. Só que .. tudo isso foi há tanto tempo. Eu quase não me lembro do rosto dela. Olha, falando honestamente, já não conheço mais essa pessoa. Alguma moça estranha. Como é mesmo que ela se chama? Meu Deus, já estamos andando há um bocado de tempo.

– Nós viemos daquela porta – diz a voz fria – e estamos indo para essa ali. Isto é tudo.

– Não compreendo – confessa o noivo –, eu simplesmente não compreendo que seja tão longe.

– Você não compreende – repete o outro virando-se para andar –, mas sua noiva espera. Venha!

O noivo tornou a segurá-lo pela manga.

– Afinal de contas, como é que você sabe disso? Talvez ela já não esteja mais esperando. Ou nunca esperou. Podem ter acontecido certas circunstâncias. Nesse caso, eu teria feito tudo à toa. Eu teria sido ridículo.

– Isto – respondeu a voz seca – você vai ficar sabendo melhor se entrar por aquela porta lá na frente.

– Aquela porta lá da frente – sussurra o noivo – ela é inalcançável, está sempre à nossa frente, sempre à mesma distância... Trata-se de uma miragem e não de uma porta.

– Besteira! – diz o outro sem sorrir. – Uma miragem surge e desaparece. Mas essa porta estava ali desde o início e continuou no mesmo lugar, sem mudar em nada.

O noivo balança a cabeça.

– Sim, sem mudar em nada... desde outrora, quando comecei a caminhar... quando eu ainda era jovem.

– Portanto, não é miragem nenhuma – replica o acompanhante num tom conclusivo, pondo-se em movimento logo em seguida.

Durante um longo tempo os dois homens caminham lado a lado, mas pouco a pouco vai surgindo de novo a distância entre eles, que aumenta. Mais uma vez o noivo grita e, novamente, o homem trajado de maneira correta só pára depois de algum tempo, e espera por ele apoiado no guarda-chuva. O noivo desagrega-se a olhos vistos. Sua roupa pende-lhe no corpo em farrapos. Ele também parece ter se tornado menor e mais velho.

– Antigamente – ele avança ofegante e, com a cartola da qual só resta a aba, faz um movimento distraído em direção à porta Norte –, antigamente eu ainda era forte, você se lembra? Antigamente era eu quem corria na frente, e não você, está lembrado?

– Às vezes, – corrige o outro – muito raramente.

O noivo balança teimosamente a cabeça.

– Não, não. Você quase não podia me seguir. Fazia força para acompanhar meu passo. Antigamente eu era mais jovem do que você, meu caro. Muito mais jovem e forte. Eu era um jovem imponente.

– Eu – replica o acompanhante – continuo tendo a mesma idade.

O noivo limpa com a mão a areia do rosto enrugado.

– Eu me lembro – sussurra ele – que quando saímos pela porta, uma mulher velhíssima estava agachada no chão, diminuta, como que encolhida pelo sol. A única coisa que ela trazia no corpo eram alguns farrapos de teia-de-aranha. Talvez fossem os restos de seu véu de noiva. Pobre velha descuidada! Senti nojo de seus seios caídos, tão magros e vazios como dobras de pele. Mas o olhar que ela me lançou... muitas vezes fui obrigado a pensar nele. Ela tinha olhos afundados, meio cegos. E ela estendeu a mão para mim, mãos que seguravam algumas rosas ressecadas. Aquele olhar me lembrou algo... ou alguém. Agora eu esqueci. Só sei que senti vergonha por ela, por ser ela tão velha e feia. Tirei o cravo que trazia na lapela e atirei para ela. Ela agarrou e riu toda desalentada. Acho que ficou contente com meu presente. Sim, antigamente eu era mesmo um jovem imponente e forte como um touro. Eu achava que só precisava dar uns passos e estaria diante dela, da minha noiva. Estava com pressa. Foi por isso que quis o caminho direto até ela.

– Venha! Venha! – disse o acompanhante que nesse momento já está um pouco impaciente.

Mas o noivo ainda tem algo a dizer, embora precise fazer força para falar de maneira compreensível.

– Você também não acha – grasna ele – que seria mais inteligente se esperássemos anoitecer? No frescor da noite podemos caminhar mais facilmente.

– Por favor – responde o homem sem rosto –, contenha-se! Você está confundindo tudo. Nós nos encontramos no quarto do meio-dia. Noites existem em outra parte. Veja com seus próprios olhos, aqui nós não fazemos nenhuma sombra. A luz encontra-se no zênite, inalterada e inalterável.

O noivo balança a cabeça tristemente, deixa os braços caírem e diz:

– Não posso mais.

O acompanhante remexe indiferente a areia com o guarda-chuva.

– Você já disse isso cem vezes. Será que terei de apelar para seu senso de responsabilidade mais uma vez? Estão esperando por você. Sua noiva conta cada minuto. Está com saudades de você, do jeito que só as jovens conseguem sentir saudades. Quer dizer então que isso não significa nada para você?

– Claro, claro! – o noivo apressa-se a asseverar.

Novamente os dois caminham calados durante um longo trecho do caminho, horas ou anos à luz escaldante.

De repente, o noivo joga-se ao chão, vira-se de costas e grita para o céu:

– Por quê? Por que mesmo? Por que o caminho é tão longo? Eu nunca chegarei. Nunca, jamais verei ou abraçarei minha noiva. Por que eu simplesmente não posso dizer a ela que a desejo, que a quero ter, que anseio sentir sua pele, seu corpo? – ele é sacudido por um acesso de tosse e não consegue prosseguir falando.

O acompanhante espera indiferente até que ele acabe e, depois, diz:

– Você já fez isso tudo. Já disse essas coisas e elas estão, palavra por palavra, nos documentos – ele bate de leve com o guarda-chuva na pasta de couro.

O noivo mexe os lábios durante algum tempo sem nada falar.

– Mas por que – balbucia ele no fim –, por que estou aqui e não junto com ela? Por que é que estou sempre indo até ela, sem nunca chegar lá? Por quê? Por quê?

– Porque foi você quem quis assim – diz o outro baixando o olhar na direção dele. – Foi-lhe dito repetidas vezes que o caminho direto era o mais longo. Você não deu ouvidos. Será que dá para você me escutar agora?

– Sim – grunhe o noivo. Ele olha fixamente o acompanhante durante um longo tempo, depois começa a rir. Isso soa como uma algaravia. O outro espera imóvel. Finalmente, o noivo engole em seco e sussurra: – Quer dizer que a matemática simplesmente me enganou?

– Não – diz o acompanhante –, nela está correto.

O noivo deixa a cabeça cair na areia e olha para o sol. Seus olhos doem como se estivessem sendo penetrados por ferro em brasa, mas não lhe sai nenhuma lágrima. Já não as tem. Ele deixa a areia correr por entre seus dedos e murmura:

– Quer dizer que é assim! Eu desisto. Estou em greve. Não quero mais. Estou em greve.

– Vamos, coragem! – diz o acompanhante, mas a frase é dita sem qualquer participação emocional. – A porta já está ali. São apenas alguns passos mais.

O noivo volta a deixar a areia correr por entre os dedos. O acompanhante puxa-o para cima e o segura de braços esticados, de tão leve que ele se encontra. Suas pernas bamboeiam no ar como as de uma boneca.

– Não vejo mais nada – sussurra ele. – Não tenho mais olhos.

– E a sua noiva? – pergunta o outro.

– Não sei de mais nada. Não entendo mais nada. Não quero mais nada. Não tenho noiva nenhuma. Nunca tive uma noiva. Nunca desejei. Nunca amei. Nunca existi. Por favor, me deixe em paz.

Mas o acompanhante não desiste.

– O senhor não tem direito de abdicar de sua existência. Só pensa em si mesmo. Mas assumiu uma responsabilidade. Como homem de caráter, não pode simplesmente colocá-la de lado.

– Caráter... – sussurra o noivo, ainda com as pernas bamboeando no ar – eu me pergunto por que você não assume minha tarefa. A moça vai ficar contente. Você continua jovem... de qualquer maneira, mais jovem do que eu.

O acompanhante o solta. Ele cai na areia como uma trouxa de farrapos. Com os olhos apertados ele tenta enxergar o homem sem rosto parado de pé a sua frente.

– Nossas obrigações – ele ouve a voz calma dizer – não são as mesmas.

O noivo volta a brincar com a areia.

– Obrigações ..

Obrigações... – sussurra ele e dá uma gargalhada. - Nesse momento, o outro fica irritado pela primeira vez, – Você se melindra como se se tratasse de sua vida.

– E é isso mesmo – respondeu o outro balançando a cabeça com ar triste –, trata-se da minha vida, retroativamente, você entende? Eu sou um velho, mas não tive nenhuma vida. Anularam tudo em mim. Alguém roubou a minha vida e eu não sei quem foi. E agora não quero mais nenhuma. Não quero nunca ter tido uma. Você não pode fazer nada contra isso.

– Claro que posso – diz o outro –, vou carregá-lo nos últimos passos.

O noivo dá uma gargalhada.

– Nos últimos passos... você não vai conseguir.

– Permita-me! – diz o outro e, sem esperar pela resposta, ele ergue o noivo e coloca-o no colo. Este pousa um bracinho magro em volta dos ombros do acompanhante e aninha a insegura cabecinha de ancião no pescoço dele. E assim eles vencem de novo um longo trecho do caminho. Embora o noivo quase não pese, depois de algum tempo o braço de seu carregador ficou dormente e este deixou-o deslizar para o chão.

– Os últimos passos... – zomba o noivo triunfante – veja, veja!

O homem sem rosto não responde. Ele engancha o gancho de seu guarda-chuva na gola do fraque, ou melhor, nos restos que ainda existem, e sai arrastando o noivo pela areia.

Novamente passa-se um longo tempo.

O noivo sente que o outro o largara e tenta liberar-se da trouxa de farrapos.

– Chegamos – ele ouve a voz indiferente dizer. – Eu lhe disse que eram apenas mais alguns passos.

Juntando as últimas forças, o noivo põe-se sentado e abre os olhos. A luz penetra nele qual metal fervendo e ele solta um grito que nem chega a perceber.

A porta oscila diante de seus olhos caducos. Está aberta. A vista é de um matiz um pouco mais escuro do que o vaporoso azul do céu que o cerca. Neste setor encontra-se uma moça crescida, de pernas longas, nada mais vestindo que um vaporoso véu de noiva, que cai de sua cabeça e envolve-lhe o corpo, transparente como a névoa delicada. Seu rosto está quase escondido nessa névoa, mas são bem visíveis seus membros longos e delgados, suas coxas, seus pequenos seios, seu ventre liso e o rosa de seu colo. Ela tem um buquê de rosas na mão.

– Até que enfim! – grita ela. – Quase morri de saudades. Onde está ele? Onde está ele?

O acompanhante vira-se para o noivo, o qual, com muito esforço, ergue a mão e pousa um dedinho definhado na boca banguela e caída, num gesto de súplica.

O acompanhante encolhe o ombro imperceptivelmente e volta-se para a noiva.

– Seu noivo a está esperando atrás da porta norte. Se você quiser, posso levá-la no caminho direto até ele.

– Vamos! – diz ela. – Vamos rápido. São só alguns passos e então eu estarei ao lado dele.

Ela quer sair correndo, mas detém-se porque o noivo estende-lhe a mão. Perplexa, ela o contempla durante um instante, depois atira-lhe uma das rosas do buquê.

O noivo levanta a vista para o acompanhante que observara aquilo de braços cruzados e diz em voz baixa:

– Bem, pelo menos vocês se encontraram. Vocês já fizeram isso tantas vezes e voltaram a fazer. Nem todos podem dizer isso de si.

Em seguida, ele seguiu a moça, que corria pelo deserto dando longos saltos em direção à outra porta, que aparecia gigantesca no horizonte norte. As duas figuras foram ficando cada vez menores entre as dunas e, no final, restou apenas um rasto de minúsculos funis de areia.

O noivo seguiu-os com olhos brancos, enquanto seus dedos tocavam o botão de rosa.

– Como ela é linda! – sussurra ele. – Meu Deus, como ela é linda!

E enquanto ele torna a afundar na areia, seus lábios murmuram:

– Será que ela ainda vai me encontrar, lá do outro lado, atrás da outra porta?

OS CONVIDADOS DO CASAMENTO ERAM CHAMAS DANÇANTES E COMEMORAVAM A MAIS DESLUMBRANTE DAS FESTAS NO CASTELO DE CERAS COLORIDAS. Ao longe, brilhavam as paredes sulcadas de múltiplas cores, as torres, os portões e janelas sobre a terra noturna.

Lá havia chamas balofas e douradas que se moviam com a gravidade, e esguias línguas de prata que se penetravam ligeiras; havia também umas chaminhas diminutas que saltavam por toda parte, e grandes incêndios silenciosos que permaneciam quase imóveis em seus lugares. Muitos brilhavam brancos, outros com uma coloração laranja escura e também púrpura. Havia ainda labaredas que ardiam sem chamas, com longos capuzes de fumaça ondulante e aqui e ali via-se velas de igreja sumamente sérias (como se as pode encontrar em qualquer festa importante). Enfim, eram milhares de convidados que foram convocados para o casamento, e eu também estava entre eles.

Todos nós aproximamos nossas presenças fogosas da cera colorida do castelo, a consumimos, a gastamos sem preocupação e sem a menor consideração, enquanto participamos da festa. Primeiro, derreteu-se, é claro, o gigantesco telhado de tijolo de cera verde, pingando através dos caibros e das grossas e negras colunas de vela do armazém, correndo em delicados riachos através dos aposentos e salas do andar superior. Em seguida, derreteram-se também o chão de mármore e correram em cascatas coloridas, formando estalactites e estalagmites, grutas e cavernas, descendo pelas tribunas e escadarias. Quanto mais o prédio liquefazia-se, mais selvagem e endiabradamente dançavam os convidados, que estavam num êxtase de alegria, transformados em coitos de fogo do entusiasmo, rodopiando em embriagadas rodas de labaredas do prazer. Logo eles deram-se as mãos e correram rápidos como raio, em longas correntes, pelos saguões e corredores, logo eles viraram-se em turbilhões, em seguida balançaram-se e deslizaram de um lado para o outro aos pares, levantando-se uns aos outros em labaredas de tangos festivos ou sarabandas.

Derretendo-se em regatos de caracóis, repuxos e cavernas bizarras, o castelo foi diluindo-se pouco a pouco consumido pelo festim de fogo. Quanto mais quantidade da substância das paredes de cera e vigas, escadarias e colunatas transformavam-se em luz e fogo, menos labaredas iam restando. Apagaram-se uns após os outros, bêbados e saciados e queimados até o fim. Quando finalmente amanheceu, apenas uns poucos

bailarinos bruxuleavam sobre um mar de cera petrificada de várias cores. Contudo, também esses últimos infatigáveis foram sucumbindo pouco a pouco, deslizando ainda algumas vezes de um lado para o outro e, depois, pararam de ser. A leve brisa da manhã ainda soprou uma pequena lufada branca sobre a ampla superfície lisa, Então, o casamento chegou ao fim.

Eu estava lá; E vocês podem acreditar no que digo: por Deus, foi uma tremenda festa!

SOBRE A AMPLA SUPERFÍCIE CINZENTA DO CÉU DESLIZA UM PATINADOR, CABISBAIXO, COM UM ONDULANTE XALE DE LÃ. Ele podia fazê-lo, pois o céu estava congelado.

A multidão assistia da terra, com o nariz pingando e boquiaberta, apontava para ele lá em cima e aplaudia sempre que ele conseguia dar um salto difícil (naturalmente que para trás).

Ele corria em curvas longas e voltas, formando sempre as mesmas figuras, até deixar no céu, marcando seu rastro, um sulco profundo. Nesse momento, ficou patente que se tratava de letras, talvez fosse uma mensagem urgente. Em seguida, ele deslizou, desaparecendo ao longe, atrás do horizonte.

A multidão olhou fixamente para o céu, mas ninguém conhecia o alfabeto, ninguém conseguia decifrar a escrita. Pouco a pouco o rastro foi desaparecendo e o céu tornou-se de novo uma superfície ampla e cinzenta.

As pessoas foram para casa e logo esqueceram o ocorrido. Afinal, todos tinham suas próprias preocupações e, além disso, quem pode garantir que a mensagem era mesmo importante?

ESTE SENHOR COMPÕE-SE APENAS DE LETRAS. De muitas letras, entenda-se. De um número astronômico de letras; mas, mesmo assim, apenas de letras. Aqui está sua namorada. Ela é, como se vê, de carne e osso E que carne e osso! É um prazer só de olhar... imagine-se então como seria tocá-la!

Nesse momento eles vão juntos para o parque. No balanço do navio e na roda-gigante tudo ainda vai bem. Mas eles chegam então a um estande de tiro: é bem verdade que se trata de um estande de tiro bem esquisito.

Prove você mesmo! Está escrito em letras grossas na parte de cima. E bem embaixo pode-se ler as regras. São apenas três:

1º – Para cada tiro está garantido um acerto.

2º – Para cada acerto há um tiro grátis.

3º – O primeiro tiro é gratuito.

O senhor, com o braço pousado na cadeira de sua namorada, examina atentamente a inscrição. O cavalheiro quer sair rapidamente, mas ela pressiona para que ele aproveite a oferta lucrativa. Ela quer ver do que ele é capaz. Mas o senhor não quer.

– Por que não, querido? Já fez isso?

Fazer isso significa que a pessoa tem de atirar em um alvo bem estranho, ou seja: em si mesma, o que significa no próprio reflexo de um espelho metálico. E o senhor de letras não se sente realmente capaz de se diferenciar de uma maneira tão arriscada assim da própria imagem refletida no espelho.

– Ou você atira – diz a amiga que finalmente ficou furiosa – ou eu abandono você!

Ele balança a cabeça. E lá se vai ela com um outro, com um açougueiro, que entende muito bem de carnes e ossos.

O senhor fica parado, seguindo-a com a vista. Quando ela desaparece de seu campo de visão e aflição, ele desintegra-se pouco a pouco em uma pequena pilha de minúsculas e maiúsculas, sobre a qual a multidão pisoteia.

Ele bem que poderia ter atirado, não é mesmo?

ORIGINALMENTE TRATAVA-SE DAS OVELHAS. Contudo, também nós, seres humanos, devíamos nos manter escondidos, pois aqueles que não obedecessem à estrita ordem de entregar todas as ovelhas, punham suas próprias vidas em jogo. Inclusive, bastava saber onde as ovelhas se encontravam, e não apresentar uma denúncia.

Não nos foi explicado por que a entrega dos animais fora forçada com tais medidas rigorosas, pois parecia que nem todas as ovelhas recolhidas eram abatidas imediatamente. Afinal de contas, não existia tal necessidade de carne, principalmente carne de ovelha. Era abatida no máximo a metade das ovelhas entregues; nenhum de nós sabia o que acontecia com a outra metade, se ela era encerrada em grandes estábulos de armazenamento, ou se eram levadas para fora do país. E, como não entendíamos nem conhecíamos todo o processo, desenvolvemos no que diz respeito aos detalhes um tipo de conjectura aventureira, pelo menos nos primeiros dias.

De qualquer maneira, todos ficamos muito contentes por nossas ovelhas terem encontrado aquele saguão vazio. Hanna, minha mulher, era de opinião de que devia se tratar de uma antiga e enorme garagem, ou algo do gênero. Eu, por minha vez, teimava que esse prédio não podia ser outra coisa que não a praça de um mercado. Na verdade, não podíamos provar nenhuma das duas hipóteses. Os tabiques baixos que corriam ao longo das paredes e nos quais enfiamos as ovelhas, não serviam nem a uma, nem a outra tese.

Diz-se que nada é mais difícil do que a espera nesse tipo de situação. Não posso confirmar essa experiência. Nosso humor estava mais para o alegre, beirando o ridículo. As pessoas ficavam pôr ali, em grupos grandes e pequenos, batendo animados papos. Muitos, sozinhos ou em pares, ficavam passeando de um lado para o outro do *hall*. De vez em quando, ouvia-se uma gargalhada por cima da algaravia geral. Sim, de fato, nós ríamos. Nós achávamos divertido que os carneiros – que aos bandos, com seus aventais ensangüentados, davam buscas na cidade inteira à procura de ovelhas escondidas e que inclusive entravam e saíam das casas vizinhas – não tivessem tido a idéia de procurar em nosso saguão. Muitos de nós faziam até mesmo observações zombeteiras sobre o olfato visivelmente deficiente dos rapazes.

No final, estávamos tão seguros das nossas coisas que até permitíamos que as ovelhas saíssem dos tabiques. Os animais ficavam entre nós, perplexos e um pouco transtornados, deixando-se observar. De vez em quando, um baliá. Isso, no entanto, nos parecia um pouco crítico. E, assim que observamos que inclusive da casa vizinha – onde os carneiros entravam e saíam constantemente – foi arrancado um pequeno rebanho de umas dez ovelhas e enfiado num caminhão que esperava, nosso bom humor desapareceu num piscar de olhos. Rapidamente empurramos de novo nossas protegidas para dentro dos tabiques e fechamos as portas com todo cuidado. Lá fora, o caminhão fez uma curva complicada e, finalmente, distanciou-se.

Deve ter passado no máximo meia hora, quando o mesmo caminhão retornou e estacionou bem em frente ao nosso saguão. A porta foi arrombada e nós vimos alguns carneiros saltando para fora da carroceria do caminhão que estava coberta com uma lona. Com gritos de upa-upa, eles arrancaram juntos gigantescos pedaços de carne ensangüentada do depósito, tão poderosos que cada pedaço tinha de ser carregado nos ombros de dois ou três homens. Não sei de que animais aqueles pedaços seriam originários. Talvez de elefantes ou mamutes. De qualquer maneira não se tratava de carne de ovelhas.

No entanto, aquela visão nos horrorizou, e tanto mais quando percebemos que os carneiros se preparavam para arrastar sua carga sanguinolenta diretamente para o nosso saguão. Aquele upa-upa regular

logo se transformou em uma espécie de ladainha monótona, em duas linhas que sempre retornavam, e em cujo ritmo os homens se mexiam:

Busque a vítima! Traga a vítima!

Quem não entregar nenhuma vítima, torna-se vítima...

Pouco a pouco, todos nós entramos nessa ladainha – claro que com a insensata esperança de demonstrar dessa maneira para os carnicheiros nossa inocência e boa intenção no que dizia respeito ao cumprimento da ordem geral. Enquanto isso, todos tremíamos com a possibilidade de que uma das ovelhas escondidas nos tabiques começasse a balir. Cantamos cada vez mais alto para superar qualquer possível barulho traidor provocado por nossos animais, mas felizmente estes se mantiveram no mais completo silêncio, como se tivessem compreendido o perigo da situação, coisa que naturalmente não podia ser.

A fileira dos carnicheiros carregados de carne – a propósito, nesse meio tempo eles haviam aumentado de número, eram mais do que aqueles que chegaram com o caminhão – movia-se com passos lentos de procissão para o lugar onde eu me encontrava com rainha mulher, Hanna. Puxei-a para o lado e, quando me virei meio de lado, notei na parede atrás de nós, entre dois tabiques, uma porta que estava aberta e que parecia levar para um porão. Os carnicheiros marcharam para essa porta e desapareceram, uns após os outros, levando sua carga para o fundo.

Achei estranho que nenhum deles retornasse. A fileira movia-se aparentemente apenas numa direção, apenas do caminhão estacionado diante do *hall* para a porta do porão. Esse fato me fascinou de uma tal maneira que durante um longo tempo não consegui tirar os olhos daquelas figuras que passavam. Disse para mim mesmo que eles deviam voltar à luz do dia através de uma outra porta, mas tão logo eu tentava gravar um dos rostos para reconhecê-la na próxima passada, minha miopia dificultava as coisas e o rosto desaparecia, embora eu tivesse meus óculos e apertasse bem os olhos. Eu não conseguia explicar a coisa direito. Como as pessoas dizem por aqui, eu me tornei um *olho de ovelha*, pois como todos sabem, as ovelhas, principalmente quando estão com medo, enxergam de modo confuso ou também dobrado.

Fui possuído por uma insuportável tensão e me virei para Hanna, na esperança de ler em seu rosto algo tranquilizador ou animador. Mas, nesse meio tempo ela havia ido embora, certamente por não suportar mais a visão dos carnicheiros.

Forcei-me à mais extrema calma e fui passear, cantando o mais alto possível a canção dos carnicheiros, por entre nossa gente. O saguão tinha uma espécie de nave lateral e, lá fora, vi finalmente, durante um breve lapso de tempo, brilhar os quadrados marrons e brancos da roupa de Hanna. Apressei-me na direção dela e vi que ela falava com minha velha mãe, que estava sentada a sua frente em uma cadeirinha desmontável.

– Bem, aí estás! – eu disse um pouco ofegante.

Ela levantou a vista um instante, acenou sorrindo para mim, tornou a inclinar-se sobre minha mãe e ficou conversando com ela a meia voz.

Olhei para trás por cima do ombro. Os carnicheiros continuavam a andar numa fileira ininterrupta, ainda estavam cantando sua música e arrastando sua terrível carga. E do outro lado, junto à porta onde eu estivera antes, encontrava-se Hanna, ela ainda estava lá! E bem verdade que ela me dera as costas, mas pude reconhecê-la pelos grandes quadrados marrons e brancos de sua roupa, pelo brilho avermelhado de seus cabelos, pela sua silhueta e movimentos.

Ela erguera os braços para o lado como quem vai dançar, estalava os dedos e balançava-se lentamente no ritmo da ladainha.

Dei uma volta. Na minha frente estava a mesma Hanna, ainda inclinada e conversando com minha mãe. Agarrei-a duro pelo braço e levantei-a.

– Você está me machucando – disse ela. – Que é isso?

Eu estava tão excitado que não conseguia falar. Com o braço esticado, apontei para a outra Hanna. Mas essa, cujo pulso eu mantinha agarrado, pareceu não compreender o que me assustava. Ela me encarou e balançou a cabeça, um pouco irritada. Seu rosto pareceu-me uma mancha branca.

– Sim, de fato! – ouvi minha mãe dizer. Portanto, ela também estava vendo o que eu via.

E então aconteceu aquilo que eu mais receava: aquela outra Hanna virou-se e, como se estivesse me procurando, veio apressada na nossa direção. Ao ver sua sósia, cujo braço eu ainda mantinha segurado, ela parou, estendeu as mãos e gritou sorrindo:

– Jaina, você?

As duas apertaram as mãos como velhas amigas que se voltam a encontrar após um longo tempo, e era como se eu estivesse vendo as duas em um espelho: duas manchas brancas completamente iguais.

Eu quis gritar: não, não, essa não é Jaina! É você mesma! Mas, ao invés disso, meus joelhos dobraram, eu caí de quatro e bali... bali!

As duas mulheres se encararam hesitantes, já meio desconfiadas. Suas mãos separaram-se.

Os carneiros interromperam sua canção e eu vi como eles, inclinados sob suas gigantescas cargas de carne, olharam em nossa direção com a testa abaixada.

MARIDO E MULHER QUEREM VISITAR UMA EXPOSIÇÃO. Eles se enfeitaram, estão bem-humorados e cheios de expectativa.

Diante da entrada de um enorme prédio sem janelas, onde está sendo apresentada a exposição, situa-se um jardimzinho em forma de parque, um prado pisado, coberto de cocô de cachorro, quadrado e limitado por umas arvorezinhas mirradas. Em duas fileiras que levam à entrada, estão alguns cubos de cimento do tamanho mais

ou menos de uma pequena banca de jornal. Cada um desses cubos tem na parte frontal uma janela de correr, sobre a qual está escrito: entradas.

A mulher toma assento num banco do jardim, enquanto o homem caminha para o cubo mais próximo e olha através da janelinha de correr. Lá dentro, está sentado outro homem, estranhamente gordo e calvo, com suspensórios, dormindo de boca aberta. O homem bate no vidro, primeiro com um certo cuidado. Depois cada vez mais forte. O gordo acorda, enxuga a baba do queixo e abre a janelinha.

O homem precisa se inclinar bastante, para poder se fazer compreender.

– Por favor, para dois adultos, quanto é?

O gordo olha pensativamente para a frente. Balança a cabeça algumas vezes. Depois, fecha a janelinha e volta a dormir.

O homem espera algum tempo. Mas, como o gordo não volta a despertar, ele faz um sinal para sua mulher, para que tenha paciência, e vai até o próximo cubo de cimento.

Ali, ele vê no interior uma mulher sentada numa cadeira, dormindo. Ela é tão formidavelmente gorda, que quase preenche todo o pequeno espaço. O homem fica imaginando como ela conseguia entrar e sair pela porta, e só depois nota que o cubo de cimento não tem nenhuma porta. A janelinha de correr parece ser a única abertura existente.

Ele bate. Depois de algum tempo, a mulher acorda e abre.

– Para dois adultos, por favor – diz ele. – Quanto é?

– Sim – replica ela indolentemente.

Ele espera.

A mulher fecha a janelinha e volta a dormir.

O homem não está disposto a se deixar desanimar assim, tão rapidamente. No cubo seguinte está sentado um jovem tão gordo quanto os outros. No posterior, um velho não menos volumoso, de cueca, com uma rede de cabelo cobrindo as parcas madeixas. Ambos acordam somente depois de longas batidas, abrem a janelinha, escutam a pergunta, balançam a cabeça, fecham a janelinha, e voltam a dormir.

O homem vai pacientemente de cubo a cubo. Fora o enorme volume do corpo, as pessoas atrás das bilheterias não têm nenhuma semelhança entre si.

Atrás da última janelinha, está sentada uma criança, uma menina de uns seis ou oito anos. Em comparação com sua idade e tamanho, ela é quase tão gorda quanto todas as outras pessoas sentadas nas bilheterias. Seu rosto inchado é de uma palidez pastosa. Nos cabelos sem cor, ela traz um laço róseo.

O homem está prestes a bater na janelinha, como já fizera nas bilheterias anteriores, quando seu olhar pousa num recado que está colado na parte de dentro do vidro.

Não diga o que você quer!

Pergunte-me o que sinto!

O homem acena, chamando sua mulher, e os dois examinam o aviso escrito com a caligrafia desajeitada de uma criança. A mulher suspira.

– As coisas não são lá muito fáceis, para as pessoas, hoje em dia.

– Não, realmente não – diz ele. – Talvez seja por isso que vêm poucos visitantes. Exceto nós dois, não vi ninguém aqui desde que chegamos.

Ele bate, a criança gorda e pálida acorda e abre a janelinha de correr.

– Escuta, vocês não têm nenhuma porta – pergunta o homem – pela qual possam entrar e sair?

– Não – replica a criança, corando, como se respondesse algo vergonhoso.

Nesse momento, a mulher se mete na conversa.

– Quer dizer que construíram os cubos em torno de vocês? Ou como foi que vocês entraram?

A menina gorda balançou a cabeça com ar triste.

– Eles construíram em volta de nós. Mas não contavam com que todos nós fôssemos crescer. Na verdade, nós somos uma família, embora talvez as pessoas não notem isso.

– Mas, então, vocês nunca podem conversar! – objeta a mulher solidária.

– Isso não é o pior – opina a criança – porque nós só iríamos mesmo brigar. O pior é que nunca podemos ver a exposição, embora sejamos nós que vendemos as entradas. Se não fôssemos nós, ninguém poderia entrar.

– E isso é tão importante assim para você? – a mulher quer saber. – Quero dizer, você é ainda pequena... ou pelo menos jovem. Você acha que poderia entender tudo?

– Entender... – a criança encolhe os ombros – eu só gostaria de saber o que há para se ver lá.

– Olha, nós bem que podemos contar para você – propõe a mulher – quando sairmos.

A criança a olha agradecida.

– Mas para isso – diz o homem – naturalmente é preciso que primeiro a gente entre. Precisamos de duas entradas, não é verdade?

– Sim – diz a criança gorda, já parecendo novamente sonolenta. Por isso, ele prossegue depressa:

– O que você faria se pudesse movimentar-se livremente?

– Eu entraria lá para saber por que temos de ficar fechados aqui.

– Mas se você pudesse movimentar-se livremente, então não estaria fechada aí e, portanto, não teria nenhuma razão para ir lá dentro.

A criança encara o homem com ar de espanto.

– Certo – murmura ela. – Nesse caso, bem que posso ficar sentada aqui. Eu nunca tinha pensado nisso.

– Ah, viu só?! – diz a mulher com um sorriso amigável. – Duas entradas para nós, por favor.

– E um catálogo – acrescenta ele rapidamente.

– Dois adultos... um catálogo – repete a criança gorda com tom de voz regular. – Aqui está, tenha a bondade.

Ela desliza para fora da bilheteria as duas entradas e o catálogo, fecha a janelinha sem receber o dinheiro, e volta a adormecer com um rosto de satisfação.

Homem e mulher se entreolham, e, ao mesmo tempo emitem um leve suspiro, perpetrando em seguida, através da enorme porta de entrada do prédio sem janelas. Sobre ela, está escrito, em letras garrafais, o título da exposição: *Objetos*.

Na primeira sala eles se vêem diante de uma ovelha postada em um canto, com a cabeça e as orelhas caídas.

Ele folheia o catálogo e acha o título *ovelha*. Ele o soletra a meia voz.

– Parece quase natural, você não acha? – pergunta a mulher inquieta.

A ovelha emite um balido baixo e desolado. Ela agarra-se ao braço do marido e sussurra:

– Vamos em frente, rápido!

Na sala seguinte eles encontram uma vitrine em cujo interior está recostado um espanador. O homem volta a folhear e acha o título *espanador*. E novamente ele o soletra em voz baixa.

A mulher caminha em volta da vitrine e observa, de todos os lados, a peça em exposição.

– Está certo! – diz ela finalmente, balançando a cabeça convencida.

A sala contígua está cheia de areia do deserto até a altura dos tornozelos. E, naturalmente, o título da obra era: *areia de deserto*.

Eles caminham com dificuldade em cima dela.

A seguir, eles contemplam um archote ardendo com o título de *archote ardendo*, o qual está metido em um cavalete junto com machados e achas. Depois vêem uma rede bem longa com o título *rede*, a qual está esticada obliquamente pela sala. No aposento seguinte, encontra-se um relógio de pé com o título da obra *relógio de pé*.

Ali, o homem e a mulher encontram um outro visitante. Trata-se de um colega do homem, o qual cumprimenta afetosamente os dois. Ele traz consigo uma lagosta viva dentro de uma espécie de gaiola que carrega no braço esquerdo.

Primeiro, eles conversam um pouco sobre isso e aquilo e, em seguida, o colega pergunta:

– O que estão achando da exposição?

Homem e mulher trocam um olhar inseguro e murmuram algo como “ainda não temos uma opinião definitiva” e “acabamos de chegar”.

O colega interrompe-os.

– Olha, eu sinto muito – diz ele em voz alta, sem a menor cerimônia –, sinto muito mesmo, mas para falar francamente, esse tipo de arte não serve para coisa nenhuma. Acho isso aqui uma impertinência.

– Arte? – pergunta o homem espantado. – Ah, quer dizer que isso é uma exposição de arte?

O colega encara-o com a mesma perplexidade.

– Como assim? Quer dizer que não é? Bem, então eu entrei na exposição errada. Mas então que é isso aqui?

Houve uma pequena pausa dolorosa, em seguida o homem procurou saber, só para dizer alguma coisa, da lagosta e se o colega ia querer cozinhá-la.

– Não, não – respondeu este quase indignado – esse bichinho veio para mim há alguns dias, mas não posso deixá-la em casa porque minha mulher ameaçou atirá-la pela janela, se eu a deixasse sozinha com ele. Ela diz que essa pobre criaturinha estraga o estofamento dos nossos móveis. Claro que se trata de uma acusação inconsistente, que só objetiva acabar com minha alegria. Vocês conhecem minha mulher! De qualquer modo, sou forçado a viver carregando o animal de um lado para o outro, embora a longo prazo essa não seja a solução.

O homem e a mulher demonstram ao colega seu pesar por uma tal situação, e expressam a esperança de que logo, tudo se ajeite.

Depois disso, eles se despedem e retomam o caminho através da exposição.

Visitam um imenso pombal de madeira com o título de *pombal*. Eles retardam-se um longo tempo diante de um feixe de bananas de dinamite, enroladas em papel gorduroso e amarradas com fita durex. Alguns fios de eletricidade de cores diferentes unem o feixe a um despertador funcionando com seu tique-taque. Segundo o catálogo, a obra tem o título de *bomba-relógio*.

– Lindo – diz a mulher um pouco insegura. Seu marido faz “psiu” e olha à sua volta para outros visitantes que acabam de chegar. Ele acredita que naquela situação essa opinião é inconveniente.

Na sala seguinte, eles encontram a palavra *verde* pintada na parede com enormes letras vermelhas. Estranhamente, dessa vez o título não é *verde*, como supunha o homem, senão que letras.

– Original – murmura o homem, enquanto a mulher faz que sim com a cabeça e acrescenta:

– ... mas acertado, não lhe parece?

Em seguida, eles entram num aposento onde se encontra um imenso vasilhame cheio de olhos de peixe cujo fedor empesta todo o ambiente. O título, como era de se prever, é *olhos de peixe*.

A mulher não pode suportar o fedor. Eles seguem adiante rapidamente.

No meio da sala adjacente, encontra-se uma lata em cima de um pedestal de madeira. Trata-se de uma lata bem comum, em forma de cilindro, fechada em todos os lados e com o título *lata*.

Diante dela, imóvel e perdida na contemplação, está uma criança pequena.

– E então, pequeno? – pergunta a mulher maternalmente. – Seus pais perderam você?

A mulher inclina-se para a criança e assusta-se um pouco, pois o garoto tem uma barba negra. Após uma curta conversa, ela fica sabendo que se trata de um renomado crítico.

– Isto – diz o crítico apontando um dedinho minúsculo para a lata – é uma obra-prima!

O homem não quer deixar passar a oportunidade que se apresenta, e pergunta:

– Quais os critérios que você utiliza para julgar uma obra?

– Primeiramente – explica o garoto barbudo – eu me pergunto o que o artista queria nos transmitir. Em seguida, eu decido se o meio que ele utiliza é adequado a essa transmissão. Esta lata, fechada em todos os lados, expressa a completa impossibilidade de qualquer comunicação. Nada do que está dentro, vaza para fora; nada do que se encontra do lado de fora, chega ao interior. De uma maneira altamente expressiva, o artista nos comunica que não existe nenhuma possibilidade de comunicação para nós. E o meio dessa comunicação é bem convincente.

– Escuta, será que não há uma contradição nisso? – o homem ousa objetar com todo cuidado.

– Naturalmente .que sim! – responde o garoto irritado. – Senão não seria uma obra de arte!

– Quer dizer então que se trata mesmo de uma exposição de arte – diz a mulher.

O crítico olha irritado para ela. mas logo se recompõe e replica:

– Isto é completamente irrelevante.

Homem e mulher agradecem pelo importante ensinamento e seguem apressados. No aposento seguinte eles encontram uma muleta com o título *muleta*, e um ovo com uma folha murcha do lado, os quais são intitulados respectivamente de *ovo* e *folha*, mas eles não conseguem fazer uso do que acabaram de aprender.

Tampouco um telescópio de latão que ostenta o título de *telescópio* possibilita a compreensão de seu significado.

Eles estão um pouco desanimados e passam pelo resto das peças em exposição sem muito interesse. No entanto, param diante de um chicote, cuja corda está enrolada no cabo curto. O título diz *chicote de circo*. Mas também não encontram ali a tal comunicação secreta.

– Venha! – diz o homem – parece que houve um incêndio em algum lugar.

De fato, o aposento no qual se encontram se encheu de fumaça em pouco tempo. No mesmo instante, chegam dois médicos com guarda-pó branco, máscara esterilizada diante da boca e nariz, saindo da fumaça com passos apressados. Os dois carregam, numa maca, um bombeiro, cujo uniforme está fumegando. Sua perna esquerda foi arrancada na altura do joelho e o cotoco está enrolado em gaze ensangüentada.

Homem e mulher levam à boca lenços de bolsa para proteger-se e dirigem-se à saída. Chegam à ela com o nariz enegrecido de fuligem e os olhos avermelhados. Suas roupas estão cheias de buracos de fogo, os cabelos chamuscados.

Eles param diante do cubo de cimento onde está sentada a menina gorda, e respiram fundo. A criança abre a janelinha e o homem procura se informar do que aconteceu.

– Explodiu uma bomba – diz a criança. – O senhor não escutou o estrondo?

– No fundo, nós não reparamos nada – diz o homem.

– Que coisa mais estranha – acrescenta a mulher –, começou a guerra de novo?

– Ainda não – explica a criança algo precoce. – Por enquanto, foi apenas um atentado contra o ministro-presidente de Ndongu.

– Ora, vejam só – diz o homem enxugando os olhos lacrimejantes com o lenço sujo –, eu nem sabia que ele estava por aqui.

– E de fato ele não está – responde a criança gorda – graças a Deus! Nesse momento ele se encontra no Congresso em Karanel-Zur.

– Ah, bem – diz a mulher – quer dizer então que não aconteceu mais nada.

– Não, por sorte não – replica a criança – com exceção de um carteiro que voou pelos ares. Mas, claro que foi somente um equívoco.

– Foi um bombeiro – informa o homem.

– Não, um carteiro – teima a criança. – Mas a culpa foi dele mesmo. Na verdade ele deveria estar entregando cartas, ao invés de estar perambulando por aqui. Por isso sua morte será considerada nula.

Com essas palavras a criança fecha sua janelinha de correr e volta a dormir.

– Por que deveríamos informar a criança do que há para se ver? – pergunta a mulher um pouco amuada. – De qualquer maneira, ela já sabe de tudo mesmo.

Eles passam pelo prédio sem janelas, por cuja entrada a fumaça ainda está saindo. Os dois médicos estão junto ao muro, batendo na parede e auscultando com o estetoscópio.

– Estranho – diz um deles, enquanto tira o aparelho do ouvido –, ao que parece, a explosão está se propagando pelo interior do muro, lenta, mas continuamente.

O outro balança a cabeça e murmura:

– Trata-se de um efeito colateral completamente inesperado.

Homem e mulher vão para casa imersos em pensamentos. Depois de um certo tempo ele diz:

– Foi um bombeiro. Tenho plena certeza.

Ela balança a cabeça em aprovação e ele prossegue:

– Por que será que, hoje em dia, eles dificultam tanto as coisas?

Ela engancha-se nele, cruza seus dedos sujos de ferrugem nos dele e, possuída por súbita e inexplicável tristeza, diz:

– Talvez não seja contra nós. Na certa eles não nos queriam fazer mal nenhum. Mas você tem razão: eles não deviam fazer essas histórias.

O JOVEM MÉDICO TEVE PERMISSÃO PARA TOMAR ASSENTO NUM CANTO DA SALA DE TRATAMENTO, E OBSERVAR O CASO. No entanto, lhe proibiram, em qualquer hipótese, de falar com a paciente ou de se fazer notar de qualquer outra maneira. Meditando, ele observou a maquinaria cujo sentido não conseguia compreender.

Tratava-se de uma cadeira do tipo das que são encontradas nos dentistas ou barbeiros, com a diferença de que, em seu encosto estava aparafusada uma haste niquelada vertical, entre o chão e o teto da sala de tratamento. O assento deslizava para cima e para baixo nessa haste.

A paciente que nela estava sentada, uma senhora idosa, era enorme de gorda, o rosto fortemente maquiado, branco como farinha. Com uma espécie de obsessão indescritível, ela ia metendo goela abaixo todos os tipos de alimentos, os quais estavam à sua disposição, em uma mesa de instrumentos móvel: tortas e pedaços de carne, linguiças e pedacinhos de peixe empanados. A cada bocado que a pessoa metia goela abaixo, a cadeira era atirada para o alto por meio de um dispositivo de catapulta e depois caía com o estrondo de um bate-estacas a vapor. Quanto maior fosse o bocado, mais alto voava a cadeira com a senhora, de tal maneira que era como se ela não ficasse mais pesada e sim mais leve à medida que ia comendo os alimentos.

Como, exceto ele e a senhora gorda na cadeira não existisse mais ninguém na sala, e como tampouco parecia provável que fosse aparecer alguém para controlar, o jovem médico-assistente atreveu-se finalmente a perguntar, à meia voz, apesar da estrita proibição:

– Com que objetivo a senhora está sendo submetida a esse tratamento?

Ele precisou repetir a pergunta mais uma vez até que a mulher ouvisse e interrompesse sua atividade por um breve instante.

– Eu sofro – disse ela esforçando-se para se virar na direção dele, já que o médico estava sentado meio para trás dela – de gravitação progressiva. Somente a alimentação constante me torna mais leve. Quando paro com isso, nem que seja alguns segundos como agora, meu peso aumenta imediatamente. É um defeito da gravidade da terra, entende? Alguns segundos de abstinência completa fariam com que meu esqueleto desabasse sob o peso da minha carne. Repugna-me, mas somente a alimentação permanente me deixa mais leve.

Rapidamente, como quem está perdendo alguma coisa, ela devorou um novo bocado e começou o jogo do subir e descer de cadeira.

– Na certa que vão lhe ajudar aqui – murmura o jovem médico. – Logo a senhora estará bem melhor, a senhora vai ver.

– Ele estava triste porque, apesar do evidente padecimento da mulher, ele não conseguia sentir qualquer simpatia por ela.

Como ela não respondeu, ele se levantou depois de algum tempo para examinar mais detalhadamente o aparelho. Próximo do chão, entre a haste niquelada e o encosto da cadeira móvel, havia um dispositivo que chamou sua atenção. Era um cilindro de vidro bem grande, no qual subia e descia um pistão como o de uma bomba de ar, ao ritmo da cadeira, presumivelmente para abafar o choque da cadeira ao cair. No interior desse tubo de vidro, havia um animal.

O jovem médico não estava em condições de classificar essa criatura. Contudo, sem dúvida nenhuma, tratava-se da mais feia que ele já havia visto. Assemelhava-se a uma enorme caranguejeira, pois compunha-se de um corpo em forma de esfera e uma grande quantidade de membros com cabelos negros e bem ágeis. No entanto, esses não eram rígidos como as patas dos insetos, nem divididos nas articulações, senão que completamente moles como os de um polvo. A cada golpe que o animal recebia vibrando dentro do pistão comprimido para baixo, enrolavam-se de dor suas incontáveis extremidades. O animal tentava sempre – apesar de meio anestesiado – fugir da terrível prisão. No entanto, não existia nenhuma saída em parte alguma.

O jovem médico ficou observando durante um longo tempo a maltratada criatura, e fez todos os tipos de considerações sobre até que ponto havia a necessidade de mitigar o tormento da paciente através do tormento da criatura. Não que o animal lhe tivesse provocado um sentimento de compaixão – era abominável demais para isso. Tratava-se, isto sim, de uma postura de princípio, que consistia em demonstrar sempre um certo respeito para com a existência de todos os seres vivos, não importando a espécie a que pertencessem, o que implicava portanto em não admitir que fossem submetidos a torturas ou dores inúteis. E, como ele não via nenhuma razão para expor o animal àquela tortura, finalmente se compadeceu dele, justamente porque o bicho era horrível.

– Pare com isso! – ele gritou de imediato para a senhora gorda, que continuava enfiando goela abaixo bocados após bocados. – Vamos, pare com isso logo!

Mas a mulher não pareceu ouvi-la, ou talvez simplesmente não quisesse ouvir. De qualquer modo, não prestou a mínima atenção às palavras; ao contrário continuou se empaturrando, como que possuía por algum demônio.

Nesse momento, o jovem médico ficou irado e revoltado. Ele agarrou um instrumento niquelado que estava ao alcance de sua mão e, com vários golpes violentos, destruiu o cilindro de vidro. A cadeira parou imediatamente, coisa que a senhora quase não notou. Mastigando de boca cheia, ela lançou ao jovem médico um olhar de desaprovação, mas não interrompeu sua refeição.

Nesse meio tempo, a criatura com forma de aranha correrá para a porta. O jovem médico abriu a porta e deixou que ela saísse. De repente, lhe ocorreu que ele deveria contar com a respectiva punição por aquele ato impulsivo. No entanto, não foi isso que fez com que ele se afastasse correndo da sala. Foi muito mais uma repentina curiosidade – que ele mesmo não saberia explicar – de observar para onde a criatura se dirigia com tanta pressa. Com espantosa consciência, o animal precipitou-se com suas incontáveis pernas através dos corredores do Instituto, saiu para a rua noturna e, ali chegando, seguiu adiante como se quisesse chegar a qualquer custo e pelo caminho mais curto possível, a um lugar determinado.

Meio inclinado para frente para não perder o animal de vista na escuridão, o jovem médico saiu correndo atrás da criatura através de vielas secundárias e pátios, sobre pontes e escadarias, sob portões e túneis do metrô, até que finalmente a criatura parou sentada no vestíbulo mal iluminado de um edifício com aparência miserável, sem fazer mais nenhuma menção de seguir correndo.

O jovem médico olhou inquisidoramente à sua volta. Não conseguia imaginar o que poderia ter atraído a criatura para aquele lugar. Imediatamente, porém, concluiu que se enganara: não fora o lugar que atraía o

animal; ali, simplesmente, terminava a fuga, o mais longe possível da prisão de vidro. Sim, na certa era isso. Ele não voltou a enxotar o animal. Permaneceu bem quieto, aguardando os acontecimentos.

Não fazia muito tempo que ele estava ali, de pé, quando viu no outro lado escuro do corredor um segundo animal correndo na direção dele, um bicho do tamanho mais ou menos do outro, mas com uma forma completamente diferente. Mais parecia um escaravelho gordo com tenazes poderosas. Quase ao mesmo tempo, surgiu uma terceira criatura, que ultrapassava um pouco em tamanho as anteriores e que mostrava uma longínqua semelhança com um gafanhoto. Os três animais ficaram imóveis, as cabeças viradas para o centro, de tal modo que seus corpos formavam uma estrela de três pontas no chão de ladrilhos. Pareciam não se preocupar com a presença do observador.

Durante um longo tempo nada aconteceu, e o jovem médico começou a se admirar da própria paciência. No fundo, ele não saberia dizer o que mantinha sua expectativa em tensão. Quando, finalmente, mais baseado na razão, ele decidiu ir embora, escutou algo.

Quase inaudível, pairava no ar um som que, mesmo sem prestar atenção, o médico percebeu que já ouvia há algum tempo. Mas agora, como o som lhe chamara a atenção, ele ouvia de maneira cada vez mais nítida e clara um delicado, puro e subterrâneo trítone de tal beleza que lágrimas de arrebatamento lhe vieram aos olhos. Seria possível que aquelas três criaturas de aparência tão repulsiva estivessem fazendo música juntas? Seria possível que eles, sentados naquele canto escuro e sujo estivessem produzindo esse acorde mais puro que todos os acordes? Meu Deus, pensou o jovem médico enlevado, meu Deus, que sorte indescritível!

Quando alvoreceu, a música desapareceu, embora os animais continuassem imóveis. Ainda um pouco perturbado, o jovem médico saiu à rua. Diante dele, nas primeiras luzes da manhã, havia um pequeno jardim com a grama pisada. Nos bancos, estavam sentadas umas dez pessoas, todas meditando, como se também tivessem escutado aquele trítone durante toda a noite. Eram rostos rústicos que, nesse momento, uns após os outros, foram levantando a vista, sorrindo para o jovem médico, mas que de alguma maneira faziam solenes sinais com a cabeça. Os homens ostentavam boinas de pele e barbas, as mulheres de cabeça, todos estavam vestidos de guarda-pó de um linho rústico e desbotado. Quando o jovem médico chegou diante deles, viu que os guarda-pós estavam todos recobertos de caracteres, mas eram caracteres de um idioma desconhecido para ele. Provavelmente, considerou o jovem médico, caracteres do alfabeto cirílico.

– Nomes? – perguntou ele apontando para as letras. – São seus nomes?

As pessoas a quem ele se dirigiu, balançaram a cabeça sorrindo, como se não tivessem compreendido, acenando apenas amigavelmente.

– De onde vocês vêm? – perguntou o jovem médico, falando cada palavra lenta e claramente.

Um velho de barba branca respondeu, mas num idioma estranho. De repente, uma galinha cacarejou. O jovem médico olhou espantado à sua volta e os camponeses riram benevolmente de seu espanto, mostrando-lhe uma mulher sentada no fim da fila. O jovem médico foi até ela e viu que ela havia aberto o guarda-pó, de tal modo que seus enormes seios ficaram para fora. Na pele do peito estava pintado um ícone, precioso e guarnecido em parte com folhas de ouro.

Novamente ouviu-se o cacarejo e os camponeses riram. A mulher com os seios bem oferecidos fez um movimento de rejeição com a mão para aqueles que riam, depois tirou um saco de trás do banco, abriu-o e estendeu-o para o jovem médico. Ele deu uma olhada lá dentro e viu que o saco estava cheio quase até a metade de pedaços de gelo. Em cima, ele viu uma galinha completamente pelada e depenada, que no entanto ainda estava viva e que, assim que percebeu o rosto do jovem médico inclinado em sua direção, bateu as asas e cacarejou pela terceira vez.

APÓS O ENCERRAMENTO DO EXPEDIENTE, O HOMEM COM OLHOS DE PEIXE ENTRA NO REBOQUE DA LINHA 6. O bonde está lotado como sói acontecer a essa hora. Os passageiros, em sua maioria homens, puxaram a gola do sobretudo para cima e afundaram o chapéu no rosto. Fazia muito frio

naquela noite e o homem observava de olhos arregalados e vazios as nuvenzinhas de respiração exaladas por muitas bocas.

Precisou ficar de pé durante um bom tempo mas, após a quinta parada, vagou um lugar à sua frente e ele se sentou. Havia muito tempo até a parada final. Ele tirou um jornal do bolso de dentro de seu sobretudo, alisou-o cuidadosamente e se aprofundou nas notícias. Por alguma razão qualquer, no entanto, ele não conseguiu se concentrar direito no texto. Não compreendeu o sentido de muitas frases, mesmo depois de repetir várias vezes a leitura. Finalmente, notou nas páginas seguintes alguns erros de impressão a princípio isolados e que se tornavam progressivamente freqüentes. Na certa, por engano ou desleixo do tipógrafo, algumas palavras e linhas – ou até mesmo parágrafos inteiros – estavam impressos num alfabeto desconhecido. Talvez fosse o grego ou o cirílico. De qualquer modo, ele decidiu escrever uma carta de protesto, dirigida à redação do jornal, ainda na mesma noite.

A viagem, que ele precisava fazer duas vezes por dia (pela manhã de ida e à noite de volta) geralmente levava quarenta e cinco minutos. Nos dias ruins – ou seja, naqueles com grandes engarrafamentos –, ela podia demorar muito mais. No entanto, essas demoras não lhe eram nem agradáveis nem enfadonhas. Ele não gostava de voltar para casa, um lugar onde não se sentia à vontade. No fundo, ele nunca se sentira em casa em parte alguma. Quando os colegas de escritório conversavam a esse respeito, ele ficava escutando e tentava, em vão, coar para si uma idéia do que seria estar em casa. Contudo, no decorrer da vida ele se acostumara a essa falta, como quem se acostuma a um pequeno defeito físico, com o qual, bem ou mal, a pessoa tem que se arranjar. Como vivia sozinho, seu dia terminava irrevogavelmente assim que fechava a porta da casa. Em compensação, enquanto estivesse sentado no bonde, parecia ter diante de si todas as possibilidades. Ele não ficava pensando em nada especial, todas as noites era essa mesma pequena e absurda esperança, e o mesmo pequeno desapontamento, quase inconsciente.

Depois de algum tempo, ele levantou a vista de sua leitura, e se surpreendeu com o fato de que o vagão estivesse já quase completamente vazio tão cedo. Restaram apenas quatro pessoas... ou melhor, cinco, contando com ele. Na sua frente estavam sentadas duas velhas gordas com gigantescas sacolas de compras, que demonstravam não estarem dispostas a largar sequer por um segundo, enquanto se examinavam reciprocamente, com olhares desconfiados. As duas mulheres estavam agasalhadas por uma enorme e ridícula quantidade de xales, jaquetas de tricô e lenços de lã, e usavam luvas que deixavam livres as pontas dos dedos. Quando, por entre os panos, se lhes divisava os rostos avermelhados, descobria-se que eram estranhamente parecidas. Talvez se tratasse de irmãs.

Um pouco afastado estava sentado um homenzinho vestido miseravelmente, que olhava para o chão à sua frente e a determinados intervalos de tempo balançava a cabeça como se quisesse compreender alguma coisa, que repetidamente não compreendia. Ao seu lado ia um garoto delgado, com um boné de marinheiro jogado em cima dos cabelos louros, cantando baixinho, enquanto fazia com os dedos buracos na fina camada de geada que cobria os vidros, para espiar para fora. De repente, ele pareceu ter descoberto algo do lado de fora, pois começou a puxar o homenzinho que se agitava. Chegou até mesmo a pegá-lo no rosto para chamar sua atenção. Demorou algum tempo até que o homem se recompusesse o suficiente para lhe dar ouvidos, receber a importante comunicação e balançar a cabeça. O bonde parou e os dois saíram do vagão de mãos dadas.

Quando se aproximava o ponto seguinte, as duas mulheres se levantaram e, ofegando e bufando, saíram empurrando as enormes sacolas de supermercado em direção às portas. Uma se dirigiu para a porta da frente, e a outra para a traseira, enquanto se olhavam mais algumas vezes com expressão furiosa, o que lhes causava certo transtorno, tendo em vista o volume de seus corpos.

O homem com olhos de peixe as seguiu com a vista. Soprou um buraco na geada que cobria seu vidro para ver se as duas tornariam a mesma direção. No entanto, nada conseguiu descobrir. O bonde se pôs em movimento, ele se recostou e deixou que seu olhar perambulasse pelo vagão vazio.

Depois de algum tempo, ocorreu-lhe que possivelmente um fiscal ainda entraria no bonde. Ele apalpou o sobretudo procurando em todos os bolsos o bilhete mensal de viagem, mas não o encontrou. Era a primeira

vez que isso lhe acontecia na vida, fato que considerou inexplicável. Com certeza, não havia muitas probabilidades de que um fiscal fosse subir no veículo no último trecho da viagem, mas se isso acontecesse, haveria problemas. Tranquilo, ele tornou a revistar todos os bolsos. Finalmente, desistiu e tentou, sem sucesso, se recordar da última vez que tivera o documento em mãos.

Alguns dias depois lhe ocorreu que o sol, que no fim do expediente estava prestes a se pôr, ainda não desaparecera por completo. Pelo contrário, sem dúvida nenhuma ele se levantara um pouquinho mais, o que lhe causou surpresa.

Ele raspou com as unhas as flores de gelo do vidro da janela e olhou para fora. Passavam vilas e pequenas casas campestres de madeira, cercadas por enormes jardins floridos. Em um balanço estavam sentadas crianças vestidas com leves roupas de verão ou seminuas. O homem com olho de peixe achou isso uma levandade. As crianças deviam estar querendo morrer. No escritório, eles haviam escrito 23 de janeiro. Mas as árvores lá fora estavam verdes e algumas até floresciam. Nesse momento, penetrou seu campo de visão um monumento cercado de canteiros: um veado em repouso que, ao invés dos chifres, ostentava na testa uma ramagem viva e espessa.

Havia quase dezesseis anos que percorria esse caminho, mas nunca reparara naquele monumento. Nesse momento, ele não sabia dizer com certeza onde o bonde se encontrara. Desabotoou a manga do sobretudo e deu uma olhada no relógio de pulso. Era evidente que os ponteiros haviam corrido para trás. Ele levaria o relógio para o conserto e teria de passar sem ele alguns dias. Essa perspectiva lhe pareceu mais do que dolorosa, pois vivia semeando horários exatos. Desafivelou então o relógio, levou-o ao ouvido e balançou. Nisso, o relógio parou.

Agora, saltava aos olhos que o condutor esforçava-se por recuperar o tempo perdido. Já não se detinha em nenhuma parada e, havia algum tempo, ia além da velocidade permitida. O homem com olhos de peixe considerou tal procedimento uma levandade.

Pouco a pouco foi derretendo a camada de gelo das janelas. Pequenos pedaços de gelo escorriam pelos vidros, atropelavam-se e caíam. Nesse momento, o bonde estava passando por um trecho de bosque. Entre árvores frondosas, havia figos gigantes, cavalinhas enormes e palmeiras. O homem de olhos de peixe começou a pensar se não havia tomado a linha errada. Mas isso não era possível, pois na parada em que ele tomara o bonde, fora a linha 6 não passava nenhuma outra. Portanto, estava excluída a possibilidade de equívoco. Ele se recostou e esperou.

De repente, um relincho selvagem o sobressalta. Um cavalo branco estava correndo ao lado do vagão, bem debaixo de sua janela. Trazia sela e arreios orientais e sua crina e rabo flutuavam ao vento. Às vezes, durante alguns segundos, ele se perdia de vista atrás de folhagens e árvores, mas logo voltava a se aproximar do vagão em marcha. O homem com olhos de peixe não havia prestado atenção há quanto tempo o animal estava se comportando de tal modo, e tão pouco achava que esse assunto fosse de sua competência. Contudo, como o cavalo branco persistisse em seu comportamento, ele finalmente se levantou, foi até a plataforma traseira e tentou espantar o animal com gestos. Como não obtivesse sucesso, chegou a tentar abrir a porta, embora fossem portas automáticas que ficavam fechadas quando o bonde estava em movimento. Entretanto, para seu espanto, depois de algumas sacudidas a porta se abriu e um ar quente e úmido penetrou no vagão.

Quando o cavalo branco percebeu o homem parado frente à porta aberta, aproximou-se imediatamente e se manteve emparelhado com o bonde, de tal maneira, que ele poderia saltar do estribo diretamente para a sela. Assim, ele quase roçava a lateral do vagão. O homem com olhos de peixe deu-lhe um pontapé, balançou os braços e gritou:

– Vá embora! Trate de dar o fora daqui!

O homem estava preocupado que pudesse acontecer alguma coisa ao cavalo branco, o que provavelmente provocaria uma longa parada do bonde, até que a polícia verificasse a causa do acidente. Isto faria com que sua volta à casa fosse retardada por horas.

Contudo, todos os seus esforços só conseguiram fazer com que o animal tentasse aproximar-se ainda mais dele. Somente quando lembrou de enfiar dois dedos na boca e assobiar a plenos pulmões, foi que o cavalo se afastou por alguns instantes. Ele serrou-se no corrimão, inclinou-se bem para fora e ainda pôde ver o animal apontando as orelhas com medo, pânico e mostrando os dentes. Depois disso, ele retornou para seu assento.

Nesse meio tempo, a paisagem mudara. Agora era urna estepe queimada. Aqui e ali, em lugares onde a grama ainda ardia, erguiam-se pequenas nuvens de fumaça. O ar da planície bruxuleava com o calor. Certa feita, ele divisou na distância uma fila de prisioneiros; umas figuras espantosamente famintas com roupas listradas. Eles caminhavam sobre pernas-de-pau, presumivelmente por causa do calor do solo. Ele tirou o sobretudo e colocou-o cuidadosamente no encosto do assento ao seu lado. Nesse momento o sol estava no zênite. O calor abrasador ressecou-lhe a boca. Ele gostaria de ter algo para beber, mas precisava ter paciência e esperar chegar em casa. Afinal de contas, não poderia demorar muito mais tempo.

Pouco depois, o bonde começou a andar bem devagar. Estava passando ao longo de um infinito complexo fabril de um povoado. Todas as janelas dos prédios estavam pregadas, os tetos furados e caídos. Era evidente que nessa parte do trajeto os trilhos também estavam muito danificados, como era de se supor pelo barulho e golpes das rodas.

O único ser humano que o homem com olhos de peixe pôde descobrir nas ruínas da fábrica, foi um ancião gigantesco, completamente nu, cuja barba toda entrançada pendia quase até o solo. Ele estava ao sol, no meio de um lugar com lajotas brancas, acenando para os que passavam e apontando com insistência com um dedo indicador de tamanho descomunal para uma abóbora que levantava com a outra mão. Ele fazia isso e gritava alguma coisa. Parecia uma palavra de um sílaba, com a qual ele arredondava os lábios. Mas por causa do barulho das rodas, o homem com olhos de peixe não podia ouvi-lo.

O bonde voltou a acelerar. Nesse momento ele passava por um deserto de areia, pedras e alguns rochedos isolados que se assemelhavam a silhuetas e máquinas derretidas. O homem com olhos de peixe disse para si mesmo que, com toda certeza, o bonde devia estar viajando por um desvio. Claro que esse tipo de coisa podia acontecer quando havia algum trabalho sendo realizado na rua. Nesse meio tempo, sua sede tornara-se tão insuportável que lhe era difícil até mesmo respirar. Ele ofegava. Pouco a pouco ele foi caindo em um sono semi-consciente.

Quando voltou a si, fazia muito frio. Ele notou que o sol inclinava-se no horizonte – mas, nesse momento, era evidente que se tratava do oriental. E de repente ele foi sacudido por soluços sem lágrimas. Repentinamente chegou ao fim a paciência surda ou indiferença, com a qual ele se protegera até aqui para não tomar conhecimento do que estava sendo feito com ele. Disse em voz alta que ainda naquela noite ele faria uma queixa enérgica à direção dos Transportes Coletivos, mas isso de nada adiantou, nem ele mesmo acreditou. Essa confissão o encheu de espanto. Ele se sentiu desamparado e mergulhado de cheio no incompreensível. E foi possuído pelo pânico. Levantou-se e cambaleou, jogado de um lado para o outro pela viagem vertiginosa até a plataforma da frente. Ali ele tentou avistar o condutor através dos vidros de três vagões. O vidro estava recoberto de poeira, não permitindo nenhuma visão. Ele gritou e berrou batendo com as mãos na janela, sem chegar a qualquer resultado. Então, meteu a mão no freio de emergência, atitude que considerava justificada num caso como esse. Puxou o freio com todas as forças ao desespero, mas nada aconteceu. Puxou de novo. Puxou até o braço ficar dormente. Puxou com a outra mão. Depois de algum tempo, apoderou-se dele uma raiva cega e a alavanca vermelha ficou-lhe na mão. Uivando como uma criança, ele atirou-a no chão e ficou ali durante algum tempo, olhando fixo para a coisa. De vez em quando seu ofego era interrompido por soluços secos. Pouco a pouco ele se foi acalmando.

Regressou para seu assento e, através do vidro empoeirado, cravou os olhos arregalados e vazios nos desertos que passavam, todos exatamente iguais. A única coisa viva que viu depois de algum tempo, foi um homem com a farda disforme e prateada de um astronauta, puxando um bezerro por uma corda, o qual se defendia, não querendo seguir adiante. Ambos lançavam sombras infinitamente longas pela planície. Isso foi tudo.

De repente o bonde passou a andar bem devagar, quase na velocidade do passo. Ele se assustou. Saindo da profunda meditação, passou a mão no sobretudo e chapéu, apressou-se em direção à plataforma traseira, onde a porta continuava aberta, e saltou. Ele calculara mal a velocidade, por isso tropeçou em pedras, caiu e, durante alguns segundos, ficou deitado. Em senda ocorreu-lhe que seria impossível voltar a pé para casa do meio daquela planície infinita. Afinal de contas, fora a distância, ele também não conhecia o caminho. Sequer sabia os pontos cardeais. Ele se levantou e viu que o bonde não se havia afastado muito. Parecia até mesmo ter reduzido mais ainda a velocidade. Começou a correr, mas logo depois o bonde aumentou a velocidade. Somente com muito esforço conseguiu chegar na pontinha do último estribo e, estrebuchado e aos trambolhões, subir no bonde. Ficou de quatro no meio do vagão, respirando fundo aos estertores, no chão sujo, o rosto escondido na dobra do braço.

Levou algum tempo até que ele se sentisse com força suficiente para se levantar. Bateu cuidadosamente nos joelhos e cotovelos. Seu terno estava rasgado em vários lugares, e a perna esquerda da calça úmida de sangue na altura do joelho.

Ele se postou junto à porta aberta e, de olhos fechados, deixou que o vento da viagem, que nesse meio tempo voltara a soprar com força, esfriasse seu rosto empapado de suor. Ele já não se protegia contra mais nada. Sabia que estaria de acordo com qualquer coisa. Acontecesse o que acontecesse, era isso mesmo que ele queria.

O sol estava tão baixo no horizonte oriental que o cegou, quando ele se curvou na porta, protegendo os olhos com a mão, tentando reconhecer o lugar por onde o bonde passava. No início, ele achou que a listra escura no horizonte fosse uma cordilheira muito afastada. Depois, achou que estava divisando uma trovoadas que se levantava e alegrou-se pela chuva que viria. Somente quando se aproximou mais, foi que viu que essa escuridão mexia-se em si mesma e respirava, parecendo-lhe um bosque soprado por um vento de tormenta ou um muro de cortinas que cobriam todo o horizonte, que balançavam lentamente para cima e para baixo, inchando-se e tragando-se mutuamente para depois soltarem-se de novo.

Somente no fim ele viu as cores: torres de opala que estavam sempre se erguendo para logo depois se dissipar. Paredes deitadas de pura madrepérola transparente, ardentes e vaporosas como vidro corrente.

E o branco, aquele mesmo branco que no princípio ele tomara por relâmpagos no meio da trovoadas.

Então, repentinamente o homem de olho de peixe compreendeu o que era aquilo, para onde estava se dirigindo... e compreendeu tão profundamente que seu coração parou:

O mar.

O PALÁCIO DO BORDEL DA MONTANHA IRRADIAVA NESSA NOITE UM BRILHO FRIO. Milhares de cobras de luzes oscilavam e ininterruptas grinaldas de pequenos candeeiros iluminavam-no como um hipódromo, lançando seu brilho para baixo, até as mais sombrias vielas e pátios miseráveis da cidade das putas, os quais normalmente ficavam no escuro, pois lá embaixo não havia luz alguma. Nos cantos sujos, nos portões de entrada, nas portas e janelas aglomeravam-se incontáveis rostos, fantasmagóricos no reflexo, minúsculos e gigantescos, rostos inchados ou chupados, todos olhando lá para cima, para as torres em forma de cogumelo, para as cúpulas duplas, os muros abaulados da construção gigantesca.

Somente alguns poucos notaram o cavalo branco de crina comprida que, com sela e arreios luxuosos, trotava pelas ruas em direção ao palácio. Ele se movia lenta e cansadamente, como se suas patas fossem de chumbo. A cabeça pendia pesada. Na sela estava montado um mendigo pernetas, curvado para a frente, com as roupas esfarrapadas, levando na cabeça uma coroa de papel. Seu rosto estava transtornado pela tristeza.

– Nossa rainha vai casar – sussurravam algumas pessoas – e esse é o seu noivo.

– Mas ela já tem um marido – replicavam outras.

– Ela não precisa se preocupar com isso, – opinavam alguns – afinal ela é a rainha das putas.

E uns poucos atreveram-se até mesmo a perguntar:

– Quem foi que já viu o marido dela alguma vez? Talvez ele não exista.

Mas estes eram calados rapidamente. Não era bom se meter nesse tipo de conversa, pois a rainha ficava sabendo de tudo e não deixava que as pessoas brincassem com ela.

Quando o cavaleiro chegou ao reluzente portal niquelado do palácio, que tinha a forma de uma enorme vulva, o cavalo branco parou por si mesmo. Ninguém foi até o visitante para cumprimentá-lo, não se ouviu nenhum barulho, o prédio todo iluminado parecia desabitado. O mendigo deslizou para fora da sela, apanhou duas muletas rústicas, de madeira, que estavam penduradas ao lado do cavalo, e com elas subiu as escadas capengando.

O interior do prédio era todo composto de um material tipo negro-grafite, com um brilho metálico. No entanto, suas formas tanto podiam ter origens orgânicas quanto técnicas. Havia paredes e tetos que eram estribados como um palato, e no chão corriam artérias nodosas. Havia uns gigantesco êmbolos que deslizavam para lá e para cá em encanamentos ou aberturas, e também uns pequenos que realizavam o mesmo movimento mas com velocidade vertiginosa. Nisso se ouvia um ofego ou um gemido abafado, às vezes também gritos e grunhidos estridentes. Em barras grossas e reluzindo a óleo, punhos anelados subiam e desciam, movidos por braços cheios de articulações, ou instrumentos parecidos com bombas lançavam potentes estacas poderosas dentro de poços profundos. O ar estava pesado com cheiro de metal quente.

Em outros aposentos havia umas torneiras abauladas que de tempos em tempos esguichavam um líquido espesso em regos ou nas aberturas ovais das paredes que, depois, se fechavam palpitando. Dificuldades especiais para o homem de muletas encontravam-se em um longo corredor em forma de encanamento, cujas paredes e chão eram escorregadias e que se encontrava em um constante movimento peristáltico. Finalmente ele se perdeu em uma floresta de colunas nodosas. que inchavam, erguiam-se e encolhiam-se de novo. Ele já não sabia mais para onde se dirigir.

De repente, surgiu na frente dele uma figura curvada, cinzenta, um velho que o encarou inquisidoramente com olhos apertados e perguntou com voz roufenha:

– Você é aquele que foi chamado?

O mendigo fez que sim com a cabeça.

– Venha! – disse o velho caminhando na frente.

Após longas peregrinações, eles chegaram em uma gigantesca sala redonda vazia e em cujo centro, iluminado por projetores, encontrava-se um estrado que chegava mais ou menos à altura do peito, do tipo de um ringue de boxe, também redondo. No meio dele havia uma reluzente cadeira de operação niquelada, e nela estava sentada a rainha das putas.

Ninguém jamais havia visto seu rosto, pois ele estava coberto por uma máscara de aço. Sua cabeça era careca e também seu corpo desnudo era completamente desprovido de pêlos. Seus membros, lisos como marfim; no tronco, os seios eram de uma beleza imaculada. Contudo sua nudez parecia a de um corpo numa sala de anatomia.

O homenzinho cinzento pigarreou quando eles pararam diante do estrado.

Ela levantou a cabeça, as pálpebras de aço abriram-se e ela contemplou o mendigo com olhos cor de jade.

– Aproxime-se! – ela disse de modo indolente – Venha até aqui em cima!

Sua voz soou elegante e mole e, de uma maneira inexplicável, artificial.

O homenzinho cinzento quis ajudar o mendigo a subir no palco, mas este o rejeitou com um movimento de mão, e continuou parado, imóvel.

– Você ainda está de chapéu na minha frente? – ela se levantou e foi até a beira do estrado. Parou bem na frente do mendigo e, por cima dos seios, olhou para ele. O cheiro de metal líquido que saía dela, era atordoante.

– Quem foi que meteu sua querida mulherzinha na cadeia? – perguntou ela, suave.

– Você, rainha.

– Quem foi que perverteu seus filhos e os açulou contra você?

– Você, rainha.

– Como foi que você perdeu sua perna? – prosseguiu ela, de modo quase terno. – Quem foi que fez de você um mendigo? Quem foi que tomou tudo de você e lhe cobriu de vergonha e bosta?

– Tudo foi você, rainha.

Ela balançou a cabeça e riu baixinho.

– Mas mesmo assim você continua de chapéu na minha frente?

Ele levantou a cabeça e olhou-a nos olhos.

– Eu consegui o reino para você – ele disse lentamente. – Eu protegi você contra seus inimigos. Você está lembrada?

O homenzinho cinzento tossiu. Com um movimento de cabeça autoritário, ela lhe ordenou que se afastasse. Ele obedeceu, desaparecendo silenciosamente na escuridão da sala.

– Não me lembro de coisa nenhuma – disse ela depois – mas é possível que tenha sido assim. De qualquer modo, você não fez nada além da sua obrigação perante a rainha.

O mendigo balançou a cabeça.

– Eu o fiz porque prestei um juramento. Isso foi há muito tempo. Naquele tempo nós dois éramos jovens.

– Você não é muito delicado – objetou ela com ar zombeteiro.

– Naquela época – prosseguiu ele – eu ainda acreditava em você.

– E agora você já não acredita mais em mim?

– Não.

– Então por que você simplesmente não rompeu seu juramento?

– Não podemos regatear com um juramento. Só Deus é que sabe o que será dele.

– Pode-se negociar com qualquer coisa – disse ela –, tudo pode ser comprado ou vendido. Tudo. Isso se refere a Deus também. Ele também tem seu preço, não é verdade? E ele não é lá muito modesto.

Durante algum tempo os dois ficaram calados, depois ele perguntou:

– Por que você usa essa máscara de aço! Mostre-me seu rosto!

Ela riu como se ele lhe tivesse feito uma proposta indecorosa.

– Será que você não sabe que até eu tenho sentimento de vergonha... mesmo que ele seja o oposto do seu.

Ela saltou para fora do estrado e postou-se bem perto dele.

Como ele virou a cabeça, ela lhe levantou o queixo com o indicador e o forçou a continuar olhando em seus olhos.

– Disseram-me que você mendigou ontem nos degraus da igreja da nossa Virgem. É verdade?

– É verdade, rainha.

– Pelo que ouvi, as pessoas lhe deram muitas esmolas. Pilhas de esmolas, é verdade? Toda a cidade veio correndo, pobres e ricos, para lhe dar presentes.

Ele assentiu.

– Quanto você ganhou?

– Muito – disse ele –, lá pela noitinha eram cinco sacos cheios.

– Ouro e jóias?

– Também.

De repente, a rainha deu-lhe as costas e disse de modo quase inaudível:

– Eles gostam de você, não é?

Ele ficou calado.

– Por que eles gostaram de você? Explique-me!

– Não sei.

– Mas eu sei – disse ela de modo repentinamente duro.

– Você ficará calada, rainha... por generosidade.

– Generosidade... – repetiu ela espantada. Ela caminhou lentamente em volta dele e postou-se às suas costas.

– Você está achando – ela lhe sussurrou no ouvido – que eu devia deixá-lo pelo menos com essa ilusão. Tem medo de que eu abata essa sua última pombinha. Minha língua é a faca e agora eu lhe corto a cabeça: eles fizeram isso por minha ordem.

Ela o abraçou por trás, apertando seu corpo nu contra o dele.

– Não, não – sussurrou ela –, não é verdade. Eu menti.

Não tenha medo, não vou lhe fazer nada. Estou cansada. Estou sedenta. Estou doente. Ajude-me! Ajude-me só mais essa vez, você jurou!

– Ninguém pode lhe ajudar, rainha. Nem mesmo você.

De repente, ela se deixou cair no chão, abraçou-lhe a perna e cobriu-lhe o pé e até mesmo as muletas com os beijos de sua boca de aço. Ao fazê-lo, ela soluçou:

– Você pode! Você, só você pode me ajudar. Dê-me um pouco dessas esmolas. Divida-as comigo! Seja caridoso! Tenho tanto frio. Estou tão sozinha.

Ele a olhou de cima, quis tocar a pele de marfim de sua cabeça careca, mas retirou a mão.

– Não seja cruel. Você já me amou – ela disse quase gritando –, eu lhe peço de joelhos. Você está vendo, eu nunca supliquei a um homem, mas lhe suplico: me dê o menor, o menos valioso de todos os presentes que você recebeu. Deixe-me participar uma única vez de algo que foi dado de graça.

Durante algum tempo, só se pôde ouvir seus soluços convulsivos. Depois, ele disse tranquilo:

– Você já tomou muito, rainha, muito mais do que poderia receber agora. Mas não pode me tomar mais nada e eu não lhe posso dar mais nada, pois já dei tudo.

Ela se levantou e recuou.

– A quem?

O mendigo sorriu e seu rosto estragado pareceu quase jovem.

– Aos pobres. A quem mais poderia ser?

Ela se virou lentamente e sentou no chão, as costas contra o estrado. Ele a observou. Ela se encolheu como quem está com frio e, durante algum tempo, ficou balançando o tronco para frente e para trás.

– Os pobres – ela disse com voz amargurada –, sempre esses substitutos do amor ao próximo! Você pode me explicar uma coisa? Por que eles mereceram esse privilégio divino? Por que eles são favorecidos no céu e na terra? Como é fácil para vocês, para você, para Deus, para todos os seus semelhantes! Como se não houvesse miséria maior do que a pobreza! E o que é que eles vão comprar com isso, os seus pobres? Vão passar alguns dias de barriga cheia ou então vão se embriagar na taberna mais próxima e, que mais poderiam fazer, dissipar-se com minhas putas. E depois será como se eles nunca tivessem recebido coisa alguma. Será que você não sabe que a pobreza é incurável?

– Sim – respondeu ele –, como uma perna que falta.

Como ela nada replicasse, ele perguntou:

– E você, o que teria feito?

– Ah eu! – disse ela e sua voz soou irada. – Afinal, eu só sou uma rainha. Sabe o que eu teria feito? Teria carregado suas esmolas em meu corpo, teria me aquecido com elas, elas teriam iluminado minha escuridão.

– Pobre rainha! – disse ele.

Ela olhou para ele, mas seu rosto estava tão inexpressivo quanto sua máscara de aço. Ela se levantou.

– O frio não está em mim – gritou ela para a sala escura. – Sou uma estrela de lava ardente. Mas o universo à minha volta está vazio e frio. E tudo se torna cinza com meu abraço.

O eco arremessou-lhe de volta as palavras, repetindo-as cada vez mais longe. O mendigo esperou até que tudo ficasse em silêncio e depois disse em voz baixa:

– Fiquei com duas coisas. Você pode escolher uma delas.

Ela se aproximou hesitante. Novamente ele foi envolvido pelo cheiro de metal quente.

– Mostre – sussurrou ela.

– Aqui está, minha concha de esmolas de madeira – ele a retirou do paletó em frangalhos –, eu a tinha perdido havia muito tempo. Agora me trouxeram de volta.

Ele passou a concha para ela, com o braço esticado. A concha estava gasta pelo uso. Quase não apareciam as palavras marcadas em sua borda. A rainha decifrou: Paciência e Humildade.

Ela balançou a cabeça.

– Não é para mim. Pertence a você. E a outra?

O mendigo tornou a guardar cuidadosamente a concha e retirou do colarinho de sua camisa uma correntinha, na qual estava pendurado um medalhão dourado. Tinha a forma de uma pequena custódia em cujo centro havia uma conta de vidro irregular, como uma pérola. Uma gota de um líquido escuro tremia em seu interior.

– Não sei o que é – disse o mendigo –, mas talvez traga bênçãos.

Com um movimento brusco ela arrancou-lhe a correntinha do pescoço, depois ficou imóvel, os olhos fixos na pérola.

– Finalmente vem a resposta – sussurrou ela. Então, ela começou a gargalhar cada vez mais forte, até que, no fim de algum tempo, balançava-se como uma possessa, rindo e gritando estridentemente. As gargalhadas pararam subitamente; ela galgou o estrado.

O mendigo ficou olhando para ela.

– Por que a rainha está rindo?

– Rio por causa de uma piada de Deus. Ele é mesmo um piadista de primeira, você sabia? Essa pérola me foi presenteada um dia pelo diabo, quando eu ainda acreditava nele. Nessa época eu era uma criança. Tentei me livrar dela há muito tempo. Atirei-a num vulcão em erupção. Agora ela está voltando para mim... do mesmo jeito que sua concha de esmolas voltou para você.

– E o que é isso?

Ela se sentou em seu trono-máquina e se espreguiçou lascivamente.

– Não é bênção coisa nenhuma. meu pobre amigo. Bem, pelo menos não do jeito que você acha. Nesse envólucro de vidro está metida urna coisa que não pertence a esse mundo, e que por isso mesmo não pode ser destruída aqui. Basta essa única gotinha aqui dentro para exterminar com toda vida de face da terra. A criação é tão frágil que basta quebrar esta pérola.

Ela ficou bamboleando a correntinha com o medalhão à sua frente, enquanto contemplava-o com olhos ardentes.

– Isso retira a fertilidade da terra. Nenhum ventre parirá de novo e todas as sementes morrerão. E quando tudo tiver se tornado infértil, desaparecerá também o gênero humano. Talvez exista apenas um último ser humano, talvez ele fique bem velho, talvez seja ele inclusive que descubra o segredo da imortalidade terrena. Ele ficará sozinho e clamará pela morte, que não mais virá. E ele escreverá o último capítulo do livro da humanidade, que será assim: no final, o homem destruiu o céu e a terra. E a terra era deserta e vazia e havia

trevas sobre a terra. E o último homem gritará: que se faça a luz! Mas continuará escuro. Assim, da última tarde sem manhã surgirá a última noite.

Ela girou a correntinha com o medalhão entre os dedos. Ficou em silêncio durante algum tempo, depois disse:

– De qualquer modo, lhe agradeço pelo presente.

O mendigo caiu no chão e ficou parado como um morto. Ela o contemplou. A luz clara dos refletores brilhou em sua máscara de aço.

– Você fará? – perguntou ele batendo os dentes.

– Bem, como eu tenho isso – respondeu ela – acho que vou fazer mesmo.

– Quando?

– Quando chegar o momento.

– Posso lhe impedir de fazer isso?

Ela parou de brincar com a correntinha e ficou meditando durante algum tempo.

– Você me ama? – perguntou no fim.

– Eu não posso, ninguém pode lhe amar.

Ela acariciou ternamente o corpo de marfim.

– E Deus?

– Deus também não. Caso contrário, você não seria quem é.

A rainha soltou um riso de escárnio.

– Quer dizer então que ele é um amante assim tão ruim que desiste logo?

O mendigo tirou a coroa de papel da cabeça e amassou-a.

– Você está blasfemando.

– Olha, será que – respondeu ela – não seria deus quem está blasfemando contra mim?

O mendigo tentou se endireitar com muito esforço. Suas muletas escorregaram várias vezes e ele voltou a cair no chão. Quando finalmente se pôs de pé, ele disse:

– Não me dispensaria, rainha?

– Ainda não – respondeu ela suave. – Ainda quero saber uma coisa de você. Você foi o único que opôs resistência a mim, inclusive agora. Você não desapareceu, continuou realidade. Não se matou. Como pôde fazer isso?

Ele não tinha o que responder. Finalmente ele disse:

– Deus me ajudou.

– Sim, sim – disse ela com um pouco de impaciência –, sei que você é devoto. Sei que você sofre. E sei também que sou incapaz de sofrer. Foi isso que você quis dizer, não foi? Por causa disso é que vou lhe

confessar agora meu segredo... só para você. A partir de agora você terá de carregá-la consigo por aí. E dessa maneira eu me livro dele. Está tremendo?

– Você é horrível, rainha.

– Não mais horrível do que o seu Deus – respondeu ela.

– Mas vou dispensá-los agora, a você e a ele, com quem você se confunde tão teimosamente. Vou dispensar de minha cama essa cidade e esse reino, tão ligados. Vou para um outro parceiro de coito, um mais experiente, um que satisfaça minhas exigências. Vou abraçar o nada e carregá-lo em meu colo e ele não vai me desapontar por ser infinito. Vocês podem me esquecer porque eu esquecerei vocês. Ouça, eu sonhei na noite passada com ele. Sim, sonhei que Deus e o diabo brigavam por minha causa. Foi uma cena digna de se ver, pode acreditar em mim. Eles brigaram a noite inteira, enquanto eu fiquei assistindo do meu camarote. Eu estava muito interessada em saber quem venceria. Quem você acha que predominou quando finalmente amanheceu? Fica calado? Você está mais sábio ainda, meu pobre amigo. Vou dizer. Foi Deus naturalmente.

O mendigo balançou a cabeça. A rainha também.

– Deus foi o vencedor. Era de se prever, não é mesmo? – ela fez uma pausa. Em seguida, concluiu: – Só que eu não sabia mais quem era Deus no início. Um era apenas o reflexo do espelho do outro. Mas esqueci quem.

Como o mendigo não respondesse nada, ela disse:

– Agora você pode ir.

Quando ficou sozinha, permaneceu sentada imóvel durante um longo tempo e só levantou a vista quando o homenzinho cinzento e curvado apareceu na frente dela e tossiu.

– Apague a luz – ela ordenou. – Todas!

E depois de um certo tempo de meditação, acrescentou:

– E para sempre.

– O que você vai fazer? – perguntou ele com vez roufenha.

Ela replicou:

– Esperar.

O velho cinzento ficou parado olhando para ela.

– O quê?

Ela não respondeu mais. Então ele foi embora.

Um após outro foram-se apagando os candelabros do palácio-bordel, até o último, e com ele toda a cidade das putas desapareceu nas trevas.

O HOMEM QUE FAZIA A VOLTA AO MUNDO DECIDIU TERMINAR SUA EXCURSÃO PELAS VIELAS DESSA CIDADE PORTUÁRIA. E assim, ele terminava também sua viagem através dos becos sujos e palácios de todas as outras cidades, através de aldeias, acampamentos e ermidas, através de todos os desertos e selvas da terra. Ele se sentou nos sujos degraus de pedra que levavam à porta de uma casa alta e estreita – pelo que indicava a lanterna em cima da porta, era evidente que se tratava de um bordel chinês –

cruzou as mãos sobre o punho de sua bengala, repousou o queixo em cima delas e, sem nada enxergar, fixou o olhar nos automóveis e bondes que passavam. De um segundo para o outro desapareceu toda sua curiosidade, toda a vontade de continuar sua grande viagem. Ele não se fez a menor promessa a esse respeito.

Ele havia visto todas as fadas e segredos do mundo. Ele conhecia as colunas de adulária, suspensas, no templo de Tiamat, e as torres de vidro de Manhattam; ele bebera no gêiser de sangue da ilha de Hod e conversara sobre a essência do destino com o senhor cego na biblioteca de Buenos Aires; usara em seu dedo o anel da rainha Mrabatan, o qual conferia o poder sobre a memória da humanidade – ao qual nenhum estranho tivera acesso antes –, perambulara sobre as ruas em chamas da cidade de Eldis; fora carregado em liteira de aço através das casas de máquinas de Detroit, e conseguira pernoitar nos labirintos da grande cloaca de Roma, sem perder a razão sobre o fenômeno do passado e do futuro, que ali jogavam todas as noites suas sombras espectrais. Ele havia visto coisas incontáveis, mas todos esses segredos não lhe importavam. Seu próprio segredo não estava no meio deles. E como não encontrara o seu, os outros continuaram mudos.

Se não tivesse começado nunca essa viagem, pelo menos lhe restaria o sonho de que em algum lugar do mundo haveria o sinal válido para ele, que falaria com ele em um idioma que só ele entenderia, que seria a chave do mistério da sua própria existência. Mas, agora, ele era obrigado a confessar que tal coisa não existia. Se a verdade correspondia ao fato de que esta Terra refletia apenas as infinitas formas e forças do universo, qual esfera de prata vazia, então era um erro acreditar que o lar do ser humano fosse o universo, que afinal não existia, e que ligava seu ser com ele. Mas, se desde o princípio ele sempre fora um estranho nele, então o universo era pequeno demais... demasiado pequeno!

O viajante estremeceu um pouco e olhou para trás porque uma moça asiática de pele escura, de roupa azul-acinzentada sem adornos, lhe perguntou em voz baixa e humilde se lhe era permitido oferecer ao augusto senhor os parques serviços de sua indigna pessoa. Nisso, ela apontou convidativa para um pequeno e baixo veículo que ela empurrara através da porta da casa até perto da borda superior dos degraus de pedra. O viajante estava um pouco embaraçado e também irritado com o susto que a moça lhe dera. Por isso, explicou de modo rude que não era sua intenção visitar um lupanar.

A moça, muito pequena e de uma fragilidade infantil, encarou-o com olhos de lua nova, parecendo entretanto não entender. Ela se inclinou e assim ficou, enquanto com gestos tímidos continuava a convidá-lo para o cômodo e belo assento de seu carrinho. O viajante, que já estava sentindo por ter magoado a moça, tomou assento no carro e, suspirando, se deixou levar para o interior da casa.

Primeiro eles se moveram através de um comprido átrio, cujas paredes, chão e teto eram recobertos por pedras polidas, sarapintadas de diferentes cores. Os pedaços utilizados pareciam ter sido cuidadosamente escolhidas segundo uma característica comum, pois por toda parte os belos filamentos convidavam o poder de imaginação do observador a contemplar nas formas casuais rostos e silhuetas, plantas ornamentais, deuses e demônios, animais sobre ondas, dançarinas ardentes, insetos a cavalo em longas procissões, longas paisagens de corpos, mares bravios cheios de barcos e monstros, palácios de cristais de gelo e cidades em ruínas cobertas por musgos gigantescos. Mas a atenção do viajante continuava paralisada por uma profunda repugnância. Ele ainda não via nada.

Entretanto, nas salas seguintes, pouco a pouco foi despertando seus cerrados sentidos e, hesitante e incrédulo, ele começou a decifrar o alfabeto de signos, que ele mesmo criou e, contudo, ainda não tinha criado. As formas até aqui bidimensionais iam assumindo cada vez mais uma feição espaço-plástica. Ao redor havia bizarras formações de rochas, estalactites e estalagmites, cubos, troncos de árvores, regatos de lava e pedaços de metal fundido, os quais formaram as forças casuais da natureza, de uma maneira sempre completa, transformando-as naquelas configurações as mais surpreendentes e, ao mesmo tempo, as mais convincentes. Era difícil acreditar que todas aquelas coisas tivessem surgido apenas através do jogo arbitrário do acaso. Todavia não existia nenhuma outra força que não aquela que atuava no observador, a qual criava a partir de formas comuns as espantosas obras de arte. Cada vez mais se foi confundindo no viajante as fronteiras entre o seu interior e o exterior, entre aquilo que ele apreendia e o que de fato estava diante de seus olhos, até que finalmente ele não pôde diferenciar um do outro, sentindo seu próprio espírito como um exterior e os objetos como seu interior. De repente, foi como se ele estivesse vendo a si mesmo, sua própria forma, acocorada ali

naquele carrinho, de fora e de dentro ao mesmo tempo, como se ela não fosse outra coisa que uma forma surgida ao acaso, na qual seu gênio criador visse um ser. No entanto, era justamente através disso que esse ser tornava-se realidade. Ele se assustou com isso, mas foi um susto divertido.

A partir desse momento, como finalmente ele começara a ver, ele não poderia dizer mais se aquilo que estava vendo dependia de fato daquilo que tinha a sua frente. Parecia-lhe muito mais que, de sala para sala, os objetos iam ficando cada vez mais simples e comuns. Mas, como a força secreta pousara suas asas sobre ele, ele se erguia cada vez mais alto e transformava a visão de todas as coisas. De uma folha enrugada, de um ovo branco, da pena de um pássaro chegavam-lhe mundos e mundos. E ele era profundamente íntimo de todos eles, era seu criador e sua criatura ao mesmo tempo. Ele compreendeu então que, agora que desistia do que até aquele momento ele chamava de realidade, é que começava a se aproximar da realidade.

Quando sua muda acompanhante levou-o até uma parede de um lápis-lazúli escuro, quase negro, surgiu-lhe a seguinte visão: em numerosos setores de diferentes tamanhos dessa parede, ele contemplou espacialmente múltiplas e diferentes paisagens em miniatura, de uma graça e elegância indescritíveis. Lá havia montanhas, mares e quedas d'água, assim como saltos azuis, cujas quedas e espumas ele viu em movimento. As minúsculas cascatas caíam e corriam sobre escolhos também em escala: isto é, bem devagar. A iluminação dos cenários também parecia mudar. Luar que era escurecido por nuvens que passavam, para logo depois iluminar de novo; o alvorecer e a tardinha violeta. E os lugares em que a luz do sol batia sobre o vapor da água pulverizada, surgiam arcos-íris. E finalmente o viajante tomou consciência que chegava a ouvir o rumorejar argênteo e o bramido das quedas d'água, embora de uma maneira bem delicada e distante. Quanto mais intimamente ele escutava esses sons, mais claramente percebia uma espécie de música doce e vítrea.

– Que é isso? – perguntou, assustando-se de novo um pouco, dessa vez com a própria voz, que lhe soou alta e áspera.

A moça sorriu o replicou suave:

– O que o augusto senhor está percebendo são os delicados germes da sua própria existência futura.

O viajante não entendeu essa resposta, entretanto não sentiu nenhuma necessidade de continuar perguntando, senão que abandonou-se de novo aos sons que flutuavam. Nisso, seu coração se encheu (de uma maneira completamente nova para ele) de uma ternura quase dolorosa, sim, de volúpia.

– Quer dizer – sussurrou ele – que só eu posso ouvir essa música?

– Fora o senhor e eu, nenhum outro mortal – respondeu a moça, os lábios grudados no ouvido dele.

Ele a encarou.

– Como assim, você também?

– Eu – disse a moça em voz tão baixa, que mal se podia ouvir, e baixando os olhos – sou ninguém.

Bem mais tarde, eles pararam diante de uma parede amarela, quase branca, na qual se encontravam quatro discos redondos. Três deles enfileirados lado a lado. O quarto um pouco mais em cima.

O primeiro desses discos dava a impressão ao observador de ele estar olhando verticalmente de cima para uma superfície de água em movimento. Por ela passavam ininterruptamente cristas de ondas prateadas, qual linhas brancas e irregulares. Estas eram cruzadas obliquamente por um enguia negra, que parecia mover-se para a frente com movimentos de cobra, mas que no entanto, continuava sempre no meio do quadro. Estupefato, o viajante ficou observando aquela cena que estava sempre mudando, mas que continuava a mesma. Finalmente, ele quis se voltar para o disco seguinte e, nesse momento, soou do primeiro uma voz sussurrante, não muito humana, senão que como se estivesse formando do barulho das ondas palavras que pareciam dizer:

– Sou criado pelo mar.

Essa comunicação inesperada fez com que o viajante voltasse a se assustar. Ele sentiu que havia compreendido algo em seu íntimo, mas não conseguiu trazer essa compreensão ao nível da consciência. Virou-se com rosto interrogador para sua acompanhante, mas a única coisa que ela fez foi baixar a cabeça sorrindo. Ele sentiu que não receberia nenhuma resposta a uma pergunta direta, por isso se calou também, e voltou sua atenção para o segundo disco, que pendia do lado direito do primeiro.

Primeiramente, ele reconheceu algo como um erodido cume de montanha, que se perdia para baixo, numa neblina cada vez mais espessa. Somente após uma longa observação, foi que ele descobriu que a montanha era uma cabeça humana virada em sua direção, mas com o rosto um pouco inclinado. A parte superior da cabeça era estranhamente alta e dela caíam longos cabelos brancos como neve para os dois lados. No entanto, o rosto parecia ser de uma criança, não se podendo diferenciar se de rapaz ou moça. A calma emitida por esse rosto era tão profunda, que o observador não queria interromper a visão nem com um piscar de olhos. E assim ele permaneceu imóvel, até que finalmente percebeu as palavras saídas sem voz:

– Eu sou a criança-anciã.

Dessa vez, à direita dele e na mesma altura, estava pendurado o terceiro disco. Quando o viajante se virou para ele, teve a impressão de estar olhando através de uma parede de vidro vertical para uma paisagem subaquática de uma coloração dourada escura, com plantas flutuando de um lado para o outro. Ele viu em primeiro plano a cabeça de um castor, soltando bolhas de ar de suas narinas, enquanto avançava da parte esquerda inferior para a direita superior e depois voltava de novo, como que se estivesse prestes a emergir. Depois que o viajante observou essa cena durante um longo tempo, ele percebeu as seguintes palavras que saíam da penumbra dourada:

– Eu criei o mar.

Durante todo o tempo infinito, como parecia, em que ele passara naquela imensa casa, ocorreu uma transformação no viajante, que só agora ele começou a perceber. O que ele experimentara várias vezes e que voltava a vivenciar também diante desses discos-quadros como uma espécie de delicado susto, tornara-se nesse meio tempo um estado constante, um leve êxtase. Era uma sensação nova e inabitual. No entanto ele não tinha nenhuma dúvida em se entregar a ela sem reservas, pois para ele era como se fosse receber em si algo de uma maneira delicada e na mesma proporção.

O quarto disco também pendia à direita, no entanto cerca de um diâmetro completo acima do outro. A borda desse disco tampouco era redonda, mas sim ondulada irregularmente, evidentemente que da mesma maneira desordenada de uma pedra polida. Nada havia para se ver em sua superfície: ela estava vazia.

No entanto, o viajante contemplou com a mesma atenção que ele prestara às três anteriores, mas a única coisa que ele descobriu depois de algum tempo foi uma alteração em repouso quase indescritível, algo como se fosse uma fumaça subindo e caindo em si mesma. Ao mesmo tempo ele foi acometido de uma certa angústia, pois sentiu que aquela força recentemente despertada nele era sugada pelo vazio desse quadro, que ela era como que girada em um abismo sem fundo, sem realizar coisa alguma. Contudo, ele ficou parado e esperou pacientemente que aquele disco falasse com ele também. Em vão. Finalmente ele agarrou a mão da moça como que querendo amparar-se e sussurrou:

– Por que está calado?

– Ele já falou – respondeu ela.

– Porque eu não escutei?

– O senhor escutou muito bem. Mas só encontrará o dito em sua recordação.

– Mas eu gostaria de ouvir agora mesmo!

– Senhor – disse a moça em voz bem baixa –, como poderia tal acontecer enquanto o senhor deseja? Não desejar não faz diferença. Não fazer diferença significa olhar para o invisível e ouvir o que não foi dito. Portanto, por que o senhor quer me fazer infeliz?

Então, o viajante envergonhou-se, sem saber direito de quê.

– Você sabe muito – disse ele. – Como?

A moça sorriu.

– Por que sou tida vergonhosamente como indigna proprietária dessa coleção de coisas não possuíveis.

O viajante calou-se e observou sua acompanhante de lado, durante um longo tempo. Ela o deixou fazer ou não percebeu a coisa, pois mantinha os olhos baixos. Ele admirou a linha estranhamente distinta da sua testa, seu nariz, seus lábios. Somente então se deu conta da rara beleza das feições da moça. Depois de algum tempo ela colocou a manga da camisa na frente do rosto e pediu permissão para lhe mostrar seus próprios tesouros, pois tudo mostrado até ali não era digno da atenção do senhor. Nisso, o viajante se levantou no pequeno carrinho, fez uma vênia, embora um pouco acanhada, do mesmo jeito que ela fizera até esse momento, e respondeu que se não fosse incômodo demais para a boa dama mostrar-lhe os signos e milagres a ele, o bárbaro inculto, então ele aceitaria essa oferta com honra e gratidão, só que ele insistia para que ela não mais o carregasse, mas sim que, como sabia que era hóspede de uma senhora educada, consideraria como a mais elevada e imerecida atenção ter permissão para andar atrás ou mesmo do lado dela.

A moça recusou fazendo uma vênia, o viajante insistiu inclinando-se e, finalmente, acabou prevalecendo. O carrinho ficou parado, a moça tocou delicadamente, com a ponta dos dedos, a mão do hóspede bem mais alto e, assim, eles caminharam lado a lado e calados em direção às salas interiores, onde se encontravam continentes virgens e oceanos cobertos com a penumbra da manhã.

NESSE FIM DE TARDE, O VELHO MARINHEIRO NÃO ESTAVA PODENDO MAIS SUPORTAR O VENTO ININTERRUPTO. Seus olhos estavam meio cegos pelo sal, e o brilho inaudito do horizonte ficava cada vez mais longe. Mas nada tinha qualquer importância, pois a terra nunca aparecia. Foi o vento incessante que fez com que ele amadurecesse a decisão de deixar a gávea.

Ele enterrou cuidadosamente o binóculo de latão pesado entre o peito e a jaqueta e começou a descer o mastro infinito. De vez em quando, ele parava para poder respirar e esfregar os dedos dormentes. Ao fazê-lo, ele olhava para as profundezas a fim de ver se o convés já estava aparecendo. Contudo, as velas gigantescas atrapalhavam a visão. Ele não conseguia perceber embaixo, em cima ou em qualquer outro lugar nada a não ser aquele tecido branco e estufado, ostentando no meio amarras, cabos, baraços, cordões e fios, ou também sutilezas nas quais o vento soprava. O marinheiro não se recordava de ter visto tamanha confusão de cordames, nem mesmo quando subira. Em compensação, tomou consciência de que não se recordava de nenhuma subida, mas sim do longo e solitário tempo no mirante.

De mais a mais, já estava começando a escurecer rapidamente. Isso tornaria a descida mais difícil ainda. Pela altura em que ainda se encontrava, ele só chegaria ao convés tarde da noite. Provavelmente, ali ele só teria mais uma guarda. O comandante, a quem ele pensava apresentar sua queixa, já deveria estar dormindo nessa hora, de pé, recostado na porta de sua cabine, como se comentava à boca pequena, já que sofria de problemas cardíacos. As pessoas não podiam acordá-lo nesses momentos.

O velho marinheiro começou a pensar seriamente se não seria aconselhável adiar para o dia seguinte a visita ao comandante, sendo neste caso melhor voltar a subir para a gávea – a qual estava situada lá no alto, a uma distância considerável – quando um encontro inesperado interrompeu em definitivo suas lentas reflexões.

Na verga do mastro maior, dançando, hesitando e vindo verticalmente na direção do marinheiro, aproximava-se um equilibrista vestido com uma malha bem apertada e multicolorida. Na cabeça, uma peruca vermelha com três grotescos topetes, e nas mãos uma longa e pesada vara de equilíbrio. Nas extremidades dessa vara, pendiam dois enormes cestos como se fossem dois pratos, nos quais havia uma enorme asa de

pássaro e uma de anjo. A propósito, o equilibrista parecia tão surpreendido com esse encontro quanto o velho marinheiro.

Ficou então confirmado que o caminho de ambos se cruzaria no mesmo momento e lugar em que a verga cruzasse o mastro, e que nenhum dos dois poderia passar pelo outro. Um deles precisaria recuar dando preferência ao outro, mas nenhum dos dois fez qualquer menção nesse sentido.

– De onde você vem? – perguntou o marinheiro.

O equilibrista ficou olhando pensativamente para ele durante algum tempo, depois respondeu:

– Caí do céu. Entenda caro senhor: eu também não sou um mestre.

– E aonde pretende ir? – perguntou o marinheiro.

– Lá do outro lado – replicou o equilibrista apontando com um movimento de cabeça para a outra ponta da verga. – E será que se pode saber de onde vem o senhor?

O marinheiro apontou com o polegar para cima sem nada dizer.

– Ah! – gritou o equilibrista – quer dizer então que está querendo ir lá para baixo!

– Sim – disse o marinheiro que, de repente, resolveu prosseguir –, saia do meu caminho!

– Seria mais sensato – opinou o equilibrista – se o senhor me desse passagem, caro senhor. Como pode ver, não posso mais recuar.

De fato, ele conseguira de alguma maneira levar a vara de equilíbrio para o outro lado do mastro e, nesse momento, estava agarrado a ela com os dois braços.

O velho marinheiro, que estava situado um pouco mais em cima, fincou o pé no peito do equilibrista e empurrou com todas as forças. Em vão! O equilibrista deu uma gargalhada.

– Não, por favor, não! – gritou ele. – Deixe de besteira, caro senhor. O que está querendo?

– Um de nós dois precisa ceder – disse o velho marinheiro furioso – e não serei eu.

– Eu também não – replicou o equilibrista com um sorriso delicado. – Que fazemos então?

– Lutamos! – disse o velho marinheiro.

Assim, os dois se agarraram e começaram a brigar. No entanto, logo os dois estavam abraçados com tamanha força férrea, que nenhum deles podia fazer o menor dos movimentos. Depois de esperarem algum tempo enrolados dessa maneira, imóveis, o equilibrista começou a sussurrar com os lábios grudados ao ouvido do marinheiro. Este respondeu e assim eles ficaram trocando sussurros:

– Quer quebrar minha espinha, caro amigo?

– Eu bem que gostaria, mas você parece uma cobra.

– Está desapontado? Você procurou uma outra cruz.

– Todas as noites eu a procurei no céu. Em cento e quarenta e quatro viagens em volta do mundo. Mas eu nunca a vi.

– Não seria porque seus olhos não eram bons o bastante?

– Conheço todas as estrelas, as maiores e as menores. Mas não o cruzeiro. É por isso que quero quebrar sua espinha.

– Por que se atormenta comigo? À toa. Na verdade estava muito duro para você... lá em cima, sozinho na gávea, Você queria encontrar um semelhante no céu.

– E você, que é tão sabichão assim, o que você procura?

– Eu procuro o equilíbrio.

– Quer dizer que você o perdeu? Você já teve?

– É minha profissão viver perdendo o equilíbrio, para logo em seguida recuperá-lo. As pessoas chamam isso de equilibrismo. Seria meu fim ter esse equilíbrio.

– Então por que ainda estamos brigando?

Os dois libertaram-se ao mesmo tempo e se encararam. Verificou-se nesse momento que o marinheiro havia tomado a vara de equilíbrio do outro durante a briga, enquanto o equilibrista ficara com o binóculo de latão pesado.

– Passe bem, irmão! – Disse o equilibrista sorrindo e começou a escalar o mastro.

– Ei, como você se chama? – Gritou-lhe o outro. Mas o equilibrista já estava longe. Então, o velho marinheiro, com a pesada vara de equilíbrio na mão, hesitante e ainda sem muito jeito, pegou o caminho horizontal sobre a enorme verga, onde logo desapareceu ente gigantescas velas brancas.

SOB UM CÉU NEGRO ESTA SITUADA UMA TERRA INABITÁVEL. Um deserto ilimitado de crateras de bombas, bosques petrificados, leitos ressecados e infinitos cemitérios de automóveis.

No meio desse deserto situa-se uma cidade sem pessoas. Uma cidade cheia de sombras e janelas negras, o esqueleto de uma cidade.

No centro dessa cidade existe um parque de diversões. Ali reina o mais completo silêncio. As gôndolas enferrujadas da roda-gigante oscilam ao vento frio e os cavalinhos do carrossel estão encanecidos pela poeira.

Nada se ouve além do bater monocórdico de um gigantesco gotejamento de água contínuo e contínuo, poderoso e persistente.

Ou será o batimento de um coração? Mas, se for um coração batendo, de quem é esse coração, então? De um ser humano? De um animal? De um anjo, talvez?

No meio do parque de diversões morto, encontra-se uma criança. Ela está diante de um quiosque colorido com incontáveis figuras, que prometem gargalhadas, comoção e prodígios. Depois de algum tempo, como ninguém a impede, ela atreve-se a penetrar no interior da barraca. Ali ela encontra alguns bancos de madeira lisos, diante de uma cortina fechada, cheia de vários remendos, e que é movida de leve na semipenumbra pela corrente de ar. De repente, a luz da ribalta brilha magicamente nas dobras. A criança senta-se atrás, no último banco, e espera.

Depois de algum tempo, ouve-se uma voz. Ela vem, pelo que parece, de trás da cortina, e soa um pouco rouca, como se não falasse há muito tempo, ou como se estivesse falando pela primeira vez.

– Senhoras e senhores – diz ela – nossa apresentação vai começar logo a seguir, mas precisamos pedir-lhes ainda um pouco de paciência. Nosso teatro não é como outros teatros, ele não é movido por máquinas como um navio a vapor, ele mais se assemelha a uma nau de três mastros, que depende do baixa-mar e da

maré cheia, do vento e das correntes marinhas. E, senhoras e senhores, devemos admitir: em comparação com a consequência brutal e estúpida de um navio a vapor, uma nau de três mastros é bela e sensível, mesmo que um pouco antiquada como tudo que é nobre. O que vamos lhes mostrar, senhoras e senhores, não os tornará mais inteligentes ou virtuosos, pois nosso teatro não é nem escola nem igreja. A infelicidade do mundo não será diminuída com nossa apresentação... aliás, também não será multiplicada: ela sempre foi muita. Não temos intenção alguma de enganá-los. Não argumentamos. Não queremos provar nada, nem acusar nada, nada apresentar. Sim, nem ao menos queremos lhes convencer da realidade da nossa apresentação, caso os senhores prefiram interpretá-la como fantasia. Poderia parecer, senhoras e senhores, que nós não necessitamos de vocês, no entanto não é bem assim.

Houve uma pausa durante a qual se ouviu sussurros agitados atrás da cortina. A criança do último banco pousara o queixo na mão e esperava.

– Portanto, cá estamos nós – prosseguiu a voz, agora num tom mais alto. – Os senhores aí embaixo e nós aqui em cima. E os senhores com todo direito daqueles que pagaram a entrada, começam a pensar pouco a pouco por que e para quê? Senhoras e senhores, querem saber por que ainda não podemos começar nossa apresentação? Pois posso lhes fazer a agradável comunicação: ninguém tem culpa. A dificuldade nessas condições é a corporificação.

Nosso mágico já está trabalhando há horas com o rosto encharcado de suor e com as mais fortes fórmulas de exorcismo desde Agripa a Einstein, para condensar à visibilidade a forma atrás dessa cortina. No entanto, até agora, ela só tem duas dimensões e corre o perigo constante de desintegrar-se em um montinho de letras. Talvez isso esteja acontecendo pela necessidade que se tem de usar muitos recursos para fazer desaparecer o que restou da apresentação anterior, e que está agora trancado no palco. Precisamos de sua cooperação, senhoras e senhores. Se os senhores tiverem a bondade de nos ajudar, em nome da direção seremos eternamente gratos. Prestem atenção! Sua tarefa consiste em pensar com todas as suas forças em um equilibrista. Os senhores o estão vendo? Lá em cima, entre dois mastros, cintilante e com os pés delicados, nada tendo debaixo de si além de um pedacinho de corda trêmula e o abismo. Não, senhoras e senhores, nenhuma rede! A obrigação de um verdadeiro equilibrista é a de pôr em risco cabeça e pescoço. – É claro que queremos dizer: pôr em risco sua própria cabeça e seu próprio pescoço pois, afinal de contas, um equilibrista não é nenhum general.

Mas para quê?

Ele irá de uma ponta da corda esticada até a outra. Ele bem que poderia caminhar comodamente e sem qualquer perigo na superfície do chão: isso o levaria ao mesmo objetivo... mas não, ele deve escolher incondicionalmente o caminho sobre a corda. Por quê? Naturalmente que não é pelo pagamento, que é pouco. Sua ousadia não é de utilidade para ninguém, sequer para ele mesmo. A admiração do público tem pouco peso em vista da ameaça de queda. Além disso, aqueles que são verdadeiros equilibristas cumprem com seu dever, mesmo quando não há ninguém assistindo. E será que importa para ele ir de um lado para o outro? Afinal os lados não são confundíveis? Portanto, pensem bem nisto: para que ele coloca em jogo sua existência por si mesma já discutível? E por que o faz repetidas vezes?

Nesse momento, a esfarrapada cortina de remendos coloridos começa a se abrir devagar, aos solavancos e com chiados. – Bravo! – grita a voz. – Não sabemos, senhoras e senhores, quem dentre todos vocês aí embaixo pensou na resposta certa, mas com ela conseguimos a corporificação. Allez-hopp! Et voilà! Cá está ele!

Na semipenumbra do palco, encontra-se uma pessoa que traz na cabeça um enorme e estranho chapéu. Ele aponta com a mão esquerda para cima e com a direita para baixo. E assim fica imóvel durante alguns segundos. Então, subitamente ele vem à rampa, tira o chapéu e inclina-se numa saudação quase até o chão, diante da criança no último banco.

– Obrigado – diz ele –, você fez a coisa muito bem.

– Quem é você? – pergunta a criança.

- O Pagad¹ – responde o homem, sentando-se na rampa e balançando as pernas.
- E o que você é? – pergunta a criança.
- Um mágico – responde o homem – e também um saltimbanco. Ambas as coisas.
- E como você se chama? – a criança quer saber. – Tenho um monte de nomes – responde o Pagad – mas no início eu me chamava Fim.
- Poxa, que nome mais gozado – diz a criança rindo.
- Sim – diz o Pagad – e como você se chama?
- Eu só me chamo criança – diz a criança encabulada.
- Bem, de qualquer modo muito obrigado – diz o homem de chapéu – por ter imaginado a mim. E assim eu posso imaginar você. E com isso a apresentação chega ao fim – ele pisca o olho.
- Já? – pergunta a criança. – E o que vamos fazer agora?
- Agora – responde o homem na rampa, cruzando as pernas – agora nós começamos alguma coisa.
- Posso ficar com você? – pergunta a criança.
- As pessoas vão procurar você – diz o Pagad com rosto sério.
- A criança balança a cabeça.
- Onde você mora? – o Pagad procura se informar.
- Não se pode mais morar em lugar nenhum – responde a criança. – Eu pelo menos não posso.
- Neste caso, eu também não – diz o Pagad pensativo. – Que fazemos então?
- Podemos ir embora juntos – a criança propõe – para procurar um novo mundo onde possamos viver.
- Boa idéia! – diz o Pagad, colocando na cabeça seu enorme e estranho chapéu. – E se não acharmos nenhum, fazemos uma mágica e criamos um.
- Você pode fazer isso? – pergunta a criança.
- Ainda não tentei – responde o Pagad – mas se você me ajudar... A propósito, acho que você devia ter um nome de verdade. Vou chamá-la de Michael.
- Obrigado – diz a criança sorrindo – agora estamos quites.

Então, eles saíram da barraca, abandonaram o parque de diversões e a cidade. Caminham sob o céu negro, entretidos numa conversa, indo em direção ao horizonte e ficando cada vez menores. Estão de mãos dadas e não se pode saber ao certo quem leva quem.

DUAS PESSOAS DESCEM A RUA DE MÃOS DADAS: UMA FIGURA GRANDE E ESCURA QUE LEVA UMA PEQUENA E CLARA. A grande é um djim com um longo hábito marrom escuro. Seu rosto cobreado, coberto de limalhas verdes, olha melancolicamente por trás do capuz, com a expressão de um macaco muito velho. Sua mão é negra e escamada. Os dedos em forma de garras estão deformados em todos

¹ Pagad: carta de trunfo no tarô. (N. do T.)

os lados, no entanto seguram cuidadosamente uma outra mão, uma mão pequena que é mole e branca, a mão de uma criança, de um rapaz de articulações delicadas, vestido com uma roupa branca de marinheiro, com calças que vão até os joelhos e botinhas pretas. O quepe redondo com as fitas está colocado na nuca, emoldurando o rosto da criança como a auréola de um santo.

A rua na qual os dois andam sem pressa estende-se direto e sempre em descida até o horizonte. Toda a superfície da terra está assentada obliquamente. A fileira de casas à esquerda e à direita desfraldam-se fachadas outrora luxuosas, ornamentadas com varandas e estátuas, já corroídas de há muito, decompostas pelo fungo dos muros e cobertas com manchas de bolor. Paira no ar vítreo um fedor de podridão, fezes e miasma. A única coisa que soa no silêncio é o eco aos passos da criança. O djim não faz ruído algum, ele desliza ao lado do garoto, qual coluna alta de insetos em turbilhão.

O garoto pára e diz:

– Vamos voltar! Não quero mais!

O djim balança a cabeça triste.

– Sim, isso aqui não é divertido. Mas ainda não chegamos ao seu divertimento. Você deve ir agora para a escola. E esta é sua primeira aula.

– Mas eu não estou gostando – grita a criança teimosamente. – Quero sair daqui!

Na balofa testa do djim incha uma veia.

– Nós vamos ficar! – diz ele com voz de bronze. Então, depois de algum tempo, ele acrescenta com voz mais suave: – Dessa vez não vai durar muito tempo.

Espantado, o garoto levanta as sobrancelhas, de tal modo que elas parecem um pássaro voando, e encara o rosto de seu gigantesco acompanhante.

– Você não vai me obedecer? – pergunta ele incrédulo. – Você sabe quem eu sou. Não tem nenhum medo de mim?

– Se eu tivesse medo, teria esperança – murmura o djim e, nesse momento, ouviu-se a fenda no metal da voz. – Não, eu não tenho nenhum medo de você, garoto. Ainda não tenho daquele que você é agora. E não mais daquele que você será. Que aliás me dará razão.

– Quando será isso? – a criança quer saber. – Quando eu for grande?

No rosto desconsolado de macaco brilhou algo parecido a um sorriso.

– Ainda falta um pouquinho para lá, garoto. Ainda muitas vidas e mortes. Até que você seja realmente grande. Ele seguiu adiante como uma lufada de fumaça e o garoto foi trotando a seu lado, imerso em pensamentos. Depois de um longo silêncio, a voz de criança perguntou:

– E você vai ficar sempre zangado, até lá?

O djim dobrou-se, seus contornos diluíram-se por alguns instantes, depois ele recuperou de novo sua forma e parou diante do garoto qual pedaço de impenetrável escuridão.

– Zangado? – perguntou ele com lábios pesados. – Zangado? O que é isso? Talvez um dia você me ensine isso. Mas, primeiro, você terá de acolher a coisa em você e transformá-la. Trata-se de um difícil e lento estudo, garoto, que você tem à sua frente. Olhe, não é nenhuma brincadeira de criança.

– Talvez para você – diz o garoto alegremente – mas para mim é fácil. Aliás, não é nada, é apenas um erro que deve ser melhorado. Tudo estaria em ordem se não fosse a zanga.

O djim ergueu lentamente seus ombros de nuvens, como quem precisa levantar um tremendo peso.

– Muitas coisas são necessárias! – foi o zumbido que saiu irado da nuvem de insetos. – Sabe-se lá quantas coisas!

– Portanto, está bem – disse o garoto transigindo –, Vamos em frente!

– Não – replica o djim –, nós já chegamos.

O garoto olhou curioso a sua volta.

– Estamos esperando por alguém?

– Sim – murmura o djim –, estamos esperando por alguém.

– Devemos ajudar alguém? – pergunta solicitamente o garoto, para logo depois corrigir: – eu devo ajudar alguém?

O djim contemplou-o sob pálpebras com o peso de séculos.

– A coisa não é tão fácil assim quanto você pensa.

– Não – diz a criança um pouco encabulada –, sei muito bem que não é fácil ajudar.

O djim balançou a cabeça, lentamente qual uma árvore ao vento.

– É você – sussurra a voz –, é você, garoto, que será ajudado.

O garoto ficou ruborizado.

– Olhe, não me sinto nem um pouco como quem está precisando de ajuda – diz ele apressado, encarando com orgulho o gigante.

O djim suspira como se estivesse exalando borbulhas de magma.

– Bem, garoto, agora você vê como ainda está entendendo muito pouco.

– Então, quem deve me ajudar? – o garoto quer saber. – E por quê?

– Todos – responde o djim –, todos aqueles a quem você ajudará mais tarde. Pois você agradecerá a todos eles por poder fazê-lo.

– A você também?

– Talvez sim, acho... a mim também.

O garoto empertigou-se.

– Não vou precisar ser grato a você. Não vou, está ouvindo?

Do interior da fumaça negra veio um riso, como se a madeira viva estivesse quebrando e gemendo.

– Você vai, garoto, você vai! Caso contrário, como eu poderia estar lhe conduzindo...?

Nesse momento, o garoto ficou seriamente impaciente.

– Então, quem mais estamos esperando? Você está achando que sou bobo? Você já está aqui. Quem mais devo esperar?

O djim acariciou cansadamente o rosto de cobre com as mãos de garras. Soou como se um vidro estivesse sendo pisado.

– Fique calmo, garoto, fique calmo! Eu não estou aqui. Ou você acha que eu poderia levar você pela mão, sem que seu cáldo coraçãozinho se petrificasse em gelo? Mas não fique fazendo perguntas constantemente. Preste só atenção em tudo que vai acontecer. Dessa vez você só terá essa obrigação.

E o djim puxou bem o capuz para o rosto e, nesse instante, ficou parecendo um pinheiro coberto de neve negra. De repente, ouve-se um latido, que morre lenta e dolorosamente como o de um enorme cão que se queixa da morte de seu dono.

O garoto observa e olha à sua volta à procura de algo. Parece-lhe que o latido veio de alguma das casas próximas, no entanto não constata de qual por causa de um eco que voa de um lado para o outro. Quando ele se vira de novo, contempla aos seus pés uma forma cinzenta e curvada, cuja chegada ele não notara. Aliviado, ele respira fundo, pois segundo tudo indica, trata-se apenas de um velho varredor de ruas, que está ali apoiado em sua vassoura, depois de ter participado da conversa dos dois visitantes. Quando o olhar do garoto encontra o seu, ele sorri, balança a cabeça e dá um tapinha na borda de seu quepe.

– Bom dia – diz com voz roufenha. E como o jovem não lhe respondeu, mas o encarou como se o examinasse, ele prosseguiu: – Não é verdade que é um bom dia, já que você veio? O garoto continua sem responder e vira o olhar para o djim. No entanto, este fica ali, gigantesco e levemente oscilante qual redemoinho na escuridão.

– Mas – faz-se perceber novamente a sussurrante voz do homenzinho cinzento – pelo que consigo recordar, isso aqui sempre foi uma manhã como esta. E agora também é a mesma manhã. Aqui só existe uma única hora, a hora do raiar do dia. Nunca meio-dia, nunca tarde, nunca noite. Essas horas do dia ainda não foram inventadas aqui. Isso acontece porque é a mais longa de todas as horas, um pedaço de eternidade – ele sorri um pouco, ou talvez tussa também. Examina o par desigual com olhos pequenos e milenares.

– Essa criança aí – ele pergunta de repente e de modo rude, ao djim –, por que você a trouxe para cá, à nossa rua das putas?

Mas o djim fica mudo, qual torre de tristeza pétrea.

– E o que você tem a ver com isso? – grita o garoto em tom altivo. – Por acaso você está achando que eu não sei o que é uma puta? Há muito tempo que sei o que é isso.

– Ah, é mesmo? – o varredor de ruas baixa a cabeça e apóia-se pesadamente na vassoura. – Nesse caso, vamos ouvir o que você tem a dizer.

– Puta é uma mulher – explica o garoto – que vende o amor em troca de dinheiro. E isso é uma coisa muito ruim.

O varredor de ruas inclina um pouco a cabeça.

– Ora, ora – em seguida ele prossegue com um risinho desolado: – mas talvez isso não seja tão ruim assim, meu garoto. Senão que, olha só, aqui não existe dinheiro algum... e nenhum amor. As consoladoras da nossa rua vendem uma coisa diferente e recebem em pagamento algo distinto, é só isso – e novamente ele tosse ou ri baixinho.

O garoto está admirado e se aproxima do varredor de ruas dois, três passos cautelosos.

– O que então?

O velho cinzento reflete durante algum tempo sobre como deve explicar a coisa para a criança. Finalmente, ele encontra a maneira e pergunta:

– Certamente que você conhece uma grande quantidade de contos de fadas, não, meu jovem?

– Conheço todos – diz o garoto orgulhoso –, todos os que existem. Tenho alguém que me conta e que sabe todas as histórias de fada do mundo.

– Mas isso é muito bom. E com certeza você sabe também que eles são verdadeiros.

– Sem dúvida.

O varredor de ruas torna a inclinar a cabeça.

– Exatamente. Eu não digo que eles não são verdadeiros. Quando a pessoa sabe contar direito, todos eles são verdadeiros. Mas sabe de uma coisa? São sempre histórias do vencedor e, de uma maneira ou de outra, eles acabam bem. Mas as histórias do perdedor também são verdadeiras, só que logo são esquecidas. Talvez porque os próprios perdedores as esquecem. É isso que acontece.

– Perdedor? – pergunta o garoto aproximando-se mais um pouco. – Nunca ouvi falar disso! Ele existe mesmo de verdade?

O velho estende a mão para acariciar a face do rapaz, mas este esquiva-se com um brusco movimento para trás. O varredor de ruas sorri pedindo desculpas.

– Mas apesar de tudo – diz ele com voz rouca – me parece que na verdade você só conhece uma única história, meu garoto, só a história do centésimo príncipe que pode solucionar o mistério, mas não a história dos noventa e nove que vêm antes dele, que sucumbem porque não têm sorte. E quase todas as histórias deles terminam aqui nessa rua.

O velho vira a cabeça e olha ao longe, o lugar para onde convergem as fileiras de casas.

– De qualquer modo, de todos aqueles que vêm para cá, nunca vi nenhum que tivesse alcançado o outro fim, pois a rua cresce sob os passos deles e fica cada vez mais longa por mais chão que tenham deixado para trás. Por causa disso, no fim todos ficam onde estão, nesta casa ou naquela outra, e instalam-se e vivem com as consoladoras... isso enquanto ainda vivem.

– Você também? – pergunta o garoto, chocado.

O varredor de ruas não dá resposta. Ele ri ou tosse durante um breve intervalo de tempo, como se algo estivesse se rasgando, e de depois de algum tempo:

– Mas na verdade essa rua é bem curta. Tem no máximo o comprimento de uma vida. Devo saber disso finalmente.

Nesse momento, o garoto sente como o peso de uma sombra a garra do djim em seu ombro. Ele quer virar-se para o outro, mas o djim segura sua cabeça e vira seu rosto na direção em que ambos vieram. Ali, ainda bem distante, surge uma forma. Como uma marionete conduzida por mãos inábeis, ela desce a rua cambaleando, cai de joelhos, recompõe-se e torna a andar cambaleando. Até aqui ela se apóia curvada para frente com a mão recostada na parede de uma casa e fica assim, como quem está recuperando o fôlego. Apesar de seu caminho ir para baixo, parece que cada passo lhe custa um enorme esforço.

– Ora, ora – sussurra a voz roufenha –, mais um!

E de repente a rua e as casas ficam movimentadas. As portas se abrem e, aqui e ali, também algumas das janelas. Por toda parte surgem mulheres que ou seguem o recém-chegado com a vista, ou o encaram detidamente. Todas elas se parecem tanto, que é como se fossem apenas uma mulher, cujo reflexo estivesse surgindo em uma infinita fileira de espelhos. Essa aqui, que é todas, veste uma roupa cinzenta, carcomida pelo bolor, bem apertada nos membros muito magros e deixa livre os minúsculos e flácidos seios de tetas longas e

animalescas. Um cabelo de um cinza descorado uma cabeça e ombros, qual fumaça, a boca se encontra no rosto branco como cal, qual enorme e negra ferida.

A forma cambaleante se aproximou e, nesse momento, fica comprovado que se trata de um homem com o traje disforme, cinza e reluzente de um astronauta. Só que, pelo visto, ele jogou fora o capacete, ou então o perdeu. Seus cabelos ralos e sem cor estão desalinhados em sua cabeça. Seus olhos sem pestanas estão avermelhados e seu rosto aparece como que inchado, num sorriso idiota.

Quando ele nota o grupo de três pessoas que espera no meio da rua, pára indeciso. Levanta a mão, depois cai no chão e fica deitado, com o rosto para baixo.

O garoto quer correr até ele, mas então sente, frias como a noite, as garras do djim que o seguram.

– Agora não! – sussurra a voz de árvore. – Fique calado e preste atenção!

Uma das mulheres vai até o homem caído, vira-o de costas e contempla seu rosto sujo de bosta da rua, o qual ainda ostenta o mesmo sorriso ilusório. Lentamente, sai de sua boca uma estreita língua negra, que lambe os lábios que parecem sangue corrido. O homem encara o rosto acima e, sem que o sorriso desapareça de seus lábios, surge aos poucos em seus olhos uma expressão de espanto.

– Quem é você? – pergunta ele.

A mulher sorri, seus olhos brilham com lascívia. Ela se agacha ao lado dele e pousa-lhe a cabeça em seu colo. Unhas de um cinza-negro deslizam delicada e cruelmente por entre seus cabelos. O homem geme.

– Você é muda? Que está fazendo aqui? Deixe-me!

– Sim – sussurra ela, continuando com o cafuné –, eu sou muda.

O homem deixa que a coisa aconteça, incapaz que está de se defender. Sua testa está coberta de suor.

– E eu – murmura ele – sou cego.

– Não parece.

– Não, assim não. Não os olhos.

– No meu caso, também não é a boca que é muda.

O homem se esforça por se endireitar.

– O que você está fazendo comigo? Solte-me! Quero seguir adiante – mas ela pressiona para baixo e ele cede já meio convencido.

– Você já chegou – ela lhe segreda no ouvido –, finalmente você chegou. Você pode observar que a dor está diminuindo.

O homem fecha os olhos e respira fundo e intermitentemente, o que soa como um soluço contido.

– Você está me enganando. Mas, para mim, já pouco importa no quê. Tudo é uma grande mentira.

– Todos que chegam aqui, dizem isso – sussurra a mulher. – É a primeira vez que você vem aqui, não? Mas você também é como todos. Você mesmo se enganou e é por isso que agora acha que eu também estou enganando. Mas vou lhe contar a verdade. Você acha que faz alguma diferença continuar se arrastando mais um dia, um mês, ou cem anos-luz? Nada mais vai mudar. Você não seguirá mais adiante, por mais que se arraste para frente. E para que você quer seguir adiante? Fique comigo, vou lhe fazer bem, você vai ver.

O astronauta a encara, sem enxergá-la.

– Eu não lhe conheço. Quem é você?

– Como você é como todos, eu sou como qualquer uma – responde ela e seu riso baixinho soa como um grito distante. – E é por isso que você vai deixar que eu lhe ajude.

Durante um longo tempo o homem ficou jogando a cabeça para a frente e para trás, como um doente com febre. Com os movimentos sábios dos dedos dela em seus cabelos, pouco a pouco ele foi ficando mais calmo. Seu rosto ainda inchado por aquele sorriso idiota, tornou-se quase tão branco quanto o dela. Se ele não continuasse respirando convulsivamente, podiam tomá-lo por morto.

O garoto tem calafrios.

– Que está fazendo ela? Será que ela vai ajudá-lo de verdade? – ele olha para o djim, mas o varredor responde no lugar deste:

– Sim, à maneira dela, garoto. Ela é uma consoladora. Preste atenção nos dedos dela. Ela está tirando-lhe a dor. Ele não vai sofrer mais e ela ficará saciada. Bem, de qualquer modo por pouco tempo. No fim ele não será ninguém.

O homem fica deitado bem quieto. Seus olhos procuram os da criança. Seus lábios sorridentes permanecem bem fechados, entretanto o garoto ouve a voz do homem:

– Eu procurei o paraíso.

Depois disso, seguiu-se um longo silêncio e o garoto nada mais ouve a não ser o palpitir de seu próprio coração. Finalmente, a puta sussurra:

– Naturalmente que você não o encontrou porque ele não existe. E agora você perdeu todas as esperanças, não foi isso?

O homem mantém-se firme olhando para a criança. Sua voz soa quase serena de tanta infelicidade.

– Se eu não o tivesse achado, jamais teria perdido a esperança.

As unhas negras cinzentas seguiam penteando e penteando seus cabelos.

– Vamos, fale. Conte-me tudo.

E o garoto, sempre encerrado no olhar do homem, como em uma armadilha, ouve a voz deste dizer:

– Eu teria continuado procurando até o fim de minha vida. E teria morrido feliz, sem jamais duvidar de que existe um lugar em alguma parte, onde tudo é belo e completo. E teria gosto em dizer que ninguém pode encontrá-lo.

A voz da consoladora é delicada como a mordida de uma sanguessuga.

– Por que então você o procurou?

O homem responde ao garoto como se tivesse sido ele quem perguntara:

– Foi a saudade que era tão grande que não me restou outra escolha a não ser fazer isso. Para mim não era importante chegar lá. Eu só queria lançar um único olhar na beleza completa. Para mim teria bastado para toda a eternidade a certeza de que ela existe.

– Mas então você encontrou mesmo o paraíso – segredou a puta, enquanto continuava a rebuscar seus cabelos. – Eles deixaram você entrar, não é verdade?

O homem se levantou tão repentinamente que a mulher grisalha recuou assustada, mas a voz dele continuou fria e indiferente:

– No meio do universo – disse ele em direção aos olhos arregalados da criança – existe uma cerca de peso impenetrável. Em cima da porta estão cinzeladas as seguintes palavras: O Jardim do éden. Toquei as barras da grade da porta fechada e elas se diluíram nas minhas mãos em ferrugem e bolor. Entrei pelo portão e vi à minha frente uma paisagem infinita de cinzas e escória e, no meio, uma gigantesca árvore petrificada que lançava seus galhos ao céu negro. Enquanto eu estava lá olhando, alguma coisa se mexeu ao meu lado e, de um buraco negro do chão, saiu um ser em forma de gigantesca aranha. Só pude reconhecer que o bicho estava horrivelmente ressecado e era espantosamente velho e arrastava asas atrás de si. E o ser veio chegando-se em ondas e gritando: regresse! Regresse, filho do homem! Enquanto arrancava suas penas e atirava na minha direção. Eu recuei e então ele começou a gritar e rir e gritar repetidas vezes: mão tem mais ninguém aqui com exceção de mim! Estou sozinho, sozinho, sozinho... Então eu fugi, não sei como, nem para onde, se foi uma hora ou milhares de anos.

O homem fica sentado imóvel, as pernas bem esticadas para a frente, ainda com o mesmo sorriso estúpido estampado no rosto, mas agora ele baixa o olhar, soltando a criança de sua mirada. E novamente seguiu-se um silêncio tão definitivo, como se todos os sons tivessem desaparecido do mundo. Mas depois, quando o homem diz que não pode mais respirar, a consoladora diz:

– Vem! Posso fazer com que você esqueça para sempre sua saudade. E então você vai parar de sofrer.

O homem se levanta, ela o toma pela mão e vai com ele em direção a uma porta. Nesse momento, o garoto sai das mãos do djim e coloca-se no caminho dos dois.

– Você não pode! – grita ele irado. – Você não deve esquecer sua saudade. Ela vai tirar tudo de você. Vai arrancar até mesmo você de você.

De repente, a criança sente a dura mão do homem em sua face e recua tonto. Ele o golpeara.

– Deixe estar – diz a mulher grisalha –, a criança não pode saber mais. Ainda não.

E ela puxa o homem atrás de si para dentro da casa.

– Ele não deve esquecer – balbucia a criança – senão o paraíso ficará mesmo perdido para sempre... – e nesse momento as lágrimas enchem seus olhos.

O varredor de ruas parece ter encontrado alguma coisa na pedra de cantaria. É um aro dourado, grande como uma coroa. Ele o ergue e, enquanto o gira entre os dedos, diz:

– Sim, garoto, é sua primeira aula. E todo mal começa com o esquecimento de uma saudade.

– Mas por que ele me bateu?

O velho não responde. Ele fica girando e girando o aro.

– Ei, varredor de ruas! – grita uma das outras mulheres grisalhas. – O que você tem aí?

– Parece ser uma coroa – murmura o velho. – Na certa algum pobre-diabo a perdeu ou jogou fora. Aqui tudo se torna irreconhecível.

A mulher estica a mão, mas sem se aproximar.

– Dê para mim! Dê para mim! – pede ela.

O velhinho balança a cabeça.

– Eu não posso. E você sabe muito bem disso.

– E você? O que você vai fazer com ela?

– Vou levá-la para minha mulher.

– Ah! Então até você tem uma mulher? Que coisa que você está dizendo! Ela é bonita?

As outras mulheres dão gargalhadas que soam como assovios de ratos. O velho grisalho não se deixa influenciar.

– Acho que com a coroa vai ficar – diz ele com voz roufenha.

– Você não tem medo nenhum? – pergunta uma outra consoladora. – Nossa rainha ordenou que todas as coisas perdidas fossem levadas até ela. Ela não deixa que as pessoas brinquem com ela, velho.

O varredor de ruas aperta os olhos e tosse, ou ri um pouco encabulado.

– Se você me prometer que não vai me trair, eu conto um segredo para você, minha bela.

– Está bem, eu prometo.

– Sua rainha – diz o varredor de ruas bem devagar – é a minha mulher.

De repente, a rua fica tão vazia de consoladoras quanto era no início. Todas as portas e janelas estão fechadas. O velho grisalho pendura a coroa em sua vassoura, a qual põe no ombro. Ele acena para o garoto, dá um tapinha na borda do quepe e o seu cinza desaparece no cinza das paredes das casas.

O garoto levanta um olhar inquisidor na direção do djim.

– Foi mesmo o paraíso de verdade que aquele homem encontrou?

– E eu lá sei – responde a voz de bronze – isso que você está me perguntando!

Da casa onde desapareceram o astronauta e a consoladora, soa o longo e áspero latido, perdendo-se desamparada e dolorosamente no ar vítreo. O garoto escuta com o rosto completamente pálido, apenas em sua face brilha ainda a impressão vermelha da mão.

A escamosa garra do djim agarra de novo cuidadosamente a mão da criança.

– Vem, garoto. Já acabou sua primeira aula.

Quando eles já haviam subido um bom pedaço de rua, a criança pára mais uma vez e olha para trás.

– É verdade o que disse o varredor de ruas? Que todo mal começa com o esquecimento de uma saudade?

– Começa antes – responde o djim –, começa sempre com uma esperança perdida. – E mais tarde, bem mais tarde, quando a criança já está pensando na brincadeira que irá brincar, murmura o djim, já há muito sozinho e encerrado em sua torre de gelo, quase que para si mesmo:

– Ninguém pode avaliar até que ponto pode ir com uma pessoa que perdeu a esperança.

CHOVIA INTERMINAVELMENTE NA SALA DE AULA. Fedia a pântano, pois as tábuas do assoalho se haviam decomposto em turfa devido à eterna umidade, as paredes estavam cheias de bolor e em

muitos lugares cresciam enormes teias de salitre nevado. Os vidros das três janelas altas e estreitas eram compostos de material fosco para que os alunos não tivessem sua atenção desviada pela possibilidade de olhar para fora.

A porta do corredor da escola havia sido pintada várias e várias vezes, e tinha a cor de um espinafre velho e choco. Podia-se ler ainda, no quadro-negro, do lado frontal do aposento, os restos de uma fórmula qualquer: *... é um ponto no vácuo... vai ao tempo t na velocidade da luz... $d... dt...$*

Na alta cátedra, negra como breu, diante da parede do quadro, jazia como que em câmara ardente o corpo inerte de um rapaz de provavelmente uns quatorze anos. Ele estava vestido com a malha justa de um equilibrista, coberta aqui e ali com remendos. A fita branca que trazia na cabeça mostrava na testa uma mancha vermelha redonda. Evidentemente que se tratava de um sinal, pois era bem regular, coisa que não poderia ter ocorrido com perda de sangue.

Nos bancos escolares estavam sentados apenas seis alunos – dois homens, duas mulheres e duas crianças – cada qual afastado do outro, cada um por si. Todos estavam debaixo de seus guarda-chuvas, escrevendo ou com olhar perdido à sua frente. Bem na frente estava sentado debaixo de um guarda-chuva negro um homem de idade indefinível, vestido de maneira correta. Seu rosto parecia pálido sob o chapéu preto e engomado e, com exceção dos olhos um pouco esbugalhados e aquosos, ele não apresentava traços característicos. À sua frente, no púlpito, havia uma pasta. Próximo da porta estava sentado um homem barbudo, de óculos, vestido com um guarda-pó branco. Ele segurava um guarda-chuva de material plástico transparente e, de tempos em tempos, voltava a olhar para seu relógio de pulso. No lado da janela, uma mulher muito gorda aboletara-se no banco pequeno demais para seu corpo, de tal modo que seus enormes seios estavam caídos sobre o púlpito. Seu guarda-chuva era florido. Algumas fileiras atrás dela, estava sentada uma jovem senhora de pernas longas, delgada, com um vestido de noiva, debaixo de um guarda-chuva branco com bordas rendadas. Bem atrás, na última fileira, estavam sentadas as duas crianças. Uma delas, uma menininha, tinha um guarda-chuva de papel oleoso. Seus cabelos eram longos e negro-azulados, e os olhos eram amendoados e escuros como a noite. O garoto, do outro lado, parecia bem desleixado. Ele era pequeno e tinha as faces estreitas e bem sujas. Suas roupas estavam rasgadas e seu nariz escorria a todo o momento, ele o enxugava na manga da camisa. Nas costas ele trazia asas muito grandes e brancas, que estavam úmidas de chuva, desgrenhadas e bem caídas. Seu guarda-chuva era composto apenas de uma armação vazia, na qual pendiam alguns farrapos de coloração azul clara.

Todos estavam calados, pois era terminantemente proibido bater papo. Somente a chuva caía ininterruptamente. Finalmente, o homem de guarda-pó branco, após mais uma olhada em seu relógio, inclinou-se na direção do sujeito vestido cor-retamente e perguntou aos sussurros:

– Desculpe-me, por favor, mas será que o senhor sabe quando é que chega o professor?

A pessoa a quem ele se dirigiu levou o dedo à boca. Depois balançou a cabeça e, após alguns instantes, segredou:

– Nunca se sabe quando ele vem ou se ele porventura vem. Mas a droga é que ninguém está aqui quando ele vem.

O homem de guarda-pó branco balançou a cabeça suspirando.

– Foi o que imaginei. Posso perguntar por que o senhor está aqui?

O outro fez-lhe um sinal e olhou à sua volta na sala. Mais uma vez ele deixou passar alguns minutos antes de responder:

– Quero completar meus conhecimentos de matemática. A propósito, sou funcionário público.

– Ah – Disse o homem barbudo de guarda-pó branco. Mas qualquer um notava que essa informação não o deixara satisfeito.

Ele ficou olhando para seu relógio durante um bom tempo. Em seguida, escreveu alguma coisa em um pedaço de papel e estendeu-o para seu companheiro de conversa.

Quer dizer que o senhor está aqui voluntariamente?, foi o que este leu. Ele virou o papel e escreveu nas costas: *Sua pergunta não vem ao caso. Estou cumprindo minha obrigação.*

Quando o homem de guarda-pó branco leu a mensagem, disse em voz semi-alta e com tom de voz rebelde.

– Aliás, eu não estou aqui de livre e espontânea vontade. Sou médico, mas me cassaram a licença por causa de uma estúpida ninharia. E agora eu preciso começar do começo. Acho isso terrível.

– Tudo começa de novo do princípio – respondeu friamente o homem vestido de maneira correta. – A vida é uma repetição. Com que direito o senhor quer ser a única exceção?

– Não conversem tão alto – gritou a noiva à meia voz para os dois. – Podem ouvir vocês, aí todos nós teríamos de ficar de castigo depois da aula.

– Se vocês me perguntarem – a gorda intrometeu-se na conversa – eu acho que a gente simplesmente devia ir para casa. Estou com fome.

O funcionário se virou na direção dela e a examinou com seu longo e vazio olhar.

– Não é possível – disse ele friamente –, a porta está fechada.

Seguiu-se novamente um longo silêncio. Somente a chuva caía continuamente.

– Eu gostaria de saber – murmurou para frente o garoto com as asas úmidas de chuva – que tipo de tempo está fazendo lá fora. Talvez já sejam férias lá fora.

A menininha com olhos amendoados sorriu para ele e sussurrou por trás das mãos levantadas:

– Lá fora é o paraíso, mas não podemos abrir as janelas.

– O que é lá fora?

– O pa-ra-í-so

– Não conheço. Que negócio é esse?

– Você não conhece?

– Não, nunca ouvi falar.

A menina deu uma gargalhada.

– Não acredito nisso. Então você não é nenhum anjo?

– Puxa, que coisa é essa? – perguntou o garoto.

A menina de olhos amendoados ficou olhando para frente durante algum tempo e depois sussurrou:

– Olha, na verdade eu também não sei o que é o paraíso.

– Então por que é que você fala nisso? – disse o garoto.

– Mas eu sei que ele está sempre ao lado – prosseguiu a menina. – Todo mundo sabe disso. Só existe uma parede no meio, muitas vezes de pedra, às vezes de vidro e também tem de papel-seda. Mas está sempre do lado.

– Então a gente não podia simplesmente quebrar o vidro? – propôs o garoto, corando com a própria audácia. – Isso é, se é que vale mesmo a pena.

A menina encarou-o com um ar triste e sussurrou:

– De nada adiantaria. Ele está sempre do lado, portanto nunca está onde nos encontramos. Se estivéssemos do outro lado, ele já não estaria mais lá. Mas agora ele está lá. Com toda certeza.

– Fiquem quietos! – gritou a noiva com voz reprimida. – Acho que alguém está vindo.

Todos ficaram escutando, mas só se podia ouvir a chuva.

O médico levantou-se e foi à cátedra, na qual jazia o rapaz com roupa de equilibrista como se estivesse em um catafalco. Ele precisou subir na cadeira atrás da cátedra para poder observá-lo.

– Não seria melhor se o senhor fizesse seu dever? – perguntou o funcionário público levantando a sobranalha. – Talvez este seja meu dever – respondeu nervoso o médico.

Durante algum tempo ele ficou examinando o rapaz, calado, experimentou-lhe o pulso, abriu cuidadosamente com o polegar e o indicador um dos olhos. Apalpou aqui e ali e finalmente balançou a cabeça desanimado. Desceu e foi se sentar em seu lugar.

A velha gorda, que prestara atenção nele com crescente curiosidade, gritou nesse momento tão alto, que todos estremeceram chocados:

– A doença! Diga pelo menos de que ele morreu!

– De chuva! – respondeu o médico de modo brusco.

– Talvez – sussurrou a menina de olhos amendoados para o rapaz com as asas encharcadas –, talvez o paraíso seja onde nunca chove.

– Ou pelo menos onde não chova sempre – disse o rapaz mais para si mesmo. – Onde só chova de vez em quando.

– Agora você se lembra? – segredou a menina.

Mas o garoto não respondeu, a única coisa que fez foi ficar olhando pensativamente para frente.

A menina se levantou e, com passos tímidos, caminhou até a cátedra. Ela escalou a cadeira. Dali, foi até o rapaz com roupa de equilibrista. Agachou-se ao seu lado, tomou-lhe a cabeça no colo e segurou o guarda-chuva de papel sobre ele. Todos ficaram olhando com admiração.

– Mas, e se o professor aparece... – gritou medrosa a noiva.

– Talvez ele seja o professor – disse o jovem com asas, levantando-se. Todos se viraram na direção dele.

– Podia ser – murmurou ele, ficando vermelho de novo. Ele foi até a frente com as asas arrastadas, galgou a cátedra com decisão e ficou segurando a armação de seu guarda-chuva em cima do corpo esticado do garoto.

– Besteira! – disse o funcionário com desdém.

– Não é coisa nenhuma! – respondeu teimosamente o jovem. – Ele já começa a respirar.

O médico se levantou, tornou a galgar a cadeira e colocou a mão no peito do rapaz, curvando-se sobre sua boca para escutar.

– Dois não bastam – gritou então – tragam mais guarda-chuvas!

Todos foram à frente e esticaram protetoramente os guarda-chuvas sobre o rapaz. A menina de olhos amendoados inclinara-se sobre sua cabeça e, com cuidado, retirou-lhe a fita com a mancha vermelha circular. Seus longos cabelos negros envolveram os dois rostos.

De repente, o garoto com roupa de equilibrista respirou fundo, tossiu algumas vezes e se sentou.

– Obrigado – disse ele olhando para os rostos que se aglomeravam à sua volta. – A coisa, dessa vez, foi longe. Que estão fazendo aqui?

– Estamos esperando o professor – respondeu a noiva.

– Por acaso não é você? – perguntou o rapaz de asas.

– Ora, escutem uma coisa – disse o rapaz –, será que eu pareço um professor?

– Nós não sabemos como é a aparência dele – explicou o médico.

– Por favor, não fale em nome de todos nós! – O funcionário público o pôs em seu devido lugar. – Estou aqui há muito mais tempo do que o senhor.

O rapaz com roupa de equilibrista soprou algumas gotas da ponta de seu nariz e sorriu.

– Bem, a verdade é que ele ainda não chegou aqui. Nós devíamos tentar sair daqui. Ou será que vocês estão gostando?

– Não se trata disso – replicou o funcionário –, também existe uma coisa chamada senso de responsabilidade. Ninguém tem o direito de fugir da realidade, muito menos quando esta é desagradável.

O rapaz com roupa de equilibrista ficou balançando as pernas na cátedra.

– Vocês já notaram – perguntou ele suavemente – que basta fechar os olhos por alguns minutos? Quando a pessoa os abre de novo, se encontra numa outra realidade. Tudo muda continuamente.

– Quando a gente fecha os olhos – disse o garoto com as asas encharcadas – a gente morre.

– Está bem – disse o rapaz de cima da cátedra – dá no mesmo. Nós também mudamos, já que não há nenhum inconveniente. Eu era um outro e, de repente, sou esse daqui.

A mulher gorda assentiu.

– Justamente, meu jovem. E que foi que você lucrou com isso?

– Nada – respondeu o rapaz –, por que é que a pessoa teria de lucrar alguma coisa?

– De qualquer modo – esclareceu o funcionário – eu vou continuar aqui e informarei ao professor tudo que aconteceu aqui, palavra por palavra.

– Como quiser – disse o rapaz saltando da cátedra –, eu só estou aqui de passagem.

– Mas não se pode sair daqui – disse a noiva. – A porta está fechada.

– Pode-se sair de qualquer lugar – replicou o rapaz –, quando se consegue mudar o sonho.

– Como é que isso funciona? – perguntou a menina de olhos amendoados. E o rapaz de asas acrescentou:

– O que significa mudar o sonho?

– Tudo isso é besteira! – gritou o funcionário.

– Mudar o sonho – disse o rapaz com roupa de equilibrista – significa inventar uma nova história e depois entrar dentro dela. Afinal de contas, o que é que vocês aprendem aqui nessa escola, se nem ao menos sabem disso?

– Onde foi que você aprendeu isso? – a mulher gorda quis saber.

– Com um mudador de sonhos que eu mesmo inventei – respondeu o rapaz.

– E você consegue mesmo mudar sonhos? – perguntou a menina ofegante. – E você pode ensinar isso para nós? – Claro! – replicou o rapaz. – Aliás, sozinho é a maneira mais difícil. De dois fica bem mais fácil. E quando muitas pessoas fazem a coisa juntas, então aí sempre se consegue. Todos os verdadeiros mudadores de sonho sabem disso.

– Então como é que a gente deve fazer para inventar uma nova história? – procurou se informar a noiva.

– A maneira mais fácil – explicou o rapaz – seria se todos nós representássemos uma peça de teatro.

– Ai, meu Deus do céu – lamentou-se a mulher gorda –, eu não consigo decorar muito texto.

– Para quem devemos representar? – perguntou o médico.

– Para nós mesmos. Nós somos platéia e atores ao mesmo tempo. E o que vamos representar é a realidade.

– Mas o que devemos representar? – quis saber o garoto com asas.

– A gente nunca sabe antecipadamente – respondeu o rapaz. – A gente simplesmente começa.

– Mas isso pode ser um tremendo fracasso – opinou a noiva. – E depois, que será de nós!

O rapaz deu de ombros.

– Aquele que já quiser saber com antecipação é porque não sabe mudar sonhos.

– Mas será que a gente não precisaria de um palco? – perguntou a menina com olhos amendoados. – E uma cortina?

– Incondicionalmente! – disse o rapaz com roupa de equilibrista. Ele pegou sua fita de cabeça empapada de chuva e, enquanto a menina o protegia com o guarda-chuva de papel, foi ao quadro-negro e com o lenço limpou cuidadosamente os últimos vestígios da fórmula. Em seguida, virou-se para os outros.

– Vocês poderiam secá-lo?

– Não vai adiantar muito – opinou o médico –, daqui a pouco a chuva vai encharcá-lo de novo.

– Bastam alguns minutos – explicou o rapaz. Ele abriu a gaveta da cátedra e encontrou ali dentro alguns pedacinhos de giz colorido. Nesse meio tempo, os outros haviam secado – até onde fora possível – o quadro-

negro com seus lenços de bolso ou mangas de paletó. O médico chegara a tirar o guarda-pó branco para utilizá-la como esfregão.

– Já basta – disse o rapaz. Em seguida, com uns poucos traços, ele pintou um palco de teatro sobre o quadro-negro, a cortina estava puxada para cima à esquerda e à direita, e o cenário atrás mostrava um longo corredor cheio de portas.

– A gente precisa deixar todas as possibilidades em aberto – disse o rapaz, enquanto fazia os últimos traços –, atrás de uma dessas portas nós vamos encontrar alguma coisa que nos agrade.

E, com um salto, ele pulou para dentro do quadro que acabara de pintar. Os outros ficaram olhando arrebatados, enquanto ele ficava passeando de um lado para o outro no palco.

– Venham! – gritou ele. – Rápido! A chuva!

Primeiro, subiu no palco o menino com asas, em seguida foi a vez da menina de olhos amendoados. Depois dela veio a noiva. A mulher gorda precisou ser empurrada por trás pelo médico e puxada pela frente por aqueles que já lá estavam. Em seguida, o próprio médico pulou. Somente o homem corretamente trajado continuou ali embaixo, com seu guarda-chuva preto, sem conseguir tomar uma decisão.

O rapaz com roupa de equilibrista inclinou-se mais uma vez para fora do quadro e estendeu-lhe a mão.

– O senhor não está querendo vir junto? – perguntou ele.

O homem balançou a cabeça.

– Acho que não acredito nisso.

– O senhor não precisa acreditar. Entre simplesmente.

– Mas... – o funcionário público deu um passo atrás – não sei o que vocês pensariam de mim. Não me encaixo na peça de vocês.

– Nós não pensamos nada do senhor – respondeu o rapaz –, mas todo mundo se encaixa na nossa peça.

Sobre o quadro já corriam por toda parte algumas gotas de chuva, tornando-o indistinto.

– Eu preferiria não ir – disse o homem.

– Que pena – gritou o rapaz, em seguida ele se inclinou como um artista de circo. – Passe bem!

A cortina foi baixando pouco a pouco nos dois lados. Então, no último instante, o homem tomou coragem, dobrou o guarda-chuva, enfiou a pasta debaixo do sobaco, segurou o chapéu e saltou por entre a abertura da cortina, que se fechou por trás dele.

Pouco a pouco a chuva contínua foi apagando a imagem do quadro-negro.

ENCONTRAMOS NO CORREDOR DO ATOR ALGUMAS CENTENAS DE PESSOAS QUE ESPERAVAM. Estavam de pé e sentadas ao longo das paredes, imóveis e pacientes. Muitas ostentavam o dorso desnudo, muitas estavam completamente nuas. No meio delas havia também mulheres e crianças. O corpo da maioria testemunhava enormes privações sofridas havia muito. Eram magras e estavam enfraquecidas ao extremo.

Nenhuma dessas pessoas levantou a vista quando passamos por entre as fileiras. Algumas mantiveram os olhos fechados e moveram os lábios, como se estivessem decorando o texto de seu papel; outras ficaram com o olhar perdido no vazio ou no chão.

Nós paramos na frente de um velho que estava sentado num banquinho, envolto em uma rústica manta de cavalo, e perguntamos qual a razão dele estar ali.

– Preciso esperar minha roupa – respondeu ele com sorriso encabulado –, ela ainda está sendo costurada. Assim que estiver pronta, entro em cena. Não pode durar mais muito tempo, pois eu sou a pessoa que está aqui esperando há mais tempo.

Quisemos saber de que espécie de roupa se tratava.

– De um robe real – disse ele. – Claro que o principal é a coroa. Primeiro, uma verdadeira, de ouro. Depois, então, uma de papel. Além disso, para o último ato preciso de um arco e uma aljava com flechas. E muletas... sim, claro que vou precisar de muletas, pois como os senhores já devem saber, eu serei um perneta.

Nós explicamos para ele que não sabíamos absolutamente de nada, mas que nos parecia que já havíamos visto essa roupa em algum lugar.

– Não, não – disse o velho, balançando a cabeça como uma criança teimosa –, não existe possibilidade disso. Ela ainda não está pronta, senão eu já estaria vestido com ela. Afinal de contas, é a minha roupa!

Nós lhe pedimos que nos contasse sobre seu papel.

– Ele é muito bonito – começou ele – e é o mais importante, é bom que se entenda. Faço o papel do soberano feliz.

Supusemos que se tratasse de uma peça histórica, mas o velho tornou a balançar a cabeça.

– Não, de maneira nenhuma. Para uma coisa assim eu não colocaria à disposição minha arte de representar. Trata-se muito mais de um teatro de verdade, quer dizer, de um conto de fadas ou, se preferirem a designação, de uma peça de mistério. No começo, o soberano feliz está sentado enquanto rei em um enorme trono de pedra, um trono que mais parece uma montanha. Eu – quer dizer, o rei – governo um reino ilimitado, mas não sou livre. Meu pé esquerdo está acorrentado ao trono de pedra. Então ocorre uma revolta urdida pelo escrivão do rei. Este e alguns outros criados querem me derrubar para subirem ao trono. Contudo, fica evidenciado que eu – quer dizer, o rei – não posso ser destronado, já que estou acorrentado ao trono e a corrente é ilacerável.

O velho calou-se e olhou esperançoso para três homens que vieram pelo corredor. Traziam com cuidado uma roupagem real, de tal modo que dois deles seguravam uma longa manga esticada, enquanto o terceiro amarrava a cauda, de tal maneira que a própria roupa quase parecia uma pessoa que flutuava entre eles. Sem dúvida nenhuma, tratava-se de uma roupa feminina.

Os três homens afastaram-se calados depois de terem colocado a roupa cuidadosamente no colo do velho. Perdido em seus pensamentos, este acariciou o bordado a ouro. No entanto, a roupa pareceu não lhe chamar a atenção.

– Como a corrente não pode ser dilacerada – prosseguiu ele seu relato –, os revoltosos cortam a perna do rei e o derrubam do trono. Como ele está caído no chão desamparado, uma pilha de dores e sangue, eles ainda lhe arrancam a coroa de ouro e lhe colocam na cabeça uma de papel. Acham que ele está morto. É noite, sopra um vento de borrasca. Eles o arrastam para fora da cidade e o atiram em uma fossa de lixo.

O velho ator pára, mexendo-se.

– Catadores de lixo acham o corpo inerte, mas descobrem que ainda está com um fiozinho de vida. Levam-no para seu buraco-moradia e cuidam dele às escondidas até sarar suas terríveis feridas. Passa-se muito tempo. Os esbirros do novo soberano, do escrivão, estão por toda parte e têm milhares de olhos e ouvidos. Por isso, os catadores de lixo pedem que o rei fuja para o ermo das montanhas, onde ninguém poderá encontrá-lo. Dão-lhe velhos farrapos com que vestir-se e muletas com as quais poderá mover-se.

Mais uma vez o velho detém-se e endireita-se tenso. Duas mulheres estão descendo o corredor, trazendo entre si um terninho costurado com todos os tipos de remendos, e que tem uma das pernas cortada à altura do joelho e puxada para cima. A se julgar pelo tamanho, tratava-se de uma peça de roupa para uma criança de cerca de seis anos. As duas mulheres atiram a roupinha de farrapos aos pés do velho, tiram-lhe do colo a roupagem real de mulher e depois desaparecem no fim do corredor.

Depois de um pequeno sorriso de desculpas, o velho prosseguiu seu relato:

– Para que ele não fique completamente desprotegido e para que possa se alimentar, eles dão também ao rei um arco e uma aljava cheia de boas flechas. Assim o perneta perambula com sua coroa de papel durante um longo tempo pelos barrancos e desertos de uma terra que não conhecia, mas que mesmo assim um dia governara. Ele é um bom besteiro e um caçador experiente. Sua flecha jamais se perde quando ele atira num animal selvagem... Mas, mesmo assim, por alguma fatalidade misteriosa, a quantidade de suas flechas vai diminuindo em sua aljava. Finalmente, ele tem apenas sete. Nesse momento, o solitário é possuído da mais pura fúria contra o poder do destino. Numa noite que é ainda mais sombria e tempestuosa que todas as outras, ele está se arrastando no cume da mais alta montanha. Ele se agacha no árido e escarpado rochedo coberto de neve, atira as muletas no abismo, dando uma gargalhada de escárnio e, em seguida, gritando pragas monstruosas e imprecações, atira todas as flechas que ainda lhe restavam para o alto, para o céu coberto de nuvens. De cabeça erguida, ele espera pelo raio que o fulminará por suas injúrias. No entanto, nada acontece.

O velho interrompeu pela terceira vez seu relato. Uma criança sozinha vinha descendo o corredor, levando nos braços uma pilha enorme de tecido. Quando depositou sua carga diante do velho, pôde-se ver que se tratava de uma roupa de couro de piloto, mais os óculos, luvas de punho e botas com forro de pele. A criança pegou os farrapos sem nada dizer e desapareceu na mesma direção que as outras pessoas antes dela.

Também desta vez o velho ator não prestou nenhuma atenção ao acontecimento. Mas agora ele se levantou e jogou a manta de cavalo como se fosse uma toga por cima do corpo consumido, e prosseguiu a fala interrompida com os olhos brilhando e gestos largos:

– O rei ainda está no rochedo escarpado; sua barba, seus cabelos e os farrapos de sua roupa balançam ao vento. E então ele ouve o relinchar de cavalos. Sete cavaleiros saem das nuvens e vêm na direção dele. Estão trajados com roupas brancas e reluzentes e montados em cavalos também brancos e reluzentes. Enquanto se aproximam devagar, o rei percebe que cada cavaleiro está com uma flecha cravada no meio do coração. Portanto, estou certo, pensa ele, aí está vindo a desforra, a vingança divina! Os cavaleiros chegam, saltam dos cavalos e se aproximam dele... e se inclinam respeitosamente. Em seguida, arrancam a flecha do peito e, um após o outro, vão colocando as flechas aos seus pés. O rei não conseguia falar. Suas mãos tocaram as flechas que se haviam tornado ouro reluzente. Ele levantou a vista, olhou nos olhos dos cavaleiros brancos... e os reconheceu...

Nesse ponto, o velho tornou a interromper seu relato, pois de novo veio um grupo de pessoas pelo corredor, dessa vez porém da direção oposta. Era um dos três homens, uma das duas mulheres e uma criança, porém não uma das que trouxera o traje de piloto.

Eles recolheram a roupa do chão e, sem deixar para trás nenhuma outra coisa, desceram o corredor na direção da qual os grupos anteriores vieram. O velho ator sentou-se em seu banquinho e, com calafrios, puxou a manta de cavalo para cima do corpo, parecendo extenuado.

Nós insistimos para que nos contasse a história até o fim e nos confidenciasse quem eram aqueles cavaleiros maravilhosos que o rei reconhecera. Mas o velho voltou a balançar a cabeça como uma criança teimosa e disse:

– E como posso saber?

Será que ele não nos poderia dizer? Seria um segredo?

Ele respondeu cansado:

– Quando eu tiver representado meu papel, então eu saberei... e vocês também. Senão, para que serviria a peça? De repente, seu rosto assumiu uma expressão triste, atormentada, e ele perguntou apressadamente:

– Ou vocês acham que seria possível que nesse meio tempo alguém pudesse ter representado meu papel de uma outra maneira? Já estou esperando há tanto tempo! Vocês acreditam que ele exista?

O FOGO IRROMPEU DE NOVO. A Cidadela noturna era um inferno de esferas sibilantes, projéteis uivantes, ganidos de granadas e trovões de muros e tetos que desabavam.

O ditador barbudo fugiu com largos e semi-flutuantes saltos através dos corredores, saguões e átrios, caiu na escuridão por cima de estátuas arrebrandas e atracou-se com lustres caídos no chão, subiu uma escadaria de mármore, caiu deitado, levantou-se e seguiu cambaleando. Seu reluzente uniforme de couro negro estava esfarrapado e ostentava vários furos de golpes, seu enorme corpo perfurado por balas incontáveis, seu coração, seus pulmões, seu fígado e até mesmo no meio da testa brilhava sangrento um buraquinho redondo, qual terceiro olho. Ele estava ferido de morte, mas não conseguia morrer. Ele sempre soubera disso, todos sempre souberam que ele era imortal.

No entanto, caçavam-no, todos aqueles cujo caçador ele havia sido até esse momento. Era imortal, mas não invulnerável. Ele sentia a dor que enchia seu corpo de um vazio insuportável, como se ele fosse uma forma oca, e o ar à sua volta pesava-lhe como granito cintilante.

Procurou refúgio nas salas do arquivo do Estado, mas ali haviam sido erguidas barricadas com as pastas secretas, atrás das quais relampejavam centenas de bocas de fogo. Ele se jogou ao chão, seguiu rastejando, procurou cobertura por trás de muros de autos, rastreou através de dossiês, cravou as unhas no chão puxando-se para frente, enterrou-se entre montes de ordens de prisão esfarrapadas e carbonizadas e, finalmente, ficou deitado, respirando com chiados.

Eu gostaria de dormir, pensou ele, cinco minutos ou cem anos. Mas a guerra ainda não chegou ao fim. A guerra não chega nunca ao fim. E, enquanto houver guerra, não estarei batido. Eles usam minhas próprias armas contra mim, por isso jamais poderão me derrotar.

Ele levantou a cabeça com cuidado, esticando-se de quatro. Somente então se deu conta de que estava cercado pelo silêncio. Finalmente haviam chegado a uma trégua.

Reinava um crepúsculo dourado ao redor.

Ele sentou-se. Pelo que pôde deduzir do escorço, o chão de mosaico debaixo dele mostrava o quadro de um pelicano que dava de beber a seus filhotes com o sangue que jorrava do próprio peito. Ao lado, a inscrição com letras douradas: Amor Amoris Gratias. O ditador sentia na boca um gosto de cobre e azinhavre, queria cuspir, mas não tinha nenhuma saliva.

Sobre ele arqueava-se um gigantesco e redondo saguão de mármore. Ele mesmo era uma minúscula figura sentada bem no centro, no ponto negro do alvo, por assim dizer. Ele fez uma careta, enxugou o sangue da barba e pô-se de pé. Precisava se pôr em segurança.

Parecia não haver portas, janelas também não. O crepúsculo dourado vinha de cima e não dava para se ver de onde. Como foi que ele havia entrado ali? Bem, isso agora pouco importava. O importante era sair de novo.

Uma imensa escadaria de pedra sustentada por grossas colunas erguia-se em um amplo semicírculo. Lá em cima ela desembocava em um jirau que corria por toda a parede do saguão. Dali partiam outras escadas cruzadas e oblíquas que levavam a jiraus mais altos, onde surgiam novas visões de escadas, abóbadas e camarotes, todos muito luxuosos e reluzindo a ouro. Por toda parte, figuras de pedra ou bronze, pequenas e gigantescas, incontáveis formas humanas em roupas cheias de pregas, dedos esticados, mãos erguidas, gestos de dignidade, de quem instrui, de redução, de força. Muitos gritavam mensagens inaudíveis para cima e para baixo – evidentemente que se tratava de mensagens urgentes, pois aqueles que as recebiam estavam agitados e

abalados, podia-se notar claramente. Uma disputa silenciosa e extraterrestre, que devia tomar decisões as mais importantes e que nunca chegava ao fim. Talvez para eles também se tratasse da questão do poder, a questão de todas as questões.

O ditador se pôs a subir lentamente, passo a passo. A escadaria era alta como uma montanha. Ele se sentou no degrau mais elevado para recobrar as forças. Depois, seguiu mancando, percorrendo os camarotes em semicírculo ao longo da parede. Finalmente, encontrou o acesso a uma das muitas outras escadas. No entanto, esta era estreita e entrelaçava-se numa grossa coluna verde de pedra. Seus degraus eram lisos como o espelho, e não havia corrimão. Ele apalpou ao longo da coluna sem olhar para baixo. Não sabia a que altura se encontrava. De qualquer modo, ele se achava em algum lugar da cúpula.

A escada em caracol terminava sob um dos archetes, dos quais o teto compunha-se. O ditador forçou-o com os ombros, tentando abri-la, mas foi em vão. Somente quando ele parou ofegante e se sentou mais uma vez, foi que o archete se abriu sozinho, caindo em cima dele. Ele escalou a abertura.

A frente dele, à luz parda e poeirenta, estava um longo corredor reto que parecia ir até o horizonte. Nas duas paredes encontravam-se em distâncias determinadas as mesmas portas de coloração verde-espinafre. O número 401 mostrou logo que era a mesma porta que se repetia. Veio à sua lembrança o corredor daquela escola que ele tanto odiara e temera quando criança, e que cheirava a medo frio. Não era bom regressar por ali, Mas ele não podia virar, pois não havia como encontrar a portinhola do chão.

Portanto, ele se forçou a seguir adiante. Ele nada ouvia a não ser seus próprios passos de manco, difíceis e irregulares como o palpitar de um cordão que falha. O corredor não apresentava nenhum fim.

Então ele parou, pois de longe lhe chegavam aos ouvidos os repiques de sininhos. Ele tentou penetrar com o olhar a luz parda e poeirenta. Ao longe, onde as paredes do corredor se encontravam num ponto, aproximava-se lentamente uma procissão de homens. O ditador sacou a pistola do coldre e destravou-a.

Durou um longo tempo até que eles chegassem perto. A frente vinha uma criança de uns seis anos com uma longa camisa bordada que ia até os calcanhares, em cada mão um sininho de prata. Atrás dela caminhava um velho, vestido também com uma longa camisa bordada. No entanto, trazia também um avental e na cabeça um chapéu de mestre-cuca alto, branco e florido. Em uma das mãos ele segurava um cálice de ouro, sobre o qual repousava um prato de prata virado de cabeça para baixo, o qual ele amparava cuidadosamente com a outra mão. Seguiam-no duas crianças trazendo braseiros de prata, de onde se erguia um pouco de fumaça. Depois vinham outras crianças, todos com a mesma camisa bordada, ostentando garfos, colheres, latas, peneiras e outros utensílios de cozinha.

O ditador postou-se de pernas escancaradas no meio do corredor e ergueu a pistola.

– Parem! Fiquem parados! – disse com voz fria.

O velho com chapéu de cozinheiro pareceu notá-lo somente nesse momento. Mais admirado do que chocado, ele levantou a vista do cálice que trazia nas mãos e dirigiu-a ao ditador. As crianças recuaram assustadas, mas o velho seguiu caminhando em direção à pistola. O ditador puxou o cão para trás.

– Fique parado! – disse mais uma vez, agora mais alto, pois ocorreu-lhe que talvez o velho fosse surdo. Mas talvez ele só estivesse fingindo. Agora, que a causa do ditador parecia perdida, o mundo estava cheio de traidores. E nenhum meio era ruim para eles. Pois muito bem, para ele também não.

– Quer ir aonde? – proferiu ele dirigindo a pistola para o rosto do velho. Este olhou pensativamente para o cano da arma, depois examinou tranquilamente o uniforme de couro rasgado e furado de balas, a barba incrustada de sangue, o ferimento de bala na testa de seu oponente e só então olhou-o nos olhos. Ele se deu

tempo para isso tudo, enquanto o ditador sentia o gosto frio e doce do ódio subindo por sua garganta em fogo. Isso o aliviou e ele se sentiu francamente agradecido. Estava cansado para matar a sangue frio.

Nesse momento, o homem de chapéu de mestre-cuca pareceu compreender. Ele baixou o olhar humildemente, inclinou-se um pouco e murmurou:

– Meu filho... deixe-nos seguir adiante, por favor. Nós estamos com pressa.

O ditador teve de sorrir diante de tamanha ingenuidade.

– Paciência, padre, tenha muita paciência!

E seguindo uma idéia repentina, o ditador bateu com o cano da pistola no cálice.

– Considere-me seu hóspede, padre. Não gostaria de oferecer-me um traguinho? Estou com sede.

O rosto do velho não ostentou nenhuma expressão, com toda certeza ele não entendera de novo. Depois de algum tempo, ele cochichou em tom de quem conta um segredo:

– Compreenda, por favor, trata-se de um último serviço.

– Você está gracejando! – replicou o ditador com voz quase sumida de tanta raiva. Ele respirou fundo com pulmões que soltavam chiados e se empertigou.

– Caso você ainda não tenha notado, padre, lá fora o mundo está cheio de moribundos. Estão empilhados nas ruas e praças. Não se pode ouvir a própria voz em meio aos urros deles. Eles rastejam por entre nossos pés. agarram-se às nossas pernas, não conseguimos nos livrar deles. O mundo, padre, está composto apenas de moribundos. O próprio mundo está à morte. Mas o senhor, padre, o senhor precisa ir com urgência até um moribundo especial – digamos que profissionalmente –, e ainda por cima não quer ser perturbado.

– Sim – respondeu o velho, encarando o ditador com ar triste –, é isso mesmo. Que devo fazer?

– Está bem – disse o ditador depois de refletir por um breve momento –, vou acompanhá-lo. Estou morrendo de curiosidade para ver esse moribundo privilegiado.

– Eu só falei de um último serviço, meu filho – respondeu o velho inclinando o chapéu de mestre-cuca. Em seguida, ele acenou para as crianças, que se puseram em forma na mesma ordem de antes, e a pequena procissão se pôs novamente em movimento. O ditador, a arma ainda na mão, saiu mancando atrás do velho.

A mesma porta verde-espinafre com o número 401, que passava por eles em intervalos regulares, fez com que pouco a pouco surgisse na mente do ditador a impressão de que não saíam do mesmo ponto, como se estivessem caminhando no mesmo lugar havia horas.

Muito tempo depois ele disse:

– Por que tanto alvoroço por causa dos moribundos? De qualquer modo, eles morreriam de outra maneira mais cedo ou mais tarde.

– É verdade – respondeu o velho –, mas não é a mesma coisa.

– E que diferença faz? – perguntou o ditador.

O velho refletiu durante algum tempo antes de murmurar:

– Pelo menos para você faz uma diferença. Por que você aprontou tudo isso aqui?

– Fui forçado – replicou o ditador. – Não lamento coisa nenhuma. E nenhum de vocês me dá pena.

E depois de algum tempo ele acrescentou em voz mais baixa:

– Tenho-lhes inveja porque vocês podem morrer.

Eles seguiram adiante lentamente, indo de uma porta a próxima e, novamente, não se podia ter certeza se o velho ouvira as palavras. Mas depois de uma longa pausa ele repetiu:

– Você foi forçado? Quer dizer então que não era tão poderoso assim, já que eles puderam forçá-lo?

– Para obter o poder – respondeu o ditador – precisei tomá-lo daqueles que o tinham. Para mantê-lo, precisei utilizá-lo contra aqueles que me queriam tomá-la.

O velho assentiu.

– É uma velha história. Ela já se repetiu milhares de vezes. Mas ninguém acredita nela. Por isso ela ainda vai se repetir milhares de vezes.

De repente, o ditador se sentiu muito cansado e teria se sentado com gosto, mas o velho e as crianças seguiram caminhando e ele os seguiu.

– E você? – proferiu ele ao chegar de novo ao seu lado. – Que sabe você sobre o poder? Acha que se poderia realizar alguma coisa grande sem ele?

– Eu? – perguntou o velho com chapéu de cozinheiro. – Não sei o que é grande ou pequeno.

– Eu queria ter o poder para criar a justiça – gritou o ditador e o sangue começou a jorrar de novo de seu ferimento na testa –, mas para chegar à justiça, precisei praticar a injustiça. Todos aqueles que quiserem justiça, precisam fazer isso. Eu queria pôr um fim à opressão, mas para isso precisei atirar nos calabouços e aniquilar com todos aqueles que me queriam impedir. Precisei tornar-me opressor. Para abolir a violência, precisamos usar a violência. Para eliminar a miséria, tivemos que provocar a miséria. Para tornar a guerra impossível, devemos guerrear. Para salvar o mundo, devemos exterminar o mundo. Essa é a verdade do poder!

Ele ofegou. Pusera-se mais uma vez no caminho do velho e erguera a pistola pronta para atirar.

– Mas, mesmo assim, você continua amando o poder – disse o velho em voz baixa.

Nesse momento a voz do ditador soou frágil.

– Ele é a virtude de todas as virtudes. Só tem um erro, mas este corrompe tudo: o poder nunca é completo. Por isso ele é insaciável. Somente a onipotência é o verdadeiro poder. Mas esta é impossível. Por isso estou desapontado com ele. O poder me enganou.

– E assim – replicou o velho – você se tornou aquele a quem queria combater. E isso está sempre acontecendo. Por causa disso que você não pode morrer.

O ditador deixou que a arma baixasse lentamente.

– Sim – disse ele –, é isso mesmo. Que devo fazer?

– Acaso você não conhece – perguntou o velho – a lenda do soberano feliz?

– Não – respondeu o ditador –, e suas histórias não me interessam.

Mesmo assim ele permitiu que o velho o pegasse pela mão e o conduzisse. Ele ouviu a voz de ancião ao seu lado, falando e falando a meio tom, ouviu palavras, mas não prestou atenção. Tentava recordar-se por que lutara pelo poder e de lado estivera, mas não conseguia mais se lembrar.

Foi somente muito tempo depois que as palavras do velho infiltraram-se por sua consciência.

– ...quando ele se pôs a construir seu gigantesco e misterioso palácio a cuja planta dedicara dez anos de sua vida e ao qual, muito antes de estar completado, peregrinavam os povos para admirá-lo... então, ninguém poderá jamais dizer se por sabedoria ou se por ódio a si próprio ele foi à noite, secretamente, após o assentamento das fundações quando a construção se encontrava vaia e jazia nas trevas, e colocou um ninho de cupins em uma cova sob as fundações. Quando algumas décadas mais tarde – havia decorrido quase toda sua vida e ele mesmo se esquecera, havia muito, dos cupins, em meio aos múltiplos motins de seu reinado – chegou-se ao fim da incomparável construção, e ele, patrão e criador daquilo tudo, penetrou pela primeira vez ameaia das altas torres. Nesse mesmo instante os cupins completaram sua obra invisível. Como ele mesmo e todos que com ele estavam foram enterrados no pó e escombros da gigantesca construção que desabou, não ficamos sabendo se ele ainda gritou uma última palavra que tudo esclarecesse, mas a lenda afirma com espantosa obstinação que o rosto de seu cadáver, que mais tarde foi encontrado quase incólume, ostentava um sorriso de felicidade.

A voz do ancião se calou. Uma das portas com o número 401 estava aberta e a pequena procissão virou e entrou numa sala que, à exceção de uma cadeira de espaldar alto de veludo vermelho recostada na parede frontal, estava vazia. O velho com chapéu cozinheiro levou o ditador até o assento e o ergueu. Agora ele estava sentado como uma criança num imenso móvel, olhando para as pernas que jaziam esticadas no estofamento.

Como te sentes, meu pequeno? – perguntou a voz de ancião. – Estás com uma aparência de quem não tem nenhuma gota de sangue no corpo.

– Não sinto mais nada – respondeu o ditador –, nenhum membro, nenhum corpo, tudo está vazio. Ajude-me!

– Eu lhe disse que nós precisávamos ir a um último serviço.

O ditador já não tinha mais nenhuma força para mexer a cabeça, mas deixou que seus olhos ardentes perambulassem pela sala. Ninguém podia vê-lo, com exceção do grupo de crianças que se aglomeravam em um canto distante da sala.

– Compreendo – sussurrou ele com uma tentativa de sorriso, mas o resultado foi uma máscara arreganhada.

– Não entendes nada, meu pequeno – ele ouviu a voz do velho bem perto de seu ouvido. – não podes morrer, mas poses ser tornado não-nascido.

O ditador assentiu e fechou os olhos. Sentiu como a pistola era tirada de sua mão por mãos suaves e frias e deixou que isso acontecesse. Em seguida ouviu o velho fazendo ativamente os preparativos e escutou sua voz dizer:

– Xô, xô, assim está bem, meu pequeno, muito bem mesmo, meu pequeno.

Ele tentou abrir mais uma vez as pálpebras pesadas como chumbo.

Só o conseguiu depois de um longo esforço. Viu à sua frente o rosto de ancião, agora horivelmente grande. O velho tirara seu chapéu de mestre-cuca, de modo que os longos cabelos grisalhos caíam-lhe nos ombros. De repente, o ditador compreendeu que na verdade se tratava de uma mulher muito velha.

Ela acenou para ele, ativa e interessada como uma menina. Enquanto as crianças começavam a cantar baixinho em um canto da sala, que nesse momento estava bem distante e pequeno, ela ergueu lentamente o cálice aos lábios dele.

Ele bebeu e hebreu em goles ávidos. Quando o cálice ficou vazio e lhe foi afastado, ele se descobriu como um recém-nascido, nu e com assaduras, no meio do reluzente e rasgado uniforme de couro negro, que jazia no assento qual carapaça vazia de inseto. Quis gritar, mas de seus lábios saiu apenas um grasnado tímido.

– Xô, xô – sussurrou a menina-velha –, não precisa ter medo nenhum, meu pequenininho. Isso vai passar já já. Não vai doer nada.

Ela o enrolou no avental, acenou, e as crianças com camisas bordadas se aproximaram, sempre cantando, e com ele saíram, atravessando a parede que se dissolveu em luz parda e poeirenta.

A velha levou-o no colo através do parque noturno da cidadela. Durante algum tempo ela pareceu estar procurando um lugar determinado entre as árvores e arbustos, e depois o encontrou. Era um montinho de grama, cortado ao meio por uma granada ou terremoto, de tal modo que parecia um enorme colo. A velha caminhou com ele para aquele lugar. Ele ficou calado, enquanto ela o desenrolava do avental. Nesse momento, ele era um minúsculo feto curvado com a testa inchada. Ela pousou-o, desnudo como ele estava, com todo cuidado no fundo da fenda da terra.

– Xô, xô, meu pequenininho, agora trate de dormir.

Ele a viu retornando para as crianças que esperavam debaixo das árvores. Em seguida, o colo da terra começou a se fechar lentamente, tão lentamente que nem se notava. De repente, por trás do grupo escuro de crianças e da velha, a gigantesca cidadela pegou fogo. O fogo assemelhava-se a uma única monstruosa tulipa-papagaio.

O CIRCO PEGA FOGO. O PÚBLICO FOGE ATABALHOADAMENTE. As arquibancadas estão vazias, a lona cheia de fumo e fogo. O palhaço está sozinho no picadeiro. Sua roupa de lantejoulas reluz no brilho das labaredas. Seu rosto está branco como cal. Debaixo do olho esquerdo cintila a lágrima antes maquiada. Seu chapeuzinho pontudo está colocado obliquamente sobre a cabeça. Ele sopra no reluzente trompete a enorme melodia da despedida: sublime e ridícula.

Tudo é sonho. Sei que tudo é sonho. Eu sempre soube, desde que comecei a sonhar que existia: este mundo não é verdadeiro.

Ele chegara ao fim da canção, sem pressa nem mácula. Ele sai e, atrás dele, desabam as vigas e mastros incendiados, a lona incha com o fogo e sucumbe. O vento da noite cheira a cinzas e calor.

Os outros estão lá fora assistindo o incêndio de braços caídos. Todos sabiam que isso iria acontecer. Ninguém faz menção de salvar coisa alguma. Ninguém chamara o palhaço enquanto ele se encontrava no meio do turbilhão de centelhas, ninguém se preocupara com ele, nem ele mesmo. Com o reflexo, seus rostos parecem os de pessoas dormindo. Começara a chover um pouco, mas era tarde demais e já não bastava. Servia apenas para fazer com que o cabelo das pessoas caísse úmido na testa.

Quando se sabe em sonho que se está sonhando, é porque se está perto de despertar. Eu despertarei daqui a pouco. Talvez esse incêndio não seja outra coisa que o primeiro raio do sol da manhã de uma outra realidade, que se força por entre minhas pálpebras cerradas.

Aos poucos foi escurecendo. O incêndio sucumbiu gradualmente. Não há nenhuma luz acesa nas casas em volta. Eles estão escuros e com olheiras em meio à penumbra. Ao longe, ouve-se gritos, depois alguns tiros e o duro matraquear de uma metralhadora. São os ruídos habituais que anunciam a noite, a noite cheia de assassinatos, cheia de torturas e interrogatórios, a noite na qual ninguém confia em ninguém.

É proibido despertar. Só o desejo de despertar já é tido como tentativa de fuga, como alta traição. Deve-se mantê-lo em segredo.

– Se vocês me perguntassem – disse o diretor na penumbra – foram *eles* que puseram fogo, como desforra ou advertência...?

Ele remexe nas cinzas. Todos sabem sobre que ele está falando. Há dois dias uma pessoa foi morta, bem no meio do público. Foi alguém da milícia de assassinatos, um dos guardas que estão por toda parte. Quando todas as pessoas se foram, ele continuou sentado ali com seu reluzente uniforme de couro negro, mas estava morto, estrangulado. Ninguém notou quando a coisa ocorreu, ninguém quis notar.

– Não foi nenhum de nós – diz o alguém.

– Não – responde o diretor –, mas como vocês podem ver, isso não adianta nada.

Depois de um longo silêncio, uma voz de mulher murmura:

– Isso não pode continuar assim para sempre.

– Vai continuar – diz o diretor – até que ponhamos um fim nisso. A partir de agora trata-se disso.

Trata-se do despertar.

– Se não fizermos nada – prossegue o diretor – isso vai continuar para sempre. Precisamos nos decidir. Devemos lutar. Temos de nos juntar àqueles que lutam.

O palhaço vira-se de costas e sai arrastando os pés pelas poças em direção ao seu trailer. Ele se sente repentinamente exausto. Durante um longo tempo ele fica sentado diante do espelho, contemplando seu rosto branco de farinha com a lágrima debaixo do olho esquerdo. Depois, começa a tirar a maquiagem. Por baixo surge um outro rosto no reflexo. É muito mais irreal, um rosto de ninguém, um rosto qualquer, que lhe é estranho, que sempre lhe foi estranho, esse rosto. Ele tenta parecer inteligente ou, pelo menos, sério durante alguns instantes, mas logo suas feições retornam ao estado de repouso, ao estado habitual de surpresa. É o rosto de um recém-nascido velho.

Espantoso que eu esteja ali. Mas, mais espantoso ainda que eu pudesse me tornar tão velho. Eu me esforcei. senhoras e senhores, dei tudo de mim. Eu disse para mim mesmo: se todos os outros conseguem suportar este mundo, eles para quem certamente as coisas não são mais fáceis do que para mim... Esperei durante toda a minha vida e envelheci na espera do despertar, e vejam aqui, onde estou. Invejo sua despreocupação. Sou preocupado.

Quando ele está mudando de roupa, entra o diretor, de chapéu e capa de chuva, a indefectível guimba fria de cigarro entre os dentes. Ele pôs debaixo do sovaco o longo chicote de picadeiro, a corda enrolada no punho. Ele sacode o chapéu, coloca-o na penteadeira, e chicote ao lado. Depois ele senta-se ao contrário na cadeira, o encosto entre os joelhos. isso significa que ele tem algo importante a dizer. O palhaço fica parado, esforçando-se por parecer atencioso.

– Muito bem – diz o diretor –, você sabe do que se trata.

Ele olha à sua volta como se temesse que alguém pudesse estar ouvindo no pequeno aposento.

O palhaço balança a cabeça.

Trata-se do despertar.

– Vamos tomar parte – prossegue o diretor com voz abafada –, agora não nos resta mais nada a fazer. Todos os outros estão de acordo. E você?

O palhaço volta a balançar a cabeça.

O diretor agarra-o pelo ombro e o sacode um pouco.

– Escute, agora não se trata mais do seu número. Aliás, não se trata mais do circo. Tudo isso já passou desde hoje à tarde. São coisas para tempos normais.

Coisas para um outro sonho.

– Você precisa se decidir – diz a boca com a guimba de cigarro –, conosco ou contra nós, quente ou frio. Quem tentar ficar de fora, é um traidor e como tal será tratado, por todos.

É proibido despertar.

O palhaço balança a cabeça pela terceira vez.

– Tudo bem – ele ouve a voz rangente do diretor –, contamos com você, meu velho. Esperamos por você à meia-noite, para a sessão do comitê. Mas seja pontual, está ouvindo? Ali você saberá todo o resto. Aqui está o endereço.

O diretor coloca-lhe um pedaço de papel na mão.

– Leia-o, anote-o e depois queime-o! Ninguém mais pode ficar sabendo disso, de maneira nenhuma, seja lá quem for. Entendido?

O palhaço balança e balança a cabeça.

O diretor lhe dá um tapinha amigável na bochecha, pega seu chapéu e sai. Ele esqueceu o chicote. O palhaço contempla-o em cima da penteadeira, depois agarra-o com cuidado e deita na cama com ele. Desenrola a cerda, torna a enrolar, desenrola novamente.

Afinal, não posso ser o único que notou alguma coisa. Não sou tão esperto assim. Só que eles concordaram em não falar sobre isso. Ou será que querem? Será que todos gostam desse sonho?

O palhaço se levanta, veste o velho sobretudo, enrola um longo cachecol no pescoço e coloca o chapéu. Lê o endereço mais uma vez, depois queima o papel no cinzeiro. As pequenas chamas ardem, depois se apagam.

Lá fora, atrás da praça, no lugar onde ficam os trailers, começa um pequeno prado pisado. Ali se encontra um grupo de colegas, todos olhando numa mesma direção. Ele se aproxima para ver o que há.

A certa distância, no lugar onde começa a rua iluminada que leva para o centro da cidade, alguns soldados da milícia de uniforme negro empurram à sua frente cerca de vinte homens mulheres, cujas mãos estão amarradas às costas. Embora nenhum dos presos se defenda, os uniformizados espancam-nos constantemente com cassetetes.

Só o desejo de despertar já é tido como crime.

– Não posso olhar para isso – diz entredentes uma acrobata que está na frente do palhaço.

Seu parceiro, que está ao lado, tenta segurá-la, mas ela se desvencilha e corre para o grupo de presos. Ela ainda está vestida com sua malha, só que com um casaco jogado sobre os ombros. Ela gira em volta dos uniformizados algumas vezes, realiza todos os tipos de movimentos provocadores e lhes grita xingamentos na cara. Nisso ela perde seu casaco. Os milicianos não prestam nenhuma atenção a ela. Nesse meio tempo, um dos presos cai repentinamente ao chão parecendo morto. Um dos uniformizados cutuca-lhe com a baía. Como isso de nada adianta, ele espanca o homem com o cassetete. Os outros presos param e ficam assistindo com rostos pálidos e meio adormecidos. Sem seu casaco, a acrobata volta para o grupo de pessoas do circo.

– Façam alguma coisa! – balbucia ela. – Não fiquem aí parados como idiotas! Façam algo!

Sempre me esforcei, senhoras e senhores, fiz o que pude.

O palhaço impele-se para a frente, acaricia a face da acrobata e murmura:

– Deixe-me fazer isso.

Olhos espantados dirigem-se a ele. A acrobata sussurra— Vocês ouviram?

Como se pode ter medo, quando se vai despertar daqui a pouco? Eu também sou apenas um sonho. Minha existência é ridícula e incompreensível.

Nesse meio tempo surgem entre os trailers duas outras pessoas de uniformes pretos com metralhadoras debaixo do braço, e se aproximam do grupo das pessoas do circo. O palhaço vai na direção deles. Eles param e apontam as armas. Seus rostos são jovens, infantis e um pouco inchados. A aparência deles é a de quem está dormindo de olhos abertos.

O palhaço tira do bolso do sobretudo o chicote enrolado do diretor e com ele dá uma batidinha na aba do chapéu em forma de cumprimento. Os dois uniformizados olham inseguros para o chicote, depois trocam um rápido olhar e ficam em posição de sentido.

– Vocês me conhecem? – pergunta o palhaço com tom de voz duro, de quem está acostumado a mandar.

Mais uma vez os dois trocam um olhar inseguro, depois um deles diz:

– Às ordens, não.

– Vocês vão me conhecer – prossegue o palhaço –, e eu lhes garanto que vão sentir muito por terem surgido em meu caminho! Vocês viram o que está se passando lá do outro lado?

– Às ordens, não – dessa vez quem diz é o outro.

– Mas qual é o idiota que está no comando aqui? – vocifera o palhaço –, ninguém conhece o outro, ninguém sabe o que está acontecendo, cada um faz o que lhe dá na telha! Parece que a palavra disciplina é grego para vocês. Lá do outro lado estão sendo levadas pessoas, cuja prisão estava reservada a mim e somente a mim! E com isso esses idiotas apressados fizeram malograr um dos nossos planos mais importantes! Que droga, não estamos brincando de mocinho e bandido, entenderam?! Façam o favor de se apressar e ir comunicar a seus camaradas que os presos devem ser libertados imediatamente, imediatamente. Vocês entenderam?

– Sim senhor – disse o primeiro de uniforme negro –, mas quem devo dizer que deu a ordem?

– Eu! – berrou o palhaço. – Diga a esses malditos idiotas que a ordem foi dada pelo homem de chicote! Espero que estejam melhor informados do que vocês dois, porque senão... que Deus tenha piedade de vocês. Vamos, o que estão esperando? Apressem-se, upa!

Os dois uniformizados saem correndo, mas não com muita pressa, é evidente que estão confusos. Nesse meio tempo, o grupo de presos e seus guardas desaparecem em algum lugar da escuridão. O palhaço vira-se para os colegas, mas estes também desaparecem. Ele se encontra sozinho no lugar.

Ele anda devagar em direção ao centro da cidade. Ainda tem muito tempo até a meia-noite, mas terá de procurar o endereço que o diretor lhe deu. E tem um deplorável senso de orientação. Ele anda e anda, um passo atrás do outro, às cegas, como sempre andara em toda sua vida.

Como todos andam durante toda a vida, sem conhecer o próximo momento, sem saber se no próximo passo pisará em terra firme ou se tropeçará no nada. Este mundo é tão penetrável que cada passo é uma decisão.

É essa maneira especial de andar que faz com que os espectadores caiam na risada já no início de seu número. Ele só precisa ir ao picadeiro, sempre cambaleando um pouco, como que hesitando e vencendo a cada passo a hesitação, ao mesmo tempo em que se comporta de maneira teimosa como se dependesse disso. Como uma criança cabeçuda.

Nas ruas por onde passa, encontram-se carros virados, muitos ainda estão queimando. Muitas janelas estão quebradas e o vidro range sob a sola de seus sapatos. Ele passa por cima de um cachorro morto e, mais tarde, vê numa poça de óleo um pássaro de costas e com as asas abertas. Provavelmente foi morto pela fumaça.

Minha existência é ridícula e incompreensível. Mas não posso decidir livremente a escolha de uma outra. Só se pode ser o que se é. A liberdade só existe no futuro. Não se pode encontrá-la no passado. Ninguém pode escolher um outro passado. Tudo que acontece, deve vir como vem. Depois tudo é forçoso, antes nada é. A única coisa de que se trata é despertar do sonho. Mesmo assim corremos atrás da liberdade, não podemos fazer outra coisa, mas a liberdade está sempre um passo à nossa frente, como o reflexo do espelho, está sempre no momento seguinte, sempre no futuro. E o futuro é obscuro, é uma parede negra e impenetrável diante de nossos olhos. Não, ele está bem no meio dos nossos olhos, atravessa nossa cabeça. Somos cegos. Cegos pelo futuro. Nunca vemos o que está à nossa frente, nunca o próximo segundo, até que batemos com o nariz nele. Só vemos o que já vimos. Isso significa: nada.

O palhaço entra numa das casas. Está mal iluminada. As portas estão arrebitadas, ele encontra na casa cadeiras viradas, móveis destruídos, restos de incêndio, cortinas rasgadas. Pessoas estão sentadas em volta de uma mesa, parecem já estar sentadas ali há muito tempo, pois as aranhas fizeram suas teias entre elas. Os rostos, ressecados como os de múmias, mostram os dentes ou estão de bocas bem abertas como que num riso inaudível. O palhaço nota entre eles um jovem magro dormindo com a cabeça recostada nos braços. Números foram escritos na poeira do tampo da mesa, muitos números. O jovem dorme como uma criança e o palhaço entra de mansinho para não o despertar.

Ele chega ao pátio dos fundos e escala muros desmoronados, até que, finalmente, como era de se prever, está irremediavelmente perdido. Mas isso não o intranquiliza.

E então ele se encontra de repente em uma praça larga, bem iluminada. A luz emana de muitas vitrines de uma loja.

O palhaço anda de uma para outra, todas estão vazias. Somente quando ele dobra uma esquina é que vê uma concentração de pessoas, as quais estão paradas diante de uma vitrine, imóveis, olhando para dentro. No meio delas, vários uniformizados de negro. Ele não tem muita certeza, mas lhe parece que, entre eles, encontram-se os dois com os quais ele falara... e também os outros, os que levavam os presos, e também suas vítimas estão lá. Já não se interessam pelos outros, estão completamente absorvidos pelo que vêem na vitrine.

O palhaço fica na pontinha dos pés e olha por cima de suas cabeças. Por trás dos enormes vidros há um turbilhão de aves gigantescas, de vermes encouraçados do tamanho de um braço, que se levanta em milhares de perninhas cintilantes, de bichos-de-conta do tamanho de uma mão e de escaravelhos, negros e gordos como botas. Por cima desse bulício paira uma enorme esfera metálica e bem polida. Pelo que parece, ela paira livre no ar, sem nenhum dispositivo de fixação nem fios, e gira em todas as direções, ora devagar, ora rapidamente. Em cima dessa esfera encontra-se um rato, um rato enorme, quase tão grande quanto um cachorro. Ele corre habilmente na direção contrária ao giro para manter-se sobre a esfera. Deus sabe há quanto tempo ele se encontra nessa situação terrível. Parece estar no fim de suas forças, sua pele está úmida e desganhada pelo suor do medo, seu focinho meio aberto, de tal modo que se pode ver os longos dentes roedores amarelos, sua respiração ofegante. Não vai poder continuar fazendo aquilo por mais tempo, logo ele escorregará e cairá sobre o terrível formigueiro que já está olhando para ele ávido, com milhares de antenas e tenazes.

Portanto, é essa cena que une as pessoas diante do vidro.

O inferno é um sonho ruim que nunca acaba. Mas como fui parar nele? Que devo fazer para finalmente despertar?

O palhaço olha nos rostos das pessoas paradas ali. Seus olhos estão abertos, mas vidrados como os de pessoas que dormem. Algumas estão de boca aberta. Ninguém presta atenção a esse que agora os encara de tão perto. E também se esqueceram mutuamente. E ele sabe que nenhum daqueles bonecos vivos responderia se perguntasse pelo caminho. Além disso, ele não tem permissão, não pode dizer o endereço, de maneira nenhuma.

Dirijo-me a você que me sonha, seja você quem for. Sei que não posso fazer nada contra você, você é o mais forte. Portanto, leve-me para onde quiser, mas pense nisso: você não me enganará mais.

Sem saber como, depois de algum tempo o palhaço se encontra nas proximidades do prédio que o diretor lhe indicara – trata-se de uma pensão de artistas, que já lhe é conhecida de antes. Na rua há mortos, duros e retorcidos como manequins de vitrine. No meio deles estão espalhados membros, também cabeças com chapéu e gravatas em volta do pescoço.

Quando o palhaço entra na rua onde está situada a pensão, percebe mesmo de longe que ela está cheia de pessoas que oscilam de um lado para o outro, qual ondas do mar. Elas estancam diante da porta da pensão e se quebram de volta. Mas tudo isso acontece sem ruído e se supera devagar. Muitos uniformizados de negro também estão entre essas pessoas, assim como outros homens com longos casacos de couro. Todos parecem se golpear mutuamente com a maior das forças. Entretanto, por causa da lentidão do movimento, tudo isso parece um cerimonial fantasmagórico. Com movimentos bem escancarados em forma de dança, cada qual bate com o punho ou com o que tiver no rosto daquele que está mais próximo. Não se ouve nada a não ser um abafado ofegar geral e os estalos e sons dos golpes.

O palhaço se vira rapidamente e puxa para cima a gola do sobretudo para esconder o rosto, pois logo um dos batedores nota sua presença e aponta para ele. Outros viram os rostos inchados e indiferentes e, nesse momento, uma dúzia de pessoas vêm na direção dele com passos semi-suspensos. Juntam-se outros. O palhaço dobra uma esquina rapidamente, entra em uma viela secundária, depois na seguinte e, mais uma vez, numa outra. Enquanto está correndo, olha para trás e não vê mais nenhum perseguidor. Talvez ele se haja livrado deles.

Fugir não faz nenhum sentido. Não existe fuga. O que acontece aqui, acontece em toda parte. Acontece sempre. Quem foge, acaba caindo na armadilha.

Após ter atravessado mais algumas vielas sombrias, ele descobre a entrada mal iluminada do que parece uma cervejaria. A entrada se compõe de uma porta giratória de dimensões fora do comum, pela qual cambaleiam alguns bêbados. Somente quando ele se aproxima, é que tem dúvidas se se tratam de bêbados, pois todos estão de olhos fechados e braços esticados, como que querendo brincar de cabra-cega. Talvez sejam sonâmbulos e lunáticos, pois quando o palhaço se dirige a um deles com voz baixa, ele não responde, e continua a perambular de braços esticados. Talvez estejam fingindo, talvez não. O palhaço decide entrar e esperar no local até poder regressar à pensão. Ele impele-se através da porta giratória.

O local está situado no subsolo e ele sai tropeçando escada abaixo por alguns degraus que não notara. Diante dele está um aposento comprido, em forma de tubo, que se perde atrás da semi-penumbra e da fumaça. No teto estão penduradas apenas algumas lâmpadas nuas, de pequena potência, emitindo uma luz turva. No canto mais afastado à esquerda ergue-se uma espécie de tribuna cercada por um corrimão de madeira. Com exceção da mesa da tribuna, todas as outras estão ocupadas. Copos de cerveja pela metade, cinzeiros virados e restos de comida ocupam os tampos. Os clientes estão sentados uns apertados contra os outros; muitos pousaram o rosto no braço, alguns têm o rosto deitado numa poça de cerveja, enquanto os braços balançam sob a mesa, todos dormem de boca aberta. O barulho de respiração, de mastigação e roncos enche o ar que

cheira mal. De vez em quando uma das pessoas que dormem se mexe, rola a cabeça de um lado para o outro e suspira como se não estivesse podendo encontrar a posição mais cômoda.

O palhaço abre caminho por entre as mesas, passa por cima de pernas esticadas, indo em direção à tribuna ao fundo para alcançar o único lugar livre. Ele chega diante do corrimão de madeira e constata que este não tem nenhuma abertura de entrada, tampouco existem degraus que levem lá em cima. De modo que ele galga a mesa mais próxima, tomando cuidado para não perturbar nenhum dos adormecidos, e dali passa por cima do corrimão. Suspirando, ele se deixa cair numa das cadeiras, apóia o queixo no punho e espera.

Eles sonham que estão sonhando. Estão em um outro sonho. Não devemos despertá-los. Eu gostaria de poder dormir como eles.

– Afinal, você está me ouvindo? – pergunta a meio tom uma voz nervosa.

O palhaço estremece. Só então toma consciência de que alguém está falando com ele desde algum tempo. É o diretor.

– Mas claro – murmura o palhaço –, ouço muito bem. – Ele procura na turva lembrança alguma palavra que tivesse ouvido. Ocorre-lhe então que o assunto da conversa havia sido a transferência da reunião no último momento para aquele local, porque a milícia havia recebido informação sobre o assunto por intermédio de algum traidor e cercara a pensão.

– Isso não parece te impressionar muito – diz o diretor, lançando-lhe um desconfiado olhar de soslaio. – Tens alguma idéia de quem possa ser o traidor!

O palhaço balança a cabeça.

– Mas como é que sabias que estaríamos aqui? – o diretor segue investigando, mascando a fria guimba de cigarro. – Tu foste trazido para cá por puro acaso?

O palhaço faz que sim.

– É acaso demais, não achas? – pergunta o diretor.

O palhaço balança a cabeça pensativo, depois vira-se na cadeira e diz em voz alta:

– Mas esse serviço aqui é uma desgraça! Quanto tempo a gente precisa esperar até poder fazer o pedido?

– Quietos! – diz o diretor com voz abafada, tampando a boca do palhaço. Quando torna o soltá-lo, o palhaço pergunta:

– Por quê?

O diretor recosta-se.

– Ouça, assumi a responsabilidade por ti. Respondo por ti. Mas entre nós existem alguns que estão convencidos de que tu poderias ser o traidor. E apenas tu. Eu disse a eles que acho que tu serias incapaz de fazer uma sacanagem dessas. Que tens a dizer?

O palhaço tira do bolso do sobretudo o chicote do diretor e coloca-o na frente dele.

– Olha! – diz ele. – Você o esqueceu.

O diretor rola a guimba do cigarro entre os lábios de um lado para o outro.

– Obrigado, meu velho. Não preciso mais dele.

Novamente ele examina o palhaço com olhos apertados.

– Ninguém ouviu o que tu dissesse para os sujeitos de uniforme preto. Entre nós existem alguns que gostariam de saber. Que foi que dissesse?

– Eu ordenei que dissessem aos outros que deveriam soltar os presos.

– Foi isso que dissesse? E que responderam?

– Eles obedeceram porque viram o chicote.

O diretor acende a guimba de cigano e dá duas, três tragadas de olhos cerrados. Depois dá um solavanco, um tapinha de reconhecimento no joelho do palhaço e arreganha um sorriso.

– Acredito em ti. Conheço e acredito em ti. Vamos endireitar tudo. Deixa-me fazer isso, meu velho.

Ele se curva para a frente e olha o palhaço nos olhos.

– Tu achas que devo fazer meu discurso agora?

O palhaço passa os olhos pelos adormecidos e faz que sim.

Não devemos despertá-los. Eles estão num outro sonho. Talvez, eles sejam aqueles que sonham esse mundo.

– Agora mesmo – diz ele –, este é o momento certo.

O diretor se levanta e se aproxima do corrimão. Depois, parece ser acometido de uma nova reflexão e vira-se de volta para o palhaço.

– Talvez fosse melhor eu perguntar primeiro para o dono. Aliás, ele é um dos nossos, mas talvez seja melhor eu perguntar se ele está de acordo. Afinal de contas, trata-se do bar dele.

– É, você devia fazê-lo – opina o palhaço.

O diretor põe-se a galgar o corrimão. Já está montado nele quando pára mais uma vez e sussurra para o palhaço:

– Ouça, tu bem que poderias ir dizendo algumas palavras introdutórias. Entendes, não? Esquentar um pouquinho os ouvintes e assim por diante. Depois eu volto logo e assumo a palavra.

O palhaço balança a cabeça sem forcas.

– Você sabe que não posso fazer isso. Eu confundo muito as coisas.

– Então faz um esforço! – sussurra furioso o diretor. – Será que não entendes? Estou dando uma chance. Talvez seja tua última chance.

– Sobre que devo falar?

– Sobre o que quiser.

O diretor salta para o chão, agarra-se nas barras do corrimão e, por entre elas, diz para o palhaço:

– O importante é que consigas animar as pessoas. É isso que deves fazer.

Trata-se do despertar. É a única coisa que deve ser feita.

O palhaço segue o diretor com a vista, enquanto este abre caminho entre as mesas em direção a uma porta situada na parede lateral do longo aposento. Ali ele se vira mais uma vez e faz um sinal de exortação. Quando abre a porta, ouve-se durante alguns instantes uma confusão de vozes, inclusive vozes de mulheres que soam agitadas, como se estivesse havendo uma briga. Possivelmente trata-se da entrada para a cozinha.

Não quero falar. Aliás, não queria falar nunca mais. Não tenho mais nada a dizer.

O palhaço passa rapidamente por cima do corrimão, escala uma das mesas compridas e, tomando cuidado para não tocar em ninguém, corre entre as cabeças dos adormecidos e dos copos de cerveja em direção ao fim do tampo. Ele quer se safar.

Não adianta fugir. Não existe fuga.

Ele está a ponto de saltar para o chão, quando se abre mais uma vez a porta da cozinha e o diretor estica a cabeça para fora.

– Já começaste?

– Ainda não – responde o palhaço desalentado –, estava a ponto de começar.

– Vamos rápido – diz o diretor –, confio em ti. – Sua cabeça desaparece.

O palhaço se endireita. Está de pé em cima da mesa, volta-se para todos os lados, depois fecha os braços nas costas como um menino na sala de aula que vai ler um poema.

Respeitável público, caros sonhadores!

O próximo número é único no mundo e exige extrema concentração. Por isso pedimos o mais completo silêncio e um rufo de tambores. Esse é o momento da verdade mas, honestamente falando, eu não sei o que é um momento, e nada sei sobre a verdade e a coisa que mais conheço é essa que chamo de “eu”.

Quando cheguei neste sonho que vocês chamam de mundo, ele era ruim e continuou ruim, ou ficou pior. Não tenho nenhuma lembrança. Não posso lhes contar detalhes. Eu sempre esqueço tudo. Eu achei que havia entrado no sonho invertido ou no mundo contrário. Ou talvez fosse eu o invertido nesse mundo, nesse sonho. Bateram em mim e me prenderam, me amaram e me deram muito dinheiro ao mesmo tempo, embora eu sempre fosse o mesmo e fizesse a mesma coisa. Por isso me interessei em fazê-los rir ou chorar. Foi isso que pude.

O palhaço se sente um pouco perturbado por ter sido atingido por uma bolacha de copo de cerveja que veio voando. Evidentemente alguém o escolhera malignamente como alvo. Ele se vira à procura do gozador e olha para a tribuna onde estivera sentado com o diretor: vê um enorme sujeito careca com corpo atlético, que ri para ele com simplicidade e continua a lhe atirar as bolachas usadas como suportes para cerveja. É evidente que se trata do taberneiro, pois está vestido com um avental verde. Supondo que o homem musculoso não está agindo com má fé, o palhaço faz um movimento de mão para que ele compreenda que não pode participar agora da brincadeira porque ele, o palhaço, está ocupado com algo importante. E ri simpaticamente para não irritar o sujeito forte. Mas como este prossegue sorrindo com seu estorvo, o palhaço sobe numa outra mesa mais afastada.

Espero e espero finalmente acordar, mas não posso. Qual nadador que cai sob a camada de gelo, fico procurando um lugar onde possa emergir! Mas não existe nenhum lugar! Nado a vida inteira prendendo a respiração. Não sei como vocês conseguem.

O palhaço precisa se inclinar para escapar de alguns novos descansos bem atirados. No entanto, como é novamente atingido por alguns projéteis, ele agarra por seu turno alguns desses discos de papel molhado que estão na mesa e os atira na direção do taberneiro, sempre com o sorriso natural e esperando que o sujeito simplório fique satisfeito e que pare com essa brincadeira estúpida. De fato, o taberneiro pára surpreso. O

palhaço olha para todos os lados, na esperança de que finalmente apareça o diretor para assumir o controle da situação. Mas não vê ninguém.

Ou será que no fim nosso sonhador não sabe que apenas está nos sonhando a todos? Será que eu, seu sonho, posso fazê-lo compreender isso para que ele acorde? E me expliquem uma coisa, senhoras e senhores: o que será do sonho quando o sonhador despertar? Nada? Não será mais nada? Mas eu quero sair daqui... sério! Não quero mais sonhar que estou aqui. Também não quero mais me deixar ser sonhado sabe-se lá por quem. Ou será que todos nos sonhamos mutuamente? Um entrelaçamento de sonhos, uma vastidão de sonho sem fronteiras, sem solo? Somos todos um único sonho que ninguém sonha?

Nesse momento, uma garrafa de cerveja passa voando de fininho na cabeça do palhaço e vai se estilhaçar na parede atrás dele. O taberneiro não poderia tê-la atirado, pois a garrafa veio de uma outra direção. Entretanto, o palhaço também não viu nenhum dos adormecidos se mexer. Enquanto ele ainda está tentando descobrir a origem do arremesso, protegendo os olhos com uma das mãos, outra garrafa voa sobre ele, vinda de uma outra direção. Ele consegue se desviar por um fio. Seguem-se outras garrafas, copos de cerveja, cinzeiros de louça, vindos de todas as direções, até que uma verdadeira saraivada desses projéteis rebenta-se em volta dele. Ele coloca os braços em volta da cabeça para se proteger e se inclina, mas desse modo, com a visão impedida, não consegue se desviar adequadamente e é atingido algumas vezes nas costas, ombros e braços.

Como o ímpeto dos projéteis está em aumento constante, de tal modo que logo estão cortando o ar com o ruído estridente de golpes transversais, o palhaço acha aconselhável saltar da mesa. De quatro, e sempre pensando na cobertura, ele se arrasta por entre as pernas dos adormecidos imóveis, em direção à porta da cozinha. Chega finalmente a ela, mas a porta não se abre. Não é como se estivesse fechada, mas sim como se as pessoas tivessem feito uma barricada com móveis pesados. Ele sacode a maçaneta, martela a porta com os punhos, coisa que aliás quase não se pode ouvir no tumulto dos projéteis, e se apóia nela com todas as suas forças, que nessa altura já não são muitas. Tudo em vão. Ele se levanta e olha de volta para o salão. Nesse momento, o taberneiro também não está lá, talvez ele tenha procurado abrigo contra o bombardeamento. O palhaço está sozinho com o exército de adormecidos e sua batalha.

Mas se for o caso de eu ser apenas seu sonho comum, se for o caso de vocês me terem sonhado desde o começo, de eu nunca ter sido outra coisa que não o sonho do meu respeitável público... então eu lhes peço, meus queridos sonhadores, eu lhes peço do fundo do coração: tratem de me pôr em liberdade! Tratem de sonhar daqui por diante com alguma outra coisa, mas não sonhem mais comigo! Já não posso mais. Não exijo que vocês despertem. Por mim, podem continuar sonhando à vontade, sonhem o quanto quiserem e durmam bem, mas parem de sonhar comigo! Vocês já se divertiram bastante comigo, mas agora tratem de me deixar ir embora!

Nesse mesmo instante, ele é atingido por um cântaro de cerveja de pedra, com a potência de uma granada, bem no meio da testa que se arrebenta. O rosto pálido e velho de bebê recém-nascido do palhaço se cobre de vermelho de sangue, e ostenta uma expressão do mais profundo espanto possível, assim como de sabedoria. Ele arreganha um sorriso como se, finalmente, tivesse entendido tudo. Seus braços realizam aqueles gestos cerimoniais com os quais sempre agradecera os aplausos dos espectadores, em seguida ele tomba para a frente, rígido como uma figura de cera, caindo sobre as tábuas do chão coberto de cacos de vidro.

UMA TARDINHA DE INVERNO, O CÉU ESTA ROSA-CLARO, FRIO E DISTANTE, SOBRE UMA INFINITA PLANÍCIE COBERTA DE NEVE. No meio dessa planície ergue-se uma ruína, os restos de um muro grosso. Nela se encontra uma porta. Uma dessas portas de casa, bem comuns, fechada, pintada de verde-maçã, sem qualquer letreiro de nome, com três gastos degraus de pedra levando até ela. A neve na frente dos degraus está pisada e lisa, pois ali caminham constantemente duas sentinelas, de um lado para o outro, qual pêndulos que oscilam em sentido contrário. Seus movimentos resultam num tipo de balé de passos hesitantes, paradas, duro bater de pés, novas paradas, viradas repentinas, passinhos apressados e, novamente, passos hesitantes: um ritual complicado. Os uniformes dos homens são negros e reluzentes. Também seus capacetes e luvas. Ambos trazem debaixo dos braços metralhadoras prontas para atirar. Quando passam pelo

outro, trocam as armas com rudes movimentos. Ao fazê-la, dizem algumas palavras à meia-voz. No céu circulam bandos de enormes pássaros negros, silenciosamente.

– Os corvos! – diz um dos guardas, apontando para cima apenas com o olhar. – Afinal que estão querendo aqui? Que será que isso significa?

– Não fique parado! – murmura o outro. – Se alguém nos vir... além disso, são gralhas.

E no encontro seguinte:

– Elas nunca descem. Ficam sempre no ar. Dia e noite. Como fazem isso? E são corvos, é o que lhe digo.

Os dois se separam, fazem a volta, tornam a se encontrar, trocam as armas.

– Gralhas! – diz o segundo soldado por entre dentes trincados. A palavra voa de sua boca como uma nuvem. – Já atirei numa, assim. Ela tinha uns olhos, posso dizer para você, que pareciam lanternas.

– Que está acontecendo? – pergunta o primeiro. – Está com medo?

No encontro seguinte, o segundo pergunta:

– E você?

O primeiro encolhe os ombros.

Eles andam de um lado para o outro, algumas vezes, sem trocar palavras.

– Se pelo menos a gente soubesse – começa a dizer a primeira sentinela – para que estamos fazendo aqui essa dança de macacos.

O segundo levanta a ponta do nariz que pinga.

– Estamos vigiando a porta, ora! Que pergunta mais idiota!

– Para quê? Para que ninguém saia?

– Claro. O cabeça de touro. Você sabe muito bem. Perigoso.

– Lá dentro? Onde? Atrás da porta?

Pausa. Afastam-se. Bater de botas. Virar.

– Alguém já saiu alguma vez da porta?

– Nunca. Porque ele devora qualquer um – e com um sorriso arreganhado o segundo acrescenta: – um monstro.

Enquanto trocam de armas, o primeiro sussurra:

– Quem entra nunca mais pode voltar. A porta leva sempre para um outro lugar e não para o lugar de onde a pessoa veio.

– Ah, está vendo – diz o segundo satisfeito, enquanto se afastam –, eu mesmo disse que não sai ninguém.

Eles viram, tornam a se encontrar.

– Por -quê? – pergunta o primeiro teimosamente –, por que então vigiamos a porta?

– Cara... – diz o outro impaciente – talvez para que ninguém entre, sei lá.

– Então alguém quer entrar?

– Certamente que ninguém por vontade própria. Precisaria estar morto de cansaço.

Separar. Virada para retorno. Troca de armas.

O primeiro segue instigando.

– Quer dizer que ninguém quer entrar?

– Eu não faria isso nem por um milhão.

– E também nunca ninguém entrou?

– Não tenho a menor idéia. Talvez antes. Antes do meu tempo. Não me lembro.

– Então por que vigiamos a porta?

Agora o outro fala mais alto:

– Já lhe disse: para que ninguém saia. De qualquer modo, estou cagando e andando. Faça seu serviço e fique de boca calada.

O primeiro guarda balança a cabeça.

– Tudo bem.

E somente depois de ficarem marchando de um lado para o outro calados, durante um longo tempo, foi que ele acrescentou, desculpando-se:

– É como um dente esburacado. A gente fica sempre botando a língua dentro, quer queira quer não.

Os bandos de pássaros negros ao alto circulam e circulam sem nenhum ruído. Finalmente, o primeiro guarda não suporta mais.

– Corvos – diz em voz baixa mais para si mesmo – são anjos disfarçados.

O outro tem um acesso de tosse.

– Besteira! – proferir roufenho. – São gralhas, gralhas comuns. Existem poucos corvos.

– Anjos também – opina o primeiro encarando o outro de passagem.

– Besteira! – repete o segundo soldado, mas dessa vez sua voz soa sem forças e chorosa. – Se eles existem mesmo, então existem como a areia do mar. Mas não aqui, não ao nosso lado.

– Então onde?

– Em outros tempos.

Na troca de armas seguinte, o primeiro guarda pergunta:

– Você já olhou do outro lado?

– Atrás da porta? Não. Por quê?

Uma longa pausa na conversa, enquanto ambos realizam seu cerimonial de dança. Finalmente o primeiro diz:

– Proibido não é.

– Permitido também não – replica o outro. – De qualquer maneira, vai contra as prescrições do nosso serviço.-

– Mas nelas não está dito de que lado da porta os guardas devem marchar.

Eles prosseguem em sua marcha, encontram-se uma, duas, três vezes, e se encaram calados. Depois, repentinamente, como que obedecendo uma combinação, os dois mudam de direção ao mesmo tempo e andam em volta do muro caminhando com dificuldade na neve, que nesse ponto ainda está alta e intacta. No encontro, o segundo guarda diz aliviado:

– Eu bem que disse!

– Não há nada lá atrás – responde o primeiro. – O outro lado tem a mesma aparência deste.

– A porta não leva a lugar nenhum – confirma o segundo.

– Agora você sabe.

Ambos retornam para seus lugares anteriores e retomam o ritual de guarda. Mas já na próxima troca de armas, o primeiro soldado recomeça teimosamente.

– Mas então por que ela tem de ser vigiada?

– Pele amor de Deus, cara! Talvez seja apenas uma velha tradição de eras pré-históricas, quando isso aqui era a entrada para algum lugar.

O primeiro guarda lança um olhar de dúvida para a porta verde que parece ser uma porta de casa comum e murmura transigente:

– Você acha que agora ela só está aí?

– Simplesmente isso – diz o outro extenuado –, desde antes.

É visível que o outro reprime durante algum tempo outras perguntas que tinha a fazer, ambos marcham de um lado para o outro, batem os calcanhares, fazem a volta, dão uns passinhos miúdos e, com os hesitantes passos antes descritos, caminham de volta ao outro. O primeiro guarda vê o medo e a raiva nos olhos de seu camarada e, por isso, diz na troca de armas seguinte com um sorriso fraternal:

– Talvez você tenha razão. Tudo isso vem de outros tempos. Nós também.

Mas o outro notara algo com o canto do olho.

– Quietos! – sussurra ele. – Fique de boca calada! Tem alguém vindo aí. Agora estamos fritos.

O outro não se atreve a virar a cabeça.

– Será que nos observaram?

– Claro, senão por que estariam vindo? Até agora nunca veio ninguém.

– Quem é?

– São dois.

– Você os conhece?

– É... a filha do velho!

– E quem mais?

– Um sujeito jovem. Não tenho idéia. Cara, vê se fecha esse focinho.

Ambos os guardas batem continência e ficam em posição de sentido, pálidos como bonecas de cera.

Uma moça com casaco de pele se aproxima. Não tem nada na cabeça, seus exuberantes cabelos vermelhos formam um coque na nuca. Seu rosto pálido é pequeno, belo e duro corria um camafeu. Atrás dela vem pela neve um jovem de pele morena que, sob a capa de chuva aberta, veste o apertado e luxuoso traje de um matador. A esquerda ele traz na capa purpúrea a espada embainhada. A moça pára diante dos restos do muro, sem virar-se, e então ele a alcança.

– Isso aí? – pergunta ele um pouco ofegante e sorri incrédulo. – É sério?

– Vocês podem ir – diz a moça para os dois guardas, sem olhar para eles.

Os dois soldados não sabem se a frase foi dirigida a eles e não se atrevem a se mexer. O primeiro diz ao acaso:

– Temos ordens estritas.

A moça vira-se para ele e o examina. Pode-se ver que a língua dele se congela entre os dentes.

– Vocês me conhecem?

O segundo guarda torna a bater continência.

– Às ordens, alteza.

– Bem – diz a moça –, podem ir.

– Mas o senhor seu pai, o rei, ordenou que ninguém...

A moça interrompe-o.

– Assumo a responsabilidade. Aliás, meu pai está sabendo. Chamo vocês quando puderem retornar.

Os dois soldados trocam um olhar, encolhem os ombros e obedecem a ordem. Quando estão fora do alcance dos outros, eles param e esperam, enquanto ela se vira de costas para eles. Somente de vez em quando um deles ousa um rápido olhar por cima do ombro.

– Portanto – diz o jovem ansioso por entrar em ação – quando se entra por essa porta, a pessoa chega... onde?

– Isso depende – responde a moça com ar indiferente.

– De quê?

– De quem passe pela porta. E de que lado. E de quando. E do porquê.

Ela se senta nos degraus e puxa o casaco de pele estreitando-o no corpo. Ele a contempla sorrindo. Em seguida, curioso, anda em volta do muro.

– Os dois – diz ele ao retornar, apontando com o polegar por cima do ombro – queriam saber também.

– É possível – murmura a moça –, mas quem quiser saber, deve atravessar a porta.

O jovem senta-se ao lado dela. Pousa o braço em seu ombro, mas ela o repele com um movimento impaciente. O jovem ri baixinho.

– Está se divertindo comigo, não?

A moça vira o rosto para ele e o jovem estremece como se sua própria morte o tivesse fitado, depois ela torna a olhar para a frente e pergunta falando para a planície branca:

– A sua profissão é herói?

O jovem matador recompõe-se e, mais uma vez, apresenta um sorrisinho.

– Bem, sim, como dizem. Eu só tento acabar com meu medo.

– Medo? – pergunta a moça com um tom de voz, como se a palavra lhe fosse completamente estranha.

– Da morte – responde o jovem –, minha natureza é covarde... como a da maioria dos homens. Tenho medo da morte. E por isso que treino para ela.

– Você já morreu alguma vez? – pergunta a moça. – Quantas?

O jovem estuda-lhe o perfil para descobrir se ela estava brincando, mas não consegue. Ele suspira com devoção e diz mais para si mesmo:

– Para dizer a verdade, ainda não pensei nisso seriamente.

A moça balança a cabeça e diz duramente:

– Sim. Você pode conseguir.

– Você acha que vou derrotá-lo?

– Derrotar? – repete ela espantada. – Ninguém pode derrotá-lo. Já será muito se você o encontrar nesse labirinto.

– E por que você, princesa, acha que vou conseguir?

– Porque você é uma criança – diz a moça, sem nenhuma ofensa na maneira como diz –, talvez uma criança cruel, tola, mas de qualquer maneira criança. Isso exerce uma atração irresistível sobre ele. Acho que ele se deixará encontrar por você.

– E qual a atração que ele exerce sobre você – pergunta ele, respira fundo e balança a cabeça com ar grave.

Ela olha para a frente durante algum tempo antes de responder:

– Nenhuma.

– Você acha que sou estúpido, não? Talvez tenha razão. Mas me parece que quando se quer fazer alguma coisa, deve-se ser um pouco estúpido. E, princesa, estou mais interessado em fazer alguma coisa do que em justificar isso.

A moça observa-o atentamente e com simpatia.

– Qual a sua idade? – pergunta ela.

– Vinte e um. Portanto, sou maior de idade. E você?

– Tenho três mil anos – diz ela sem sorrir. – Você me acha bonita?

A conversa o deixa um pouco desnortado. Ele engole em seco.

– Ouça, quero lhe pedir uma coisa. Se eu entrar ali agora... quero dizer, talvez, pode ser que eu...

– Oh, sim – diz a moça impassível –, pode ser. Até hoje ninguém voltou.

O jovem matador fica embaraçado, bem acanhado.

– Não me entenda mal, princesa, ou melhor... Acontece que não tenho nada que me ligue a este mundo aqui fora, nenhuma família, nenhuma... amada. E eu penso que pode ser que existam situações em que a sensação de estar sendo esperado, dê força à pessoa e o torne corajoso.

A moça balança a cabeça.

– Meu pobre rapaz – diz ela –, você acha mesmo que o mundo aqui fora não pertença ao labirinto? A existência desta porta faz com que não haja mais nenhum lado de fora, nenhum lado de dentro. Também este mundo aqui fora é apenas um dos muitos sonhos que você sonhou e sonhará.

O jovem matador olha perturbado para dentro e balbucia:

– Mesmo assim! A maioria dos heróis dos quais ouvi, tinha consigo algum tipo de recordação, uma prenda de simpatia, de amor, um talismã.

A moça não faz nenhuma menção de ajudá-lo em seu embaraço. Ela o encara de cheio, mas como que distante.

– Alguma vez você já pensou – ela perguntou devagar – que é o meu meio-irmão que você abaterá?

O sangue foge do rosto do jovem.

– Não, de fato nunca pensei nisso. Ninguém do seu meio falava sobre isso, de modo que pensei... Perdoe-me, meu pedido foi sem tato e rude.

– Você achava – a moça continua a perguntar – que ser herói era fácil? Você achava que bastaria não refletir para fazer o certo e evitar o errado? Se fosse só matar, então o mundo estaria cheio de heróis.

– Mas afinal – opina o jovem desamparado –, afinal ele é só um cabeça de touro, um monstro, um erro da natureza, uma pessoa que exige sacrifícios humanos.

– Como é que você sabe disso tudo? – pergunta a moça suave.

– Contam por aí. Todos dizem isso. Seu pai também, até mesmo sua mãe, que o pariu...

– Ah, sim, sempre as velhas histórias – responde ela cansada – com as quais se tenta diferenciar o bem do mal. Mas na lembrança do mundo tudo é único e necessário.

E depois de um curto silêncio, ela acrescenta:

– E onde iriam parar todas as lembranças do mundo se as tivéssemos esquecido?

– Mas aqueles que entraram nessa porta antes de mim – diz o jovem perturbado –, ele os devorou!

– Não nos lembramos de ninguém, como podemos saber o que aconteceu com eles?

O jovem matador se levanta. Está pálido em sua pele morena, seus olhos brilham como que febris.

– Vou já descobrir o que aconteceu com eles!

Mas a moça torna a balançar a cabeça.

– Você também não será um herói, pobre jovem. Herói é aquele sobre o qual as pessoas podem contar histórias, por isso ele precisa ficar no mesmo sonho, na mesma história daqueles que a contam. Mas nossa lembrança chega apenas até esse limiar aqui. Aquele que o ultrapassar, sai do nosso sonho.

– Em compensação – diz o jovem corajoso – eu vou contar sobre você ao seu meio-irmão quando o encontrar. Não vou lhe esquecer.

Ele galga os três degraus e pousa a mão na maçaneta. Mas hesita e se vira.

– Realmente – diz ele em voz baixa –, você não vai me dar nada?

A moça sorri pela primeira vez, parecendo por isso mesmo triste.

– Você quer dizer um fio de cabelo, o qual possa tocar depois de realizar a façanha? Não serviria para nada, meu amigo, pois assim que esta porta se fechar atrás de você, você não saberá mais nada de mim e eu mais nada de você. Você nem ao menos saberia o que significa o fio que traz na mão e o jogaria fora. Você passará por muitas transformações, de um quadro para o outro. E todas as vezes acreditará estar despertando e não se lembrará do sonho anterior. Você cairá do interior no interior do interior e assim por diante até o interior mais interior, sem se recordar, através da vida e da morte, e será sempre um outro e sempre o mesmo, ali, onde não existe nenhuma diferença. Mas aquele que você quer matar, você jamais o alcançará, pois quando o tiver encontrado, você terá se transformado nele. Você será ele, a primeira letra, o silêncio, que tudo antecede. Então você saberá o que é a solidão.

Ela pára como se tivesse falado demais, mas depois de algum tempo acrescenta:

– Não, não posso lhe dar nada, nem mesmo este beijo.

Ela se levanta e o beija. Ele o aceita de braços pendentes e tem a impressão de nada mais ser que um nome de há muito esquecido.

– E você? – pergunta ele. – Você pelo menos conservará esse beijo que ninguém recebeu de você?

– Não – diz ela –, vai!

Então ele se vira rapidamente, gira a maçaneta, a porta se abre facilmente e ele entra. A moça fica parada, imóvel, até que esta torne a se fechar.

Um dos soldados cutuca o outro.

– Afinal que está fazendo ela ali? A porta se abriu e se fechou.

– Não tenho idéia – diz o outro.

Eles vêem que a moça lhes acena, correm para ela e se apresentam.

– Sinto muito – diz a moça em voz baixa.

Os soldados encaram-se perplexos.

– De quem a senhora sente pena, alteza! – pergunta o primeiro.

– De ninguém – responde ela –, estava pensando em meu irmão atrás dessa porta, em meu pequeno irmão Hor.

E enquanto ela se vira e se afasta, murmura mais uma vez:

– Pobre, pobre Hor.